

ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 11 DE MAIO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 379 ANO 51.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpitantes para o concurso desta semana?
Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda...

totoBOLA



BARNARD — Sexta transplantação cardíaca

Terminou com êxito a sexta transplantação realizada por Barnard

CIDADE DO CABO, 11 — O professor Christian Barnard concluiu às primeiras horas de hoje a sua sexta transplantação cardíaca numa operação que durou mais de seis horas.

Um boletim do Hospital Groote Schuur disse que o paciente — um branco de 45 anos chamado Dirk Van Zyl — se encontra em estado satisfatório.

O hospital, em obediência à legislação vigente, não revelou a identidade do dador do coração, mas os jornais afirmam hoje tratar-se de um jovem mestiço de 20 anos.

O boletim médico diz, no entanto, que pouco antes da operação, que começou ontem à noite, o estado de Van Zyl agravou-se de tal modo que o seu coração parou quando já estava sob o efeito da anestesia. Os médicos conseguiram, porém, reanimá-lo com choques eléctricos e massagem sobre o esterno.

Esta foi a 159.ª transplan-

tação cardíaca efectuada até hoje no Mundo desde que o professor Barnard a 2 de Dezembro de 1967 efectuou a primeira. Louis Washkansky, o primeiro homem a receber um coração estranho, viveu apenas 19 dias.

Dos pacientes anteriormente operados por Barnard apenas um continua vivo. Trata-se de Dorothy Fisher, uma mulher de cor com 35 anos.

(Continua na 15.ª página)

EM PORTUGAL NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

DIMINUIRAM 50 % AS MORTES POR TUBERCULOSE

O decréscimo da mortalidade pela tuberculose para metade, dos últimos cinco anos, bem como a diminuição nítida dos parâmetros da doença foram hoje postos em relevo.

As citações dos números significativos foram feitas no acto inaugural de mais um dispensário do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, a que foi dado o nome do dr. Lopo de Carvalho (pai), no Bairro Girassol, à Venda Nova.

«Os parâmetros da tuberculose no nosso País têm diminuído de maneira apreciável», segundo afirmou, o subdirector do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, dr. Eduardo Vilarinho, no acto inaugural.

E acrescentou: «O número

de novos casos foi, em 1965, de 174 por 100 000 e, em 1970, de 114 e a mortalidade nos mesmos anos, respectivamente, 30 e 15.»

O dr. Eduardo Vilarinho usou da palavra em nome da Direcção do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos para dar conhecimento da forma como se programou a cobertura das populações que constituem o conjunto urbano e industrial de Lisboa e apontar alguns princípios a que deve obedecer a luta contra a tuberculose.

Depois de assinalar que a cidade dispõe de 5 dispensá-

rios centrais que hoje «já não satisfazem os fins que se lhes atribuem» o dr. Eduardo Vilarinho afirmou que a localização céntrica de três deles não corresponde à distribuição dos habitantes, dada a rarefação cada vez mais acentuada da zona habitacional do centro da cidade.

Falou em seguida do crescimento das áreas da periferia que levou à construção de um dispensário em Almada, a funcionar há três anos e do dispensário da Venda Nova, a funcionar desde o dia 3 do

(Continua na última página)



O célebre manequim inglês

ADEUS AOS TRAPOS VIVA O CINEMA!

PORTSMOUTH, 11 — (A. N. I.) — O conhecido manequim inglês Twiggy abandonou a sua carreira para se dedicar ao cinema. Sempre magra, encontra-se em Portsmouth, onde filma uma película musical. Twiggy tomou muito a sério a sua nova carreira.

Sofia Loren usa agora jóias falsas

NOVA YORK, 11. — (A. N. I.) — A actriz italiana Sofia Loren, a quem roubaram jóias no valor de meio milhão de dólares (cerca de 14500 contos) da última vez que esteve nos Estados Unidos, em Outubro, chegou ontem a Nova York, tendo declarado aos

jornalistas que usa agora «jóias falsas».

«São de tal maneira bem imitadas que se parecem muito com as verdadeiras» — acrescentou.

Sofia, começará muito em breve a filmagem de uma nova película intitulada «Mortadella».



ESTE HOMEM JÁ VENDEU MAIS DE 600 MIL LIVROS

Este homem bem disposto, com loja de livreiro na esquina do Calhariz para a Bica Duarte Belo, promove hoje o seu 300.º leilão de livros. São mais de 600 mil volumes que ele vendeu até agora. Dois números que fazem jus a conversa que com ele tivemos e que reproduzimos na 8.ª página.

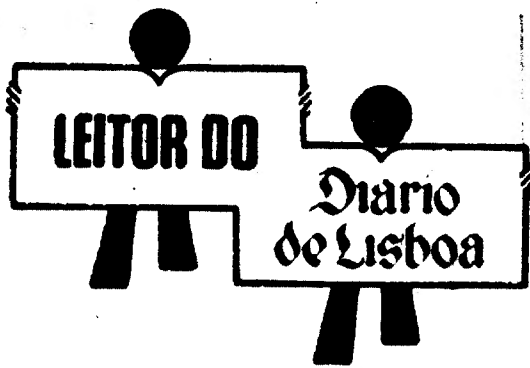
Três apartamentos em Paco de Arcos

LEITOR DO

Diário
de Lisboa

Em Paco de Arcos, está a promover-se a realização de um grandioso plano de urbanização, de acordo com as solicitações do progresso e do aumento sempre crescente da população. A poucos minutos do centro de Lisboa, Paco de Arcos so-

(Continua na pág. seguinte)



Continuação da pág. anterior:

bronceira ao mar, é localidade acolhedora e de ambiente agradável. Pois é, exactamente, em Paço de Arcos que se localizam os três apartamentos, mobilados e construídos por J. Pimenta, S. A. R. L., que constituem os três primeiros prémios da segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal.

Situam-se os apartamentos em edifícios grandiosos, modernos, perfeitamente funcionais, que se erguem no Bairro Comendador Joaquim Matias, num dos

mais invejados locais da Costa do Sol e que em breve será importantíssima zona residencial. Os apartamentos, especialmente concebidos para férias ou fins-de-semana, embora possam, naturalmente, servir para habitação pois dispõem de todo o equipamento indispensável, caracterizam-se, principalmente, pelo seu conforto, bem de acordo com as exigências da vida moderna. A decoração actual e o mobiliário obedecem ao estilo prático funcional que presidiu à criação do conjunto urbanístico que Empreendimentos Turísticos J. Pimenta — S. A. R. L. está a realizar em Pa-



O imponente conjunto de edifícios, já por si importante zona residencial, que se integra no vasto plano de urbanização que Empreendimentos Turísticos J. Pimenta, S. A. R. L., estão a realizar em Paço de Arcos

ço de Arcos. Foram já inúmeras as iniciativas impulsionadas no campo das obras públicas e da construção civil pela empresa levados a efeito. Uma das mais impressionantes facetas do espírito realizador que oferece verdadeira fase de renovação é a construção de grandes blocos residenciais, de tão profunda influência na evolução urbanística e social das cidades e outras importantes zonas populacionais do país.

Em Paço de Arcos, a cem metros da praia, com surpreendente vista para o mar e bem próximo, também, da estação de caminho-de-ferro, Empreendimentos Turísticos J. Pimenta, S. A. R. L. estão a completar o seu grandioso centro urbano, cujas características são próprias, também, de complexo turístico de anjoado recorte e dimensão. Dispondo de fáceis acessos e de uma estrutura funcional bem ponderada, a vasta zona residencial compreende já 2000 habitações — apartamentos e andares mobilados —, todas indicadas para residência ou para rendimento. Zona de rápido desenvolvimento e valorização, de desanuviados horizontes e sem os efeitos nocivos da poluição é local magnífico de onde se abrangem deslumbrantes conjuntos panorâmicos.

Exactamente ali três leitores do «Diário de Lisboa» vão passar a ser proprietários: três apartamentos em Paço de Arcos são prémios fabulosos que todos cobijam. Mas o primeiro dos apartamentos (que constitui o primeiro prémio da nossa iniciativa) completa-se da maneira mais apetecida: com um excelente automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco

lugares. Prémios magníficos estão, portanto, ao alcance de quantos tomam parte na nossa

iniciativa. Vale, sem dúvida, a pena continuar a ser leitor do «Diário de Lisboa».

PRÉMIOS PARA AGENTES E VENDEDORES

- 1.º — UMA CARRINHA «CITROEN - AK-400» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 2.º — UMA MOTORIZADA «SACHS - MINOR» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 3.º — UMA MOTORIZADA «SACHS - MINOR» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 4.º — UMA MOTORIZADA «SACHS - MINOR» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 5.º — UMA MOTORIZADA «SACHS - MINOR» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 6.º — UMA MOTORIZADA «SACHS - MINOR» E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 7.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 8.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 9.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 10.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 11.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 12.º — UM CONJUNTO DE VESTUÁRIO E UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 13.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 14.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 15.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 16.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 17.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 18.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 19.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»
- 20.º — UM RELÓGIO «VULCAIN»

RESUMO DO REGULAMENTO

A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL, o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1500 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa»

receberá o mesmo número do cupão-duplo.

O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios, já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

O leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de falta de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na residência indicada pelo leitor no cupão-duplo de identificação, a partir do dia seguinte após a realização do sorteio, entre

as 19 e as 21 horas, sendo feito por um delegado do «Diário de Lisboa» e um representante da autoridade policial da localidade onde reside o leitor participante.

No caso do participante não ter colecionado o número suficiente de «cabeçalhos», o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes.

O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa, pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971 data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

NEM TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

O Gato português é de telhado e trapeira — e olho vivo. Anda na réstia do sol possível, no equilíbrio da telha vã e no muro crivado de cacos de vidro. Espinha de peixe, e de preferência com alguma lembrança a maresia, eis o seu quotidiano — e o resto vem da aventura que Deus facilitou: o pássaro de asa quebrada, o ratito menor, e por aqui me sirvo.

Daí que este gato, quando não se empoleira na excepção nem dispõe de rendas vitalícias fornecidas por veias de ren- alerta t a ler sempre nas en- trelinhas. Ainda mal o olha- mos à distancia razoável de trinta metros já ele se refu- giou no primeiro abrigo, con- vencido de que, pelo sim e pelo não, anda pedrada em perspectiva, nunca se sabe.

O gato inglês, pelo contrá- rio. Tem as imunidades de uma sociedade em (aparente) paz com a natureza, faz parte, como toda a gente sabe, e até eles, do Establishment. Comer, come carne, exclusi- vamente carne (enlatada na maior parte dos casos, como se prova nos anúncios da te- levisão dedicados à sua linha alimentar) e só por aqui já se vê que ocupa uma posição de real consumidor na per- missiva society. O gato com todas as letras, Mr. Cat, e no

fundo dos seus privilégios um autêntico Aristocat ou Aris- togato que acredita no Times, que o lê pelas linhas e nunca por trás nem por dentro. Des- confia-se que sobe às árvores,

de si. Criaturas de pouco miar porque não precisam de se convencer de que estão vivos, tanto mais que a tele- visão, os jornais e as ligas protectoras lhes prestam as homenagens diárias de os dis- cutir e a apoiar. Gatos em clube, why not?

Mas — atenção, bicharada — eu estava ali a observá-los. E, todo muito português, fui avançando, olhos nos olhos. Para meter medo, já se sabe, por puro diletantismo.

Mas os gatos, nada. Encara- ram-se com o desinteresse com que uma capital de onze

no espectáculo social) em al- terações tão profundas ao cabo de meia dúzia de meses?

Os velhos gatos de Golders Green e os que a esta hora se passeiam neste mesmo bairro do West End onde es- tou redigindo estas lembranças, os aristogatos da burgue- sia de Holland Park ou os frequentadores dos pubs ir- landeses de Beckenham, lá para o sul — o *catus britan- nicus*, numa palavra, e as suas variantes legítimas — conti- nuam instalados no estatuto e na apatia da tradição. Mas à volta a cidade é outra. Nas escolas acabou-se o leite grá- tis, nos museus passou-se a cobrar entradas, a medicina socializada vai deixando de o ser para regressar às tarifas de policlínica; subida de pre- ço no carvão, na gasolina, pão, transportes e em todos os etes, que estão na basezinha da subsistência — e, para com- pensar, manutenção dos im- postos de saúde, embora a saúde já não seja a baixo pre- ço como antigamente.

Nesta paisagem de tranqui- la escalada económica, o in- glês médio refugia-se na tele- visão que tem fama de ser de alta qualidade. BBC 1, BBC 2, ITV... os canais são os de sempre e a cor mantém-se fiel. Somente as verbas de produção foram reduzidas e os programas empobreceram. Pior: começam já a perceber- se certas invasões de para- sitas muito frequentes nos *deans* dos países subdesen- volvidos.

Um gato português admi- rador de Mário Castrim ficaria rapidamente elucidado com o espectáculo. Percebe- ria que também nas Ilhas Nevoentas se tinha inaugurado a modalidade das vedetas obrigatórias à maneira de Cidália Meireles e que aqui se chama John Wayne e Bob Hope, exploradores enfatu- dos do direito americano. Não se espantaria de modo nenhum com as novas rubricas da Twenty Century Fo- cus destinadas a incidir uma luz didáctica sobre os males do socialismo nem ficaria assim, tão indiferente, perante a súbita inflação de filmes da série C provocada por Mr. Murdoch, agora também pa- trão da TV comercial.

Enfim, o melhor é desligar.

No dia seguinte, os gatos britânicos, ignorantes do se- bastianismo mas adeptos das brumas como nenhuns outros, esqueceram (ou antes, prote- laram) as imagens do *écran* doméstico e, sem Castrim para os assustar, regressam ao *foot- ing* matinal e ao *pub* do pôr do sol. Lêem o Evening Stan- dard confiados na perenidade das instituições democráticas e ao correr das linhas — nunca entre; pensam em que é Abril e que portanto vem aí a Primavera. São assim, e honra lhes seja feita. Só que, por falta de hábito, não sa- bem subir às trapeiras em caso de emergência. De modo que, conversando, repousada- mente e sem olhar para as entrelinhas, correm o risco de ser atropelados por qualquer condutor apressado que não os identifique como aristoga- tos de velhas e seculares tra- dições.

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

mas por simples exercício campestre — não está pro- vado.

HA muitos anos, já o gato londrino era gato, assis- ti a um *meeting* de uns tan- tos lá para os lados de Gol- ders Green. Parque outonal, vivendas a escorrer vinha vir- gem, e em plena via pública os aristogatos da burguesia local. Discretos e senhores

milhões de habitantes vê apro- ximar-se um turista sem «A to Z» e nem se deram ao trabalho de perguntar uns aos outros o que é que este quer. Em face disto ensaiei nova táctica: pus-me a fingir que arremessava pedras — e agora?

Agora, muito aristogatos, os exemplares londrinos fita- ram-me com alguma curiosi- dade mas continuaram em clube: meditando, gozando o entardecer. Com toda a pro- babilidade desconheciam esse argumento-chave no diálogo entre o homem e o gato que é feito à base da pedrada li- geira, deduzi eu.

Bem, estava eu a arreme- sar vento com os punhos para assustar a indiferença, quan- do descobri noutro ponto da rua um cavalheiro a obser- var-me. Não parecia inquieto nem curioso, mostrava-se de certo modo gato, também: admirado com tanto gesto va- zio e sem para quê.

Então apanhado de surpresa naquela figura, o meu desejo foi subir à primeira árvore ou esconder-me num telhado qualquer.

AGORA, 1971, os gatos britânicos continuam impassíveis ocupando em plena liberdade os parques e os *écrans* publicitários. Estão como querem, pensam — e a Ilha é grande. A Inglaterra vê chegar Mr. Heath com o seu sotaque de Cambridge, King's College e outros per- gaminhos, mas tem tempo, não se precipita. Alimentos, transportes, gasolina, carvão, tudo sobe numa corrida certa, ritmada, enquanto as greves desanimam e a inflação con- tinua.

Entretanto, tudo quanto está nacionalizado e dá dinhei- ro irá passando para as mãos particulares, tudo quanto é particular e dá prejuízo pas- sará para a conta do Estado — e não há motivo para alar- mes porque se trata de uma táctica (torá) como qualquer outra. Senão, veja-se a Rolls- Royce que teve promessas de nacionalização e os *pubs* admi- nistrados pelo Estado que irão cair no comércio privado por causa de estarem a dar lucros... *God Save England*.

Como é que um resultado eleitoral se traduz (até no comportamento das pessoas e

NOTA

QUEM MANDA EM QUEM?

UMA ANOTAÇÃO aqui feita, não há muitos dias, sobre o desaparecimento de duas personalidades que ocupavam postos «top» na administração de duas grandes empresas privadas teve já, num dos casos, a resposta das realidades, com a designação de quem, porventura portador de qualificações que terão certamente decidido a escolha, transportava e transporta em si qualidades e títulos circunstanciais que, na emergência, nos pareceram dever ser apontados como desrecomendação. Em tese, é esse o caso. Passando ao concreto, não se trata nem por um instante de pôr em dúvida os predicados da personalidade sobre quem recaiu a escolha.

Mais concretamente, o problema abordado é o da alegada inconveniência, de serem os lugares de direcção do mundo dos negócios preenchidos por quem venha de exercer ou tenha exercido funções de relevo em posições políticas do sector público. Mais concretamente ainda: o público vê com mani- festa desconfiança que as pessoas cessem de exercer cargos no Governo para transitarem para a adminis- tração de empresas, interpretando tal trânsito como um sinal contrário da sua rudimentar mas saudável concepção de jogo limpo. Chamando às coisas pelo seu nome, o público vê isto com suspeita.

Não temos presente onde, mas julgamos não estar a inventar nem a atribuir a outrem opiniões que sirvam para valorizar um raciocínio nosso, cremos que o prof. Marcello Caetano já uma vez achou conveniente abordar este problema para sobre ele exprimir alguns conceitos ou algumas lições da experiência em ter- mos que, pela sua lógica, deveriam referir-se às posições de administradores por parte do Estado ou de delegados do Governo em empresas onde o Estado tenha interesses próprios ou posição de ca- pital. Naturalmente o Estado escolhe, para tais pos- tos de confiança, quem tenha isso mesmo: a sua confiança.

Todavia, nem sempre as situações são tão claras como isso. Muitas vezes não se trata de velar pelos interesses do Estado, nem se trata de escolhas feitas pelo Estado, mas de atrair a postos que na genera- lidade se julgam altamente compensadores (e às vezes até são) pessoas cujo principal «curriculum» se traduz por passagens mais breves ou mais longas pelas cadeiras do Poder. E, efectivamente, há exem- plos tanto para uma como para outra das duas hipóteses. Certamente que isto é susceptível de in- terpretações que poderão não ser sempre justas mas são sempre desagradáveis e incómodas. É preciso velar, parece-nos, para que tal não aconteça.

Cada país tem a sua ética, os seus hábitos, a sua experiência e as suas conclusões. Nos Estados Uni- dos usa-se bastante ver o chefe do Executivo ir buscar colaboradores imediatos ao sector privado. E a verdade é que onde o público está habituado a ver ministros serem escolhidos pela rodagem admi- nistrativa que fizeram à frente de grandes empresas também se aceita o caminho ao contrário, isto é, que regressem da administração pública à adminis- tração privada. Mas nos Estados Unidos criou-se e continua a correr o axioma de que «o que é bom para a General Motors é bom para o país». Entre nós, porém, da primeira parte da viagem não se pode dizer que ela tenha sido frutuosa.

Tudo isto implica a definição ou a redefinição de regras que têm alguma coisa com a moral admitida, a moral que preside ao funcionamento das instituições e que, parece-nos, continua a reclamar que o poder político e o poder económico sejam suficientemente diferen- ciados para que não seja ou pareça ser afectada a independência do primeiro, que não só nos rege a todos nós como há-de estar em condições de reger também o segundo daqueles dois. Sabemos muito bem que na sociedade do nosso tempo não é tão grande como já foi o fosso entre o sector público e o sector privado e que este está cada vez mais sob controlo daquele. Mas o risco do contrário é que não se aceita. Nem mesmo na aparência.

**ESPAÇO
CONFORTO
ECONOMIA**

5 portas, 5 pessoas e muita bagagem, à vontade, confortavelmente, por qualquer caminho. Banco traseiro re- batível. Consumo e manu- tenção incrivelmente baixos.



Break

ami

CITROËN

Caramba

**LUBRIFICANTE
E DISSOLVENTE
DA FERRUGEM**

COFRIEL — Rua da Boavista, 180-1.
Telefone 69 00 57 — LISBOA-2

GARAGEM

Pretende-se tomar de arrendamento, capaci- dade para dois automóveis pelo menos, na zona da Maternidade Alfredo da Costa. Res- posta a este jornal ao n.º 802.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

novos casinos estoril

Novo Casino Estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

VIRGINIA VEE
VEGETA NORTE-AMERICANA DA CANÇÃO

MARIA VALEJO **GERD MARON**
ILUSÃO E FANTASIA

BENTYBER DANCERS
com **lindsay dolan**

«OS FLIERS» • «OS MODS»
FERRER TRINDADE e sua orquestra

IVORY WILDE
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos

NO WONDER BAR À 1,0H. maiores de 21 anos
TELEFONE 26 45 21

CÁSA DA COMEDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22

HOJE, às 22 h.

O FIM
de ANTÓNIO PATRÍCIO

Marcações — Tel. 67 72 99
(Maiores de 17 anos)
Subsidiado Fundo Teatro

AGUARDENTE VELHA Niepoort
a prova está na prova

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

IGREJAS CAEIRO
APRESENTA A OUSADA COMÉDIA DRAMÁTICA DE INTENSA VIBRAÇÃO com **MÁRIO PEREIRA** NO PROTAGONISTA (M. 17 anos)

Jogos de Sociedade
de J. J. ALONSO MILLAN

Os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50 % de desconto

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

20.ª Secção de Actividade «TRANSPORTES E TURISMO»

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 57.º e do n.º 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 27 de Maio de 1971, às 21 horas, nas instalações do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, na Rua do Alecrim, 46-1.ª, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação e Votação do Relatório da Comissão Directiva, relativo ao ano de 1970.

Se a hora marcada não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar, a Assembleia reunirá meia-hora depois com qualquer número.

Lisboa, 12 de Maio de 1971.

A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

RUA BRAAMCAMP, 9-2.ª

ORGANISMOS CORPORATIVOS

Este sector de actividade anuncia para as 21,30 h., na R. do Alecrim, 46-1.ª, e no decorrer deste mês, as seguintes reuniões:

11 — Com os trabalhadores dos Organismos Corporativos de Carácter Obrigatório.

12 — Com os trabalhadores ao serviço em organismos Facultativos.

No dia 10, teve lugar uma reunião com os profissionais ao serviço da Lavoura. Todas estas sessões de trabalho são consequência da recente homologação do Estatuto dos Organismos Corporativos.

Lisboa, 10 de Maio de 1971.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Um documentário com as «misses» e os repórteres

A reportagem filmada da jornada de confraternização de Troia entre repórteres fotográficos de Lisboa e as candidatas ao título de «Miss Portugal» foi ontem apresentada nas instalações da Telecine Moro e começa hoje a ser exibida — incluída no jornal de actualidades «Rivus Pathé» — em sete cinemas de Lisboa e em dois do Porto.

O breve apontamento filmico tem fotografia (a cores) de José Manuel Caixeiro, coadjuvado pelo assistente António Magalhães.



«VIDAS PROIBIDAS»

REALIZAÇÃO — Marc Simenon, 1970 (França).

INTERPRETES — Mylene Demongeot, Jean-Claude Bonillon, Alida Valli, Philippe Monnet, etc.

DISTRIBUIÇÃO — Exclusivos Triunfo.

ESTREIA — Cinemas Eden e Alvalade (6-5-71).

«Vidas Proibidas» ou o perigo dos cogumelos. Não o dos venenosos. Mas daqueles que servem de alucinogénios. Expliquemos: uma senhora, por acaso pintora e (por acaso também interpretada pela ainda bela Alida Valli), serve-se de cogumelos para penetrar no mundo dos «paralísos artificiais». Um cogumelo



Mylene Demongeot

cozinheiro por Alida Valli levava a mais delirantes viagens pelo desconhecido (concordemos: um cogumelo preparado pela Valli deve levar-nos sabe-se lá aonde) Como não há crime sem castigo, a senhora aparece estrangulada. Se o filme até aí era medíocre, daí em diante é intragável. Marc Simenon tenta o policial sem qualquer chance. Pretencioso e sem talento, Simenon define-se de forma alucinantemente inapta. Enfim: Vidas proibidas...

«UM TREM PARA DURANGO»

TITULO ORIGINAL (versão inglesa) — «A Train for Durango».

REALIZAÇÃO — Mario Caiano, 1969 (Itália).

INTERPRETES — Anthony Steffen, Enrico Maria Salerno, Mark Da.

«Beijos Roubados» na clássica do Império

O Grande Prémio do Cinema Francês, o Prémio Louis Del-luc e o Prémio Méliès foram atribuídos a «Beijos Roubados» de François Truffaut, filme onde o realizador prossegue a linha auto-biográfica iniciada com «Os 400 golpes».

Jean-Pierre Léaud e Delphi-ne Seyrig são os principais intérpretes desta obra que o Império seleccionou para a sessão clássica de amanhã, às 18 e 30 horas.

mon, Dominique Bacher, etc.

DISTRIBUIÇÃO — De-perfilme.

ESTREIA — Cinema Avis (7-5-71).

Western italo espanhol. O cenário é o México. A época tem a ver com Panchito Villa. A história fala-nos de um grupo de mexicanos, mais ou menos ligados à revolução, que lutam por um cofre de ouro. Assalto aqui, roubo acolá, e o ouro em constante perigo, aguçando a cobiça dos homens. Caiano entra na perseguição e pretende também o seu naco. A verdade é que não o merece. De contrário não haverá justiça neste mundo...

«O DISTRAÍDO»

TITULO ORIGINAL: «Le Distrait»

REALIZAÇÃO: Pierre Richard (França)

INTERPRETES: Pierre Richard, Bernard Blier, Maria Pacôme, Paul Préboist, etc.

DISTRIBUIÇÃO: Astória Filmes

ESTREIA: Cinema Tivoli (10-5-1971).

Pierre Richard, actor, estreia-se como argumentista e realizador. «O Distraído» assinala o acontecimento que a publicidade quer comparar a Tati ou Étaix. A verdade é que Pierre Richard não possui nem a originalidade, nem o talento dos grandes cómicos, ainda que revele qualidades e certa intencionalidade na construção de (alguns) gags.

«O Distraído» coloca-se, no entanto, e desde início, sob a égide de vários cineastas de quem Richard bebe visível inspiração: Mac Laren (no genérico), Jerry Lewis (durante a projecção de filmes publicitários), Tati ou Mr. Hulot (atravessando uma praça atravancada de carros), etc., etc. Pouco fica de invenção ou de elaboração pessoal. Algumas piadas de publicidade resultam divertidas (e até de certa virulência crítica); as sequências em que Pierre Richard se encontra com um director de empresa, igualmente muito distraído, são também bem construídas e imaginadas, mas pouco mais resta referir de efectivamente novo.

Que Pierre Richard possui um talento maior que o de Louis de Funès é algo que resulta perfeitamente óbvio para qualquer espectador medianamente exigente. Mas daí a afirmar-se Richard um grande cómico vai um grande... passo. Talvez lá chegue. Por agora é ainda um cineasta incipiente, simpático mas desequilibrado. O que já não é mau...

LAURO ANTÓNIO

Novos Emissores Regionais

Estão concluídos e vão ser entregues à Emissora Nacional de Radiodifusão os Emissores Regionais de Bragança, Chaves, Miranda e Valença.

NO NOVO Teatro Academia
Telef. 63 66 37

HOJE, às 21,45 h.
SÓ ATÉ DOMINGO

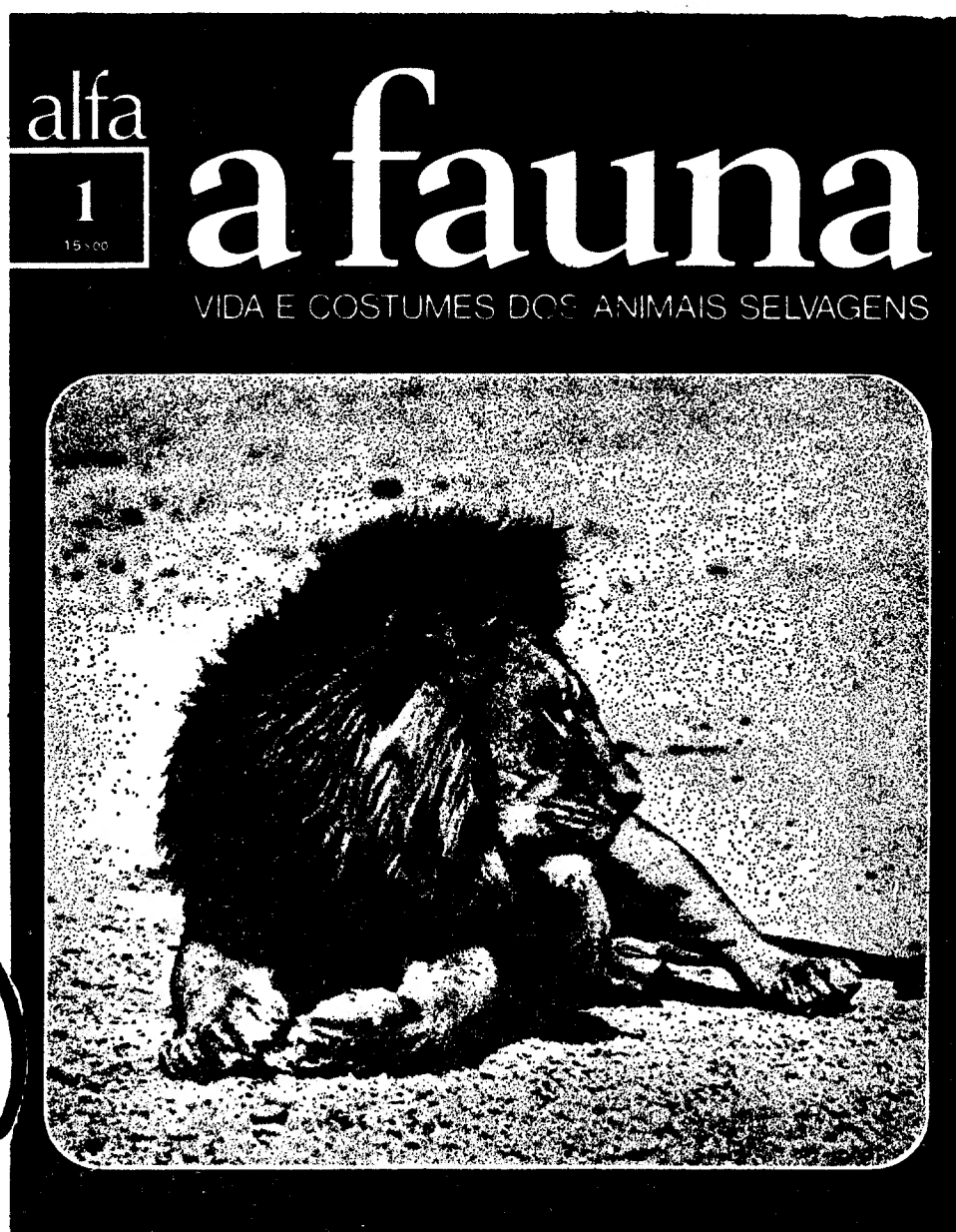
santo porca
de Ariano Suassuna
(M. 12 anos)

FRIGORÍFICOS A GÁS BUTANO
5 ANOS GARANTIA BAIXO PREÇO

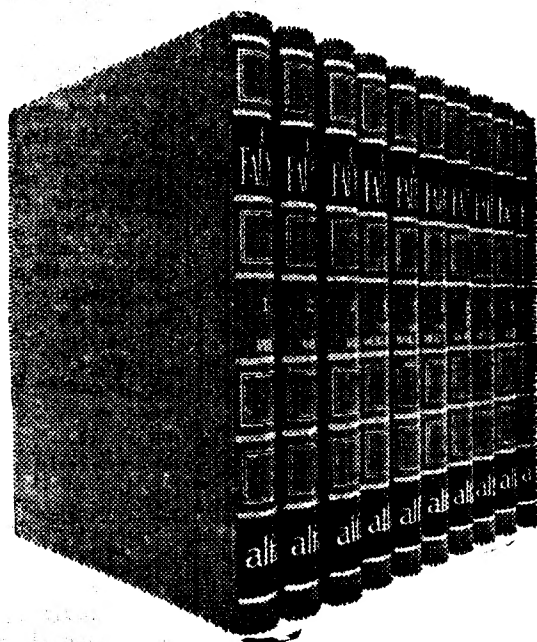
CASA JÚNIOR
R. ALECRIM, 21-A-T. 321053

VEM AÍ A PANDILHA!

a vida fascinante da selva apanhada ao vivo!



todas as 4^{as} feiras
apenas por
15.000



a fauna — a mais bela enciclopédia do mundo animal em fascículos semanais.
Uma obra apaixonante, na qual compartilha uma excepcional equipa de cientistas e biólogos internacionais, com a colaboração dos melhores fotógrafos do mundo!
Em 150 fascículos impressos a cores **a fauna** oferece a mais amena, leitura e o rigoroso testemunho do fantástico reino animal: mapas, esquemas e mais de 5.000 extraordinárias fotografias, enriquecem os 10 volumes desta notável enciclopédia.
Conheça fascículo a fascículo a vida e os costumes dos animais selvagens!
Participe todas as semanas neste safari único... Inigualável!
A partir de amanhã compre **a fauna**, uma edição portuguesa à venda em toda a parte.

Com a compra do 1.º fascículo receberá grátis o 2.º fascículo.

a fauna uma publicação alfa
todo o esplendor e o mistério da selva
a um canto da sua sala!

GRANDE PRÉMIO EM VALLADOLID MELHOR FILME ESTRANGEIRO NA AMÉRICA Obra-Prima de François Truffaut



O grupo «Cantares de Portugal», tão aplaudido em todas as suas actuações em recintos de diversões lisboetas, já conquistou, também, um certo prestígio internacional. Assim, os seus cinco componentes estão uma vez mais de malas aviadas para partir para os Estados Unidos, a fim de cumprir um contrato de trinta dias (no mínimo) em Nova Iorque. A novidade está nestas «máscaras» que o grupo utiliza em alguns números espectaculares, representando figuras típicas portuguesas

VIDA MUSICAL

Concerto na Academia dos Amadores de Música

Integrado ainda na Exposição de Títulos de Música

Ilustrados patente na Academia dos Amadores de Música, vai realizar-se, hoje às 21 e 30, mais um concerto, a cargo do Grupo de Música

Contemporânea de Lisboa, que executará obras de Stravinsky, A. Berg, A. Webern, Filipe Pires e Jorge Peixinho. A exposição manter-se-á patente ao público até quarta-feira, das 16 às 20 horas.

Um recital de Jorge Moyano Marques

No auditório n.º 2 da Fundação Gulbenkian realiza-se amanhã, às 18 e 30, a penúltima manifestação artística programada para o ciclo de «Jovens intérpretes», que terá como intérprete o pianista Jorge Moyano Marques.

Depois de ter obtido o «Prémio Rey Collaço» do Conservatório Nacional e o primeiro prémio («ex-aequo») do «Concurso Guilhermina Suggia», Jorge Moyano Marques, ex-bolsista da Fundação Gulbenkian, apresentou-se em vários recitais.

No programa de amanhã estão incluídas a «Sonata op. 1», de Alban Berg, «Sonata op. 111», de Beethoven, «Fantasiestück op. 12», de Schumann e «Prelúdio, coral e fuga», de César Franck.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

coro e orquestra gulbenkian

GRANDE AUDITÓRIO
Maio • dia 21 às 21.30 • dia 24 às 18.30
«IDOMENEU» de Mozart
— ópera em versão de concerto —
CORO e ORQUESTRA • Maestro: THEODOR GUSCHLBAUER
Solistas: ISABEL GACISANZ, HANNEKE VAN BORK, ENRIQUETA TARRÉS, HORST HOFFMANN, M. JUHANI

AUDITÓRIO DOIS • Junho • dia 25 às 18.30
CONCERTO DOMENICO SCARLATTI
CORO DE CAMARA • Maestro: MICHEL CORBOZ
Solista: KENNETH GILBERT, cravo

GRANDE AUDITÓRIO • Junho • dia 29 às 18.30
IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA
Junho • dia 30 às 21.30

«SYMPHONIAE SACRAE» de Giovanni Gabrieli
CORO e ORQUESTRA • Maestro: MICHEL CORBOZ • Solistas: JENNIFER SMITH e JOANA SILVA (sopranos), NICOLE ROSSIER-MARADAN (contralto), OLIVER DUFOUR e FERNANDO SERAFIM (tenores), PHILIPPE HUTTENLOCHER (barítono), JOSÉ AGUIAR (baixo)

Preços: GRANDE AUDITÓRIO — 40\$00, 30\$00 e 20\$00
AUDITÓRIO DOIS — 40\$00 e 30\$00
IGREJA DE SÃO VICENTE — 30\$00 e 20\$00
50% de desconto aos estudantes devidamente identificados
Início de venda de bilhetes (avulso): Fundação Gulbenkian — 15 de Maio
Concertos das 21.30 p.ª maiores de 12 anos
Concertos das 18.30: p.ª maiores de 6 anos

A FORTUNA À MÃO POR RUMOS DIFERENTES

1473817 SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

NOME _____ MORADA _____ LOCALIDADE _____

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

3132849 SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

NOME _____ MORADA _____ LOCALIDADE _____

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

Um pequeno conselho, leitor, e veja como são as coisas: por rumos diferentes, dois totobolistas de Lisboa chegam à fortuna. Bastou-lhes, para tanto, acertar no treze do 35.º concurso do Totobola, com que no passado domingo abriram as hostilidades da Taça «Ribeiro dos Reis». Foram apenas quatro os apostantes totolistas: os srs. Ramiro Ferreira (da Beira, Mogambique) e José dos Reis

Alcântara (de Lisboa) além de dois anónimos (da capital e de Coimbra, respectivamente). Enquanto o sr. Alcântara gastou somente oito escudos (e se contenta com Esc. 637 784\$20) o anónimo de Lisboa foi mais longe: um maior empenho de capital favoreceu-o, também, com mais dez «dozes», o que acrescenta 137 contos e tal a bela prenda do Totobola neste solarento mês de Maio.

I FESTIVAL DA CANÇÃO DA ESPERANÇA

Organizado pelo Centro Nacional Salesiano de Pastoral da Juventude vai realizar-se no sábado, às 16 horas, no salão de espectáculos da Escola Salesiana, no Estoril, o I Festival da Canção da Esperança.

O programa inclui duas partes: apresentação das canções, votação e premiação e fim de festa com a participação dos conjuntos Ritmo 70, Conjunto I. M. S. e Conjunto Westermann, que acompanharão também as canções do festival.

Está prevista a eleição da canção «Simpatia do público», através de uma ficha de votação distribuída à entrada da sala.

TAUROMAQUIA

Fernando Santos em Quito

Fernando Santos apresentou-se na Monumental de Quito cortando orelhas e merecendo repetir antes de regressar ao México, onde está anunciado em várias praças.

MARIA VITÓRIA

M/ 17 ANOS

- José de Carvalho
- Carlos Miguel
- Mariano Franco
- Dina Maria

- Tânia Mota
- Lia Senna
- Cláudia Martins

• UM GRANDE BALLET INTERNACIONAL



BARROSO LOPES, no «Amigo Lucas»

• HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 E 23 HORAS

• GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM

EM PLENO SUCESSO, A POPULAR REVISTA

• CALA-TE, BOCA!...

ORIGINAL DE ANÍBAL NAZARE E JOSÉ VIANA COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

• O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM

- JOSÉ VIANA
- BARROSO LOPES • DORA LEAL
- ANGELA RIBEIRO • JÚLIA BABO
- SUZETE DINIZ
- E, no «compère» OCTAVIO de MATOS

BAIÚCA

Hoje reservada para jantar de cerimónia
Rua da Barroca, 86 Telef. 34700

Atenção Sra. Gastrónoma, a apresentação e confecção das ementas do ABIDIS não são iguais. É diferente este restaurante.

SANTAREM



CANAL DA CRÍTICA

BETHÂNIA, NÃO MANDES CHAMAR, NÃO MANDES CHAMAR QUE EU NÃO VOU.

Há quem fale pouco. Há, em resposta, quem fale demasiado. Será a isto, parece, que se chamará a lei das compensações, ou coisa parecida. Há quem dê a sensação de poder falar, falar, falar, corrente e funcional como as cadeias sem fim da indústria racionalizada. Sucede isso, por exemplo, a Luís Morales com quem ontem tivemos conhecimento na rubrica «Um dia com...». Fora de questão a expressão correcta e a facilidade, a tocar os limites de uma leitura. Aquilo foi isso mesmo leitura mental, fria como as páginas de um relatório ou os números de uma estatística. Ninguém disse a Luís Morales que em Televisão não é assim — sendo portanto duvidoso que saiba algum como é, no Portugal

Ineluzivelmente aconteceu isso. «Um dia com...» afastou-se dos esquemas tradicionais (e os esquemas tradicionais são quase sempre truques viciados) para nos dar, não a presença de uma figura, mas a de uma instituição, para o caso, o Serviço Nacional de Emprego. Diga-se que Morales só fisicamente «abusou» do tempo de presença. Vimo-lo demasiado — e talvez não fosse indispensável. Seria preferível ver mais a personagem de quem se tratava, o tal Serviço Nacional de Emprego. Vê-lo com os olhos, já que, com os ouvidos, o vimos demasiado.

Luís Morales forneceu-nos alguns números relativos à actividade do Serviço nos últimos três anos. Assim, em 1968, verificaram-se, quarto a oferta de empregos, pedidos de emprego e efectivação de colocações, respectivamente, 9718, 27 480 e 8022; em 1969 verificaram-se 18 185, 27 493 e 5348; em 1970, verificaram-se 34 369, 39 617 e 7945. Repare-se no baixo índice de produtividade dos Serviços, a demonstrar que alguma coisa não vai bem quanto à integração do Serviço no mercado do trabalho, ou vice-versa.

Judiciosamente, Luís Morales preveniu-nos contra os perigos da informação que, com

frequência, a Emissora Nacional e a Televisão Portuguesa fornecem, sobre a necessidade de bate-chapas electricistas, serralheiros, etc., em diversos pontos do País. As pessoas que tal ouvem podem ser levadas a supor que existe nesses lugares, uma carência extremamente grave, o que não acontece. Importa que os trabalhadores interessados se deixem dirigir, antes de mais nada, ao Serviço de Emprego o qual está na posse dos elementos referentes a certas carências que, em todo o caso, *endo tem o impacto que o noticiário regular pode fazer supor...*

A certa altura, em reportagem dentro do Serviço, assistimos a um diálogo patético entre um pretendente a mão-de-obra e um funcionário zeloso

— Há quanto tempo chegou do Ultramar?
— Cheguei há um mês, da Guiné.
— Como é que tomou conhecimento do Serviço?

— Foi um amigo, que também tinha vindo do Ultramar, que me disse talvez por aqui conseguisse arranjar uma colocação.

— Antes da vida militar exercia alguma actividade?

— Não, trabalhava na agricultura, na casa de meus pais em Campo Maior.

— Tem ideia de alguma profissão de que goste mais?

— Eu gostava de trabalhar numa oficina onde tivesse um ordenado certo e que me desse para eu viver, embora eu preferisse uma oficina de electricidade.

— Uma coisa: pintor da construção civil. Você não gosta de pintar da construção civil? Sabe o que um pintor?

— Faço mais ou menos uma ideia.

— Não é coisa que...

— E carpinteiro, também não gosta?

— Também não. Eu estava assim mais inclinado para uma oficina, de ramo eléctrico, ou ligada a problemas eléctricos.

— Não gosta de serralheiro? Na serralheria há diversos tipos... Não gosta?

— Eu não gosto assim muito...

Ineluzivelmente, nada mais soubemos, e foi pena, a respeito do destino de um homem que chega aos 25 anos e não sabe ainda o que ha-de fazer, não sabe nada, a não ser que gosta muito de electricidade.

Ah, depois disto não me atirem com a Maria Bethânia é canal Cala-te aí, Bethânia, mas as tuas cançõeszinhas moles e chorosas, com teus amorosos infelizes, com teus prob emazinhas de coração mais ou menos desmpregado cala-te Bethânia, eu te escolho como aos trovões. com o nome de Santa Bárbara na boca, vai-te embora lá para onde não faças perca, vai, Bethânia, vai lá para a tua Baía mais as tuas sementes de melancolia. vai, vai-te embora com teus casos de amor de responsabilidade limitada, vai-te embora Bethânia e mais tuas palavras alfamiçadas, de melão brasileiro,

Adeus meu bem
eu não vou mais voltar.
Se Deus quiser
vou mandar
te buscar
De madrugada
quando o sol cair na água
vou mandar te buscar...

Ai Bethânia Bethânia. Bethânia Maria, não era isto, não era não, não era isto que eu esperava tu me viesses dizer, e se não teus mais nada para me dizer, isso é negócio teu, Bethânia vai-te embora, com tua voz de scariciador malandro na rede,

se Deus quiser
vou mandar
te buscar...

Não mandes, não, Bethânia, não mandes que eu não vou. Tenho mais em que pensar. Tenho mais que fazer.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1. Programa metropolitano — As 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Estante; «Os Mosqueteiros», de Alexandre Dumas, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convívio de hoje: Pete Seeger; 18 e 20: Espectáculo—Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde: com Simon e Garfunkel; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Interlúdio, pela orquestra de Joaquim Luís Gomes; 20 e 30: 11.º episódio do folhetim «Pera da Covilhã — O violante enfeitado»; 20 e 50: Vamos ouvir... Carlos Portugal; 21 e 10: Viagem ao passado, por Judite Navarro; 21 e 30: Tempo de jazz, por Raul Calado; 22: Transmissão do Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, do relato do desafio de hóquei em patins, «Portugal-Bélgica» e informação do desafio de futebol do torneio «Luso-Britânico»; 23 e 50: O trompetista Fernand Verstraete; 24: Fecho.

2. Programa Metropolitano — As 16: Uma obra... Dois intérpretes — O concerto de Grieg interpretado sucessivamente pelas pianistas Hans Richter e Artur Schnabel; 17 e 03: Quatro canções (Schubert), pelo tenor, Hugues Cuénod e o pianista David Garvey; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Sinfonia n.º 3 «Kaddish» (Leonard Bernstein); 18 e 30: Gravuras históricas — Árias de óperas pelo soprano, Amélia Galici-Curci — Árias de óperas pelo tenor Franz Voelker; 19: Dança e ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio educativa (audição juvenil); 20: Música em viola de câmara, por Oscar Glviglia — Prelúdio e fuga em re maior BWV 998 (Bach-Segóvia); 20 e

30: Recital pelo quarteto de cordas do Porto, constituído por: Carlos Fontes, violino; Cunha e Silva, violino; José Luís Duarte, viola; Carlos Figueiredo, violoncelo — Quarteto de arcos n.º (Lopes Graça); 21: Música coral; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital de viola por Fernando Afonso com a colaboração da pianista, Regina Cascais — Sonata em sol menor (Henry Eccles); 22 e 02: Música de câmara; 22 e 15: O gosto pela música pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: A Orquestra Filarmónica de Nova York; 22 e 58: Resumo do programa; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — As 21: Instrumentistas; 21 e 20: O conjunto Ten Wheel Drive — Com a voz de Gerry Raven; 21 e 40: Música portuguesa; 22: Canções por Barbara Streisand e Guy Bontempelli; 22 e 20: Melodias por orquestras; 22 e 40: O conjunto «Fotheringay»; 23: As grandes sinfonias — Sinfonia n.º 9, op. 125 em re menor (coral) (Beethoven); 0 e 13: Música para piano de Debussy; Imagens, piano Jorge Demestre; Três prelúdios, piano, Sviatoslav Richter — Tocata extralarga da suite «Paur le Piano», piano, Werner Haas; 0 e 43: Música de câmara — Suite em dó maior (trio com duas flautas) (Telemann); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: A orquestra de... 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terceira-feira à tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda;

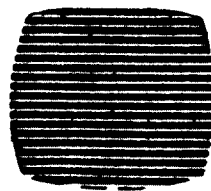
0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tattamã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robôclax; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte da América; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Mensagem do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 mc/s — 1286 kc/s — As 16: Radionova; 18 e 05: Acerte conosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Martíres; 19 e 05: Grande piano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Música seleccionada; 21 e 15: Tríduo preparatório para a peregrinação a Fátima; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Campeonato Europeu de Hóquei em Patins; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. Rádio Península — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Portugal — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17. Rádio Greco — Das 10 às 12 e das 22 às 2.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



**SIEMENS ESTORIL
electronic**

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular (Magazine Feminino); 13 e 15: Filme de série «Julia» (Julie); 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Documentário (Arraiolos e os seus tapetes); 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho. As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20: Hóquei em Patins — Encontro entre as seleções da Alemanha e da Bélgica, a contar para o Campeonato da Europa; 21 e 05: Fados, por Manuel de Almeida; 21 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 22 e 05: «A família Forsythe»; 23 e 10: Concerto «Sonata de Debussy», pelo duo Gerard Pierrot-Claud Mandive; 23 e 20: Transmissão directa das cerimónias religiosas celebradas na Cova da Iria; 23 e 50: Marcha do Mundo; 23 e 55: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Julia»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 10: Hóquei em patins: Portugal-Suíça; 23 e 15: Concerto para jovens; 0 e 8: Fecho.



TUDOR

pilhas para iluminação

FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

O sr. eng.º Jorge Carvalho de Mesquita passa a exercer o cargo de presidente do Fundo de Fomento da Habitação, em vez de o desempenhar em regime de acumulação.

Créditos para as forças militares do Ultramar

Foi aberto um crédito de 2552 000 000\$00 no Ministério das Finanças para a respectiva importância ser adicionada à verba inscrita no artigo 342.º «Forças militares extraordinárias no ultramar», capítulo 13.º do vigente orçamento de Encargos Gerais da Nação.

Foi inscrita e reforçada a verba de 8892 121\$60 da tabela de receita do orçamento privativo das forças aéreas ultramarinas em vigor na província da Guiné em 1971.



Armando Ventura Ferreira

NOVO LIVRO DE ARMANDO VENTURA FERREIRA

Amanhã, às 18 e 30, a Quadrante e a Editora Arcádia fazem o lançamento do livro «Memórias dos Mitos» do escritor Armando Ventura Ferreira. A apresentação será feita por José Palla e Carmo.

PRINCIPIA ESTA NOITE O 300.º LEILÃO DE LIVROS DO ALFARRABISTA ARNALDO H. DE OLIVEIRA

Trezentos leilões de livros é obra. Em qualquer parte do mundo. A média de dois mil volumes. Arnaldo Henriques de Oliveira, que um dia saiu de Vila Franca de Xira, com seus pais que vieram estabelecer-se em Lisboa, terá vendido até agora 600 mil volumes!

E veio para o mercado do livro naquela esquina da vida que é o casamento. Teve um estabelecimento de fotografia na Rua da Prata, em seus tempos de menino e moço.

Ainda andava de chapéu de palhinha e de monóculo presunçoso. É que este livreiro empertigado, a fazer pinto, já passou os sessenta, embora não goste que lho digam...

Ma, 300 leilões, com o ar mais natural do mundo, é obra. Lá isso é. Nos catálogos de todos eles se encontra o maior escritório bibliográfico português, indispensável a quem um dia queira fazer aquele dicionário do que em Portugal se publicou. No seguimento das obras de Barbosa Machado, de Inocêncio e outros. Evidentemente que se trata de livros para vender em leilão, como eles se encontram. Uns incompletos, outros sem esta ou aquela gravura; mas quantas espécies óptimas, também, quantas preciosidades, exemplares únicos, alguns com dedicatórias amigas.

Desde 7 de Janeiro de 1932

Foi em 7 de Janeiro de 1932 que um jovem livreiro se tornou também pregoeiro de leilões. Diz-nos ele esta manhã:

— Foi na Casa Fuestes, nos Restauradores. Uma casa que vendia pianos e fazia leilões. Onde agora se encontra uma casa que vende gaiolas e canários. Era um ensaio de leilão de livros. E não saiu mal. Dai vim até ao trezentos...

E nós sempre lhe vamos perguntando como é que o ribatejano de palhinha e monóculo se tornou em livreiro:

— Pois foi o casamento. Namorei a filha do livreiro Manuel dos Santos, com loja aqui no Calhário. Casei e meu sogro morreu logo. Vi-me com a livraria nas mãos, sem dinheiro e sem perceber nada de livros. Larguei a fotografia e vim para aqui com a Josefina, agarrando-me ao trabalho. Em dada altura achei que podia realizar leilões como meu sogro fazia com o irmão, o grande livreiro José dos Santos, e ainda vivo nos seus quase noventa anos...

— Em que casas tem trabalhado, desde a dos pianos dos Restauradores?

— Do Fuertes nos Restauradores, passei para a Liquidadora, na Avenida da Liberdade, onde esteve o Café Lisboa e que ora está fechado. Depois fui para aquele lindo palácio Farrobo, em que estava instalado o Leiria & Nascimento. Dali voltei ao Fuertes, então instalado ao cimo da Calçada da Glória, no Palácio Ludovice; e depois novamente ao Nascimento, na Rua da Emenda. Dali para o Soares & Mendonça, em frente do «Diário de Lisboa» e deste para a Praça do Príncipe Real, onde ora trabalho.

— Em quarenta anos são algumas mudanças...

— Pois são. Onde quer se arma a tenda e se vende a fazenda. Quero dizer os livros. — E grandes bibliotecas

que lhe tenham passado pelas mãos?

— Lembro, por exemplo, a maior de todas: a de Victor Avila Perez, em 1940. Depois a de Albino Forjaz de Sam-paio, a do conde de Sucena, a do Candido Nazaré, de Coimbra, e de D. Manuel de Almeida e Vasconcelos. Mais recentemente a de Sousa da Camara e do conde da Folgosa. Estou agora com a do grande livreiro que foi João

Vicente da Silva Coelho.

— E quantos leilões pensa ainda fazer?

— Os que puder, enquanto houver vida e saúde...

E logo, á noite, lá está o Arnaldo Henriques de Oliveira a perguntar quem dá mais pelo Fr. Jorge de Lisboa ou pelo Fr. Cristóvão de Lisboa, pelo Limborch ou pelo Llorente.

— Está um livro exemplar. Vejam bem!

Ameaçou mandar o vizinho dali para o cemitério

Sob a presidência do sr. corregedor Alves Cortês, e ocupando a tribuna do Ministério Público o sr. dr. José Anselmo Dias Rodrigues, prestou contas à justiça Bernardino Conceição Bernardes, de 35 anos, solteiro, ajudante de electricista, natural do Montijo, incriminado pelo crime de homicídio frustrado.

No dia 22 de Outubro de 1969, junto das barracas em que habitam o assistente e o réu, nas traseiras do Estádio José Alvalade, em Lisboa, após discussão com aquele, Sebastião Antunes, casado, servente do Hospital Miguel Bombarda, de 36 anos, natural de Idanha-a-Nova, o réu ameaçou-o de que lhe cortava o pescoço com uma faca e o mandava para o cemitério do Lumiar, e que o mal dele, réu, «eram batatas», pois o mais que lhe poderia acontecer era ir para o Hospital Júlio de Matos.

No dia seguinte, cerca das 17 horas, junto das mesmas barracas, o réu, encontrando o assistente, logo lhe perguntou: «Quem te deu autorização para passares por aqui?» — ao que o assistente respondeu que passaria por ali quantas vezes quisesse.

Ao ouvir esta resposta, o réu logo se dirigiu à sua barraca, saindo dali com uma faca na

mão e, dirigindo-se rapidamente para o assistente, atingiu-o várias vezes nas regiões da face posterior do ombro direito, face posterior e inferior do hemitórax esquerdo, face anterior do ombro esquerdo, face posterior e superior do antebraço esquerdo, face posterior e média do braço direito e, ainda, na parte superior e média da região frontal, causando-lhe as lesões descritas nos autos, que lhe determinaram, como efeito necessário, 20 dias de doença com impossibilidade para o trabalho.

A natureza do instrumento utilizado pelo réu, o numero de ferimentos e a sua sede, conjugados com as ameaças proferidas no dia anterior, demonstram que agiu com intenção de matar o assistente, só não se verificando a sua morte, por circunstâncias independentes da sua vontade e por terem surgido vários vizinhos que o desarmaram.

O réu, após a agressão, pôs-se em fuga, deixando de ser visto no local onde habitava.

Discutida a causa, provaram-se várias atenuantes e sómen-te a agravante da superioridade em razão da arma, não se tendo provado a intenção de matar, pelo que o Bernardino foi condenado, não pelo crime de homicídio voluntário frustrado, mas como autor do de

ofensas corporais, em 240 dias de prisão correcçãoal, 40 dias de multa a 15\$00 diários, convertidos em prisão, 440\$00 de imposto de justiça, também convertidos em 22 dias de prisão, no mínimo de procuradoria a favor do Serviço Social do Ministério da Justiça, e numa indemnização ao ofendido-assistente no processo. O Bernardino Conceição Bernardes recolheu a cadeia para cumprimento da pena imposta.

MEIRIM VAI SER JULGADO

A Polícia Judiciária enviou ao Tribunal da Boa Hora, a fim de ser distribuído o processo instaurado contra o conhecido treinador Joaquim Meirim e em que é autora uma senhora que se considera vítima de grave acto delituoso.

Coube ao 4.º Juízo Criminal de que é juiz-corregedor o sr. dr. Alves Cortês. Dentro do prazo legal, será dada a pronúncia provisória e depois a definitiva.

O julgamento deste pleito ocorrerá depois das férias de Agosto e Setembro.

BOM APETITE

MAIA

RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705

Marcas recebidas directamente da origem

restaurante aremeiro

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21

PRÊMIO DO S. N. I.



VIRIATO

SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás, Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 78 02 11

JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

Manhã na praça

A FALTA DA PESCADA CONGELADA

Há várias semanas que a pescada congelada começou a escassear nos mercados. Depois faltou. As donas de casa protestaram, perguntaram porque e não obtiveram respostas satisfatórias. Está a chegar um barco do Ultramar carregado de pescada congelada, disseram-lhes. Algumas das donas de casa, se não retorquiram, pensaram que o barco deveria ter chegado antes da pescada faltar.

Ainda não há pescada congelada e não se compreende a razão porque falta. Há vários comerciantes de peixe interessados na importação de pescada congelada. Por várias vezes têm pedido autorização e não a obtêm. Alguns desses comerciantes afirmam até que poderiam importar pescada congelada de Espanha.

Porque não lhes é concedida essa licença se a empresa que tem a concessão não garante o abastecimento do mercado? Ou estará a preparar-se a subida do preço da referida pescada?

Uma pergunta generalizada mas urgente: quando se porá travão na subida dos preços da alimentação?

PREÇO DOS PRODUTOS

O molho das nabijas vendia-se a 3\$50 e 5\$00; dos grelos, a 4\$50 e 5\$00; dos espinafres, a 5\$00; dos agriões, a 1\$50 e 1\$00; e da beterraba, a 6\$00. Cada nabo estava a \$50 e 1\$00; a alface, a 1\$00; a couve flor, a 4\$00, 8\$50 e 9\$00; a couve portuguesa, a 1\$00; o alho francês, a 2\$00; e o coarção, a 6\$00. Vendia-se o quilo da cenoura a 4\$50; da fava, a 3\$00; do feijão verde, a 2\$50; da cebola, a 3\$00; da ervilha de grão, a 6\$50; da ervilha de quebrar, a 1\$50; da batata nova, a 3\$50; da batata, a 2\$50; das azeitonas, a 8\$00, 9\$00, 11\$70 e 12\$00; do alho, a 4\$50; e do tremço, a 4\$00.

PEIXE

O quilo da sardinha custava 12\$60; do carapau, 16\$90, 19\$80 e 21\$60; do chicharro, 8\$90 e 10\$00; do sável, 23\$80, 24\$90 e 29\$80; dos filetes, a 2\$50; da chaputa, a 16\$50; da caldeirada, a 14\$00; do pargo, a 28\$00; da pescada negra, a 19\$70

e 24\$60; do polvo, 17\$90; do sável, a 27\$80; do linguado, a 72\$00 e 78\$00; da pescada, a 49\$90, 51\$, 52\$00 e 56\$00; do gorás, a 84\$; da tainha, a 11\$90; do cachucho, a 18\$40 e 20\$00; do peixe-espada, a 23\$70 e 24\$90; dos rabos de pescada, a 22\$90; da garoupa, a 31\$80 e 49\$80; do berbigão, a 6\$00; da ameijoia, a 46\$00; dos chocos, a 28\$00; do eirós, a 42\$00; das carpas, a 36\$; dos carabinheiros, a 80\$00; das lulas, a 36\$00, e do camarão, a 58\$00.

FRUTA

Vimos o quilo da ananás, a 27\$00; das nêsperas, a 8\$40 e 11\$00; da laranja, a 7\$00, 8\$50, 9\$50 e 10\$40; da banana, a 11\$ 12\$, 12\$50 e 13\$; do limão, a 11\$70; do pero «golden», a 18\$; da maçã reineta, a 13\$00 e 16\$50; e dos morangos, a 15\$60, 27\$50 e 39\$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos vendia-se a 12\$50, 13\$20, 13\$50 e 14\$40. O quilo do frango limpo estava a 28\$00.

DONA DE CASA

O curso de construtor civil e a reforma do sistema escolar

Após várias sessões de trabalho, levadas a efeito por iniciativa dos alunos, quer ao nível geral do curso, quer ao de «delegados de turma» e comissão cultural dos alunos, o Curso de Construtor Civil, que funciona na Escola Industrial Machado de Castro, assegurou a sua participação na discussão do projecto da Reforma do Ensino, através da elaboração de um relatório oportunamente entregue ao Secretariado da Reforma do Ensino.

Este relatório contém uma descrição do trabalho desenvolvido e das conclusões a que se chegou depois das várias sessões de amplo esclarecimento para que estas conclusões contenham representação maioritária da opinião dos alunos.

Em relação às linhas gerais da Reforma, conclui-se, sintetizando: reconhecimento geral das vantagens que advêm da oficialização do ensino pré-primário; concordância total acerca do aumento do ensino «básico» obrigatório, pelas repercussões positivas na formação de um povo mais culto; e discordância total na distinção entre os três liceus — clássico, técnico e artístico — pela desigualdade no acesso a graus superiores.

Relativamente à posição

dos construtores civis diplomados, foi bem focada a sua importância e responsabilidade, numa indústria como é a da construção civil, em constante evolução e cada dia mais exigente. Daí o reconhecer-se a grande necessidade de proceder a uma imediata reforma da própria estrutura do curso, tanto no que se refere às matérias dadas, como aos processos utilizados para as dar.

A par dessa reforma impõe-se, ainda, uma ampliação que lhe confira vir a situar-se ao nível de «bacharelato», portanto enquadrado nos Institutos Politécnicos.

Sugere-se a adopção de um ensino vivo, que prepare os alunos por forma a fazer deles os técnicos competentes

que, além do diploma, levem também consigo os conhecimentos suficientes para o utilizar condignamente.

Entretanto há uma comissão de alunos, que continua a trabalhar em colaboração com o Sindicato Nacional de Construtores Civis, no sentido de apresentar ao Ministério da Educação Nacional uma proposta de reforma do curso, elaborada depois de uma consulta aos ministérios dos países da Europa considerados mais avançados em relação ao ensino e onde se pretende fazer uma recolha de elementos, que conduza a uma orientação eficaz, tendo em vista a necessidade de técnicos qualificados que entre nós se faz sentir em larga escala.

Linda Silva no cinema para filmar «Derrapagem»



LINDA SILVA

Linda Silva, que até agora tem pertencido apenas a elencos de revista, vai reaparecer numa comédia, a subir à cena no Monumental, e que terá como protagonista Camilo de Oliveira.

Entretanto, Linda Silva, uma das mais belas dos palcos portugueses, estará entre os principais intérpretes do filme «Derrapagem» onde aparecerá ao lado de Tony de Matos, a primeira figura da película que vai começar a ser rodada dentro de poucas semanas. Abrem-se novas perspectivas na carreira de Linda Silva que, a propósito, assegura: — «A comédia está mais de acordo com o meu temperamento. Além disso, fazer cinema é uma experiência maravilhosa» — acrescenta.

Grande parte da carreira de Linda Silva desenrolou-se em França e no Norte de África. Depois do regresso, a figura graciosa de Linda Silva passou a ser habitual nos cartazes do Parque Mayer.

ora diga-nos...

— Já esteve hospedado num hotel?

Ter sido hóspede num hotel é quase sempre símbolo de prosperidade. Embora haja hotéis e hotéis...



• Responde o sr. António Ribeiro Farinhas, serralheiro mecânico:

— Sim. Nas Astúrias, em Monfortinho.
— Em férias?
— Em trabalho.
— Caro?
— Não pagava nada. Eu estava a trabalhar no hotel. Estive lá três meses.

• Afirmou e aprendiz de cabeleireiro Augusto Maria Cabral Lopes:

— Não.
— Para onde vai durante as férias?
— Fico em Lisboa.
— Mas gostava...?
— Gostava.



• Por fim, depois a jovem Maria de Lurdes Saraiva, empregada de escritório e estudante:

— Já. Na Guarda e no Porto.
— Em férias?
— Sim. Gostei, mas é sempre um bocadinho mais caro do que estar na casa dos pais.

Os invisíveis e o exame do ciclo preparatório

O Ministério da Educação Nacional solicita a todos os invisíveis dispensados de matrícula e que pensem requerer exame de fim do Ciclo Preparatório o favor de o comunicarem, com a maior urgência, à Direcção dos Serviços daquele Ciclo, à Rua Diogo do Couto, 1, 5.º, frente, em Lisboa.

O pedido do Ministério relaciona-se com a necessidade de calcular o número de provas a imprimir em «Braille».

A CASA DA COMÉDIA NO PRIMEIRO ACTO

A Casa da Comédia iniciou, no Primeiro Acto, em Algés, uma curta série de representações da peça para maiores de seis anos «O Rapto das Cebolinhas», da educadora brasileira Maria Clara Machado, com direcção de Jorge Vale e realização plástica de Nazaré Ferreira.

O desempenho está a cargo dos actores Nazaré Ferreira, Ana Mourato, Jorge Vale, Fernando Saraiva, Igor Sampayo, Carlos Cristo, Carlos Botelho e Diogo de Vasconcelos.

As marcações de bilhetes fazem-se pelo telefone 677299.



«Beija-me idiota» («Kiss me idiot»), de Billy Wilder, é o actual êxito do cinema S. Jorge, onde já vai em segunda semana. Felicia Farr e Ray Walston interpretam os principais papéis desta divertida comédia.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Basso e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.

BALEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 * A noite consumo mínimo 40\$00 — Av. Marginal, 21-22 (da fundação) * Telef. 21 32 59 * Encerrado às quintas-feiras.

MIL E UM

cantam: Maria Eva, Fátima do Rosário, Ana Maria, Zília Maria, Alzira Moreno, Henrique Manuel, António Ferreira e Moisés Campos * Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Consumo mínimo 40\$00 * Trav. da Espera, 8 — Telef. 3 54 64 * Encerra às 5 da madrugada.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Bea-

triz da Conceição, António Mota-Correia, Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mínimo 90\$00 * Beco dos Curtumes, 10 * Tel. 860816.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima e Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e

Amadeu Ramalho. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Consumo mínimo 50\$00. Rua da Barroca, 133 * Telef. 369760 e 30532 * Encerra às 3 das terças-feiras.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amadeu, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos, Fandango pelo Grupo de Vila Franca

de Xira * Cons. Min. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Tels.: 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvirida Cruz. Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Milho por Quim Barreiros * Cons.

min. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolz, 24 * Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * variedades internacionais * Telef.: 264521 - 264526-264596-264621-264946.

ADÁGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Soul e Underground * Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra. Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das

22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinés todos os dias * Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 1633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até às 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante * Av. Marechal Carmona * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466 561949

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.



«O guia de arte não deve ser desterrado» — dizem os ciclerones do turismo. A direita, em primeiro plano, uma guia-intérprete acompanha uma excursão de estrangeiros de visita ao nosso País

QUEM GUIA OS GUIAS-INTÉRPRETE CONSTITUI UM DESTERRAR GUIA — AFIRMAM C

Enquanto os turistas começam a chegar ao nosso País, justificando, com a sua presença, a profissão de guia-intérprete, um problema sobressalta a classe dos ciclerones dos estrangeiros recém-chegados: a realização, em época inoportuna, de um Curso de Guias de Arte através do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira.

Época inoportuna porque é uma época de trabalho, de trabalho intenso, o que impede os frequentadores do Curso (cuja aula se verifica a partir das 20 e 30) de assistir devidamente as matérias expostas. Além disso, o Curso destina-se ao preenchimento de cinco vagas, isto é, cinco profissionais terão um lugar garantido, ignorando os restantes cursistas (cerca de duas dezenas) que situação irão desfrutar após

tornadas públicas as classificações. E isto porque...

— E isto porque — disse-nos uma profissional que exigiu o anonimato — se trata de um curso-piloto segundo informação do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira. Quer dizer: depois do presente Curso, outros cursos serão organizados. E ninguém nos garante que a bitola das classificações seja idêntica em todos os cursos.

VOCÊ PODE SER O MAIOR VENDEDOR DE PASSAGENS AÉREAS EM PORTUGAL,



TRABALHANDO COMO PROMOTOR DA TAP

Se deseja exercer uma profissão moderna, dinâmica e de bons contactos sociais, numa Companhia actualizada e em pleno crescimento, que lhe oferece formação especializada, remuneração compatível, rápida subida, bom ambiente de trabalho, regalias sociais e estabilidade;

E se tem: menos de 36 anos - nacionalidade portuguesa - situação militar regularizada - 2.º ciclo liceal ou equivalente - boa apresentação - muito bons conhecimentos de línguas, especialmente inglês e francês,

TENHA OU NÃO EXPERIÊNCIA DE VENDEDOR
VENHA PARA PROMOTOR DA TAP

Inscriva-se na
Pr. Marquês de Pombal, 3, 1.º-E. • LISBOA

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TAP

MAIS GENTE EM TRÊS CONCELHOS NO DISTRITO DE BRAGA

Os resultados do apuramento preliminar do XI Recenseamento Geral da População fornecidos agora pelo Instituto Nacional de Estatística em relação a sete concelhos do distrito de Braga — resultados provisórios que poderão ser corrigidos em face de quaisquer informações a apresentar ainda ao Instituto — revelam que os concelhos de Barcelos, Guimarães e Espinho acusam um aumento populacional em relação ao decénio de 1950-1960.

No concelho de Barcelos, constituído por 89 freguesias, verificou-se um aumento populacional de 10 por cento. Houve 67 freguesias que registaram aumento, situando-se o ponto mais elevado na de Arcoselo (79%). Duas freguesias, Adães e Milharens, não acusaram variação. As restantes acusaram decréscimo, situando-se o ponto mais elevado na de Barcelos (23%).

O concelho de Guimarães, formado por 73 freguesias, acusou um aumento populacional de 4 por cento. Apenas 46 freguesias acusaram aumento, situando-se o ponto mais elevado na de Tabuadelo (40%). A freguesia de Pinheiro não acusou variação, enquanto as restantes apresentaram decréscimo, situando-se o ponto mais elevado na de Castelhães (22%).

Também o concelho de Espinho, com 15 freguesias, teve um aumento populacional de 3 por cento. Oito freguesias acusaram aumento, situando-se o ponto mais elevado na de Vila Chã (22%). Nas restantes verificou-se decréscimo, situando-se o ponto mais elevado na de Espinho (12%).

Outros concelhos do distrito de Braga — Amares, Cabeceiras de Basto, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho — revelaram decréscimo de população.

O concelho de Amares, constituído por 24 freguesias acusou um decréscimo populacional de 5 por cento. Apenas em cinco freguesias houve aumento, situando-se o ponto mais elevado na freguesia de Figueiredo (5%). As restantes acusaram decréscimo cujo ponto mais elevado se situa na freguesia de Fiscal (18%).

No concelho de Cabeceiras de Basto, que tem 17 freguesias, registou-se um decréscimo populacional de 9 por cento. Somente cinco freguesias acusaram aumento, situando-se o ponto mais elevado nas de Basto e de Faia (ambas com 10%). As restantes acusaram decréscimo, fixando-se o ponto mais elevado na freguesia de Cabeceiras de Basto (21%). Já no decénio 1950-1960 se tinha verificado um decréscimo populacional de 1% neste concelho.

Em Póvoa de Lanhoso (29 freguesias) verificou-se um decréscimo populacional de 8 por cento. Apenas quatro freguesias revelaram aumento situando-se o ponto mais elevado na de Sobradelo da Goma (12%). A freguesia de Nossa Senhora do Amparo (Póvoa de Lanhoso) não acusou qualquer variação. As restantes freguesias acusaram decréscimo, situando-se o ponto mais elevado na de Moure (27%).

Finalmente, o concelho de Vieira do Minho, constituído por 21 freguesias, mostrou um decréscimo populacional de 10 por cento. Somente três freguesias acusaram aumento, situando-se o ponto mais elevado na de Vieira do Minho (14%). As restantes freguesias acusaram decréscimo, situando-se o ponto mais elevado na de Campos (51%). Já no decénio 1950-1960 se tinha verificado neste concelho um decréscimo populacional de 2 por cento.

CURSOS NO CENTRO NACIONAL DE CULTURA

O Centro Nacional de Cultura (Rua António Maria Cardoso, 68, 1.º) promove a realização dos seguintes cursos:

«Bíblia e Contestação» pelo padre Felicidade Alves, com início no próximo dia 17; «Acerca de novos métodos de grupo», pelo dr. Lalande Proença, com início em 18; «Poética, arte poética, poesia: aqui e agora», pelo dr. Ruy Belo, com início em 18; «Ecologia da paisagem», pelo eng.º Ribeiro Telles, com início em 20 e «Aspectos do desenvolvimento socio-económico», pela dr.ª Manuela Silva, este em Junho.

Por outro lado, a partir do dia 20, e todas as quintas-feiras, às 21 e 30, o Centro promove uma série de colóquios:

«Para que servem as páginas literárias?», no dia 20, moderado por Artur Portela Fi-

lho; «Autopsia de um festival: o que foi o Festival Gulbenkian e análise da sua extinção», no dia 27, moderado por José Blanes de Portugal; «Para que serve um Teatro Nacional? Opções em relação ao futuro das artes-espectáculo em Portugal», em 3 de Junho, por José Estevão Sanches; «Fazer Cinema em Portugal», em 17 de Junho, por A. Seixas Santos, e «Psicologia aplicada do consumidor de artes plásticas: análise do recente «boom» na valorização dos objectos de artes plásticas», em 24 de Junho, por José-Augusto França.

BRILHANTES

CAPITAL QUE SE VALORIZA...
E DA SATISFAÇÃO AO USAR
OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 255 — LISBOA

Expte...
curso...
tagem

Sof...
pre...
ce...

guia...
curso...
a cla...
res. E...
biola...
ficação...
super

Seg...
tora...
já po...
Contr...
Turis...
dação...
Daí a...
vários...
que...
26 de...
rece...
profis...

aos f...
a ce...
venhu...
chida...
tra e...
anos...
Isabe...
O...
confu...
tação...
Nacio...
tica...
corres...

Est...
MO...
QU...
jact...
pró...
tida...
pou...

Rua...
POR...
TOR...
LU...

PRETES? (2)

ERRO GRAVE GUIAS DE ARTE CICERONES DO TURISMO

Explicando-me melhor: um guia-interpretar que obtenha, por exemplo, um «17» neste curso pode ficar em desvantagem em relação a um outro

sobre o concurso», a universitários para o desempenho das funções que o turismo moderno cria:

— Universitários de que sexo?

Resposta da guia-interpretar acima mencionada:

— Há quem afirme no Centro que as guias-interpretar podem ser substituídas, em alguns casos, por universitárias.

★ Saber de cor é pernicioso

Voltemos ao «caso» das cinco vagas que, na melhor das hipóteses, irão ser preenchidas pelos melhores classificados do Curso de Guias de Arte organizado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira.

Que vagas são essas? De acordo com as nossas interlocutoras, existem vagas por preencher no Palácio da Ajuda, no Palácio de Queluz, no Palácio Nacional de Sintra, no Palácio da Pena (Sintra) e no Convento de Mafra. Quando da inauguração do Curso de Guias de Arte, sob a presidência do Eng.º Alvarp



Sofia Isabel Garrido: «O presente curso não oferece garantias aos profissionais»

guia-interpretar que, num curso posterior, venha a obter a classificação de «15» valores. Este «15», e por efeito da bijola que presidiu à classificação, pode ser idêntico ou superior a «17» valores.

Reportagem de PEDRO ALVIM

Segundo a nossa interlocutora, semelhante dúvida foi já posta aos responsáveis pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira. Elucidação concreta — nenhuma. Daí a afirmação, por parte de vários guias-interpretar, de que o Curso inaugurado em 26 de Abril passado «não oferece quaisquer garantias aos profissionais». Até porque...

★ A universitária vai substituir a guia-interpretar?

— Até porque não foi dada aos frequentadores do Curso a certeza de que as vagas venham a ser por eles preenchidas — acrescentou uma outra guia-interpretar, com 20 anos de idade, de nome Sofia Isabel Garrido.

O jornalista apurou, na confusão das dúvidas e hesitações expostas, que o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira poderia recorrer, «passando um risco

Roquette, director-geral do Turismo, afirmou-se que «a semelhança do que já é praticado em palácios, museus e monumentos, no estrangeiro, o guia de arte português fi-



Dr.ª Maria Helena Belino Sacadura: «Não frequento o curso, mas acho que está a realizar-se numa época inoportuna»

card habilitado a conduzir visitas especializadas, individuais ou em grupo.» E acrescentou-se: «Terminado o curso de seis meses de estágio e de especialização nos locais a que se destinam, sob a orientação dos conservadores desses monumentos».

Por conseguinte, as instâncias superiores optam por uma especialização do guia de arte, localizando-o em determinado ponto do País, medida que tem por objectivo «por termo a certas lacunas das habituais informações de contínuos e porteiros».

Ora, alguns profissionais contestam semelhante medida aludindo, a propósito da localização e especialização, a «um saber de cor, pernicioso», completamente desligado de uma cultura ampla e sempre renovada.

E dizem: — Desterrar um guia de arte é um erro grave.

A bengala não faz o cego...

PINHAL NOVO, 11 — Tal como o hábito não faz o monge, a bengala não faz o cego, demonstrou-o o cabo Joaquim Bencatel, comandante do posto da G. N. Republicana nesta vila, ao deter um falso invisual que, na feira, fazia colheita de «esmolos». O cego improvisado é Fausto Guilherme de Almeida, de 35 anos, sem profissão, natural de Trancoso, que fazia o seu «negócio» equipado de bengala e óculos escuros, e com a cumplicidade de uma mulher, a quem oferecia 50% da receita.

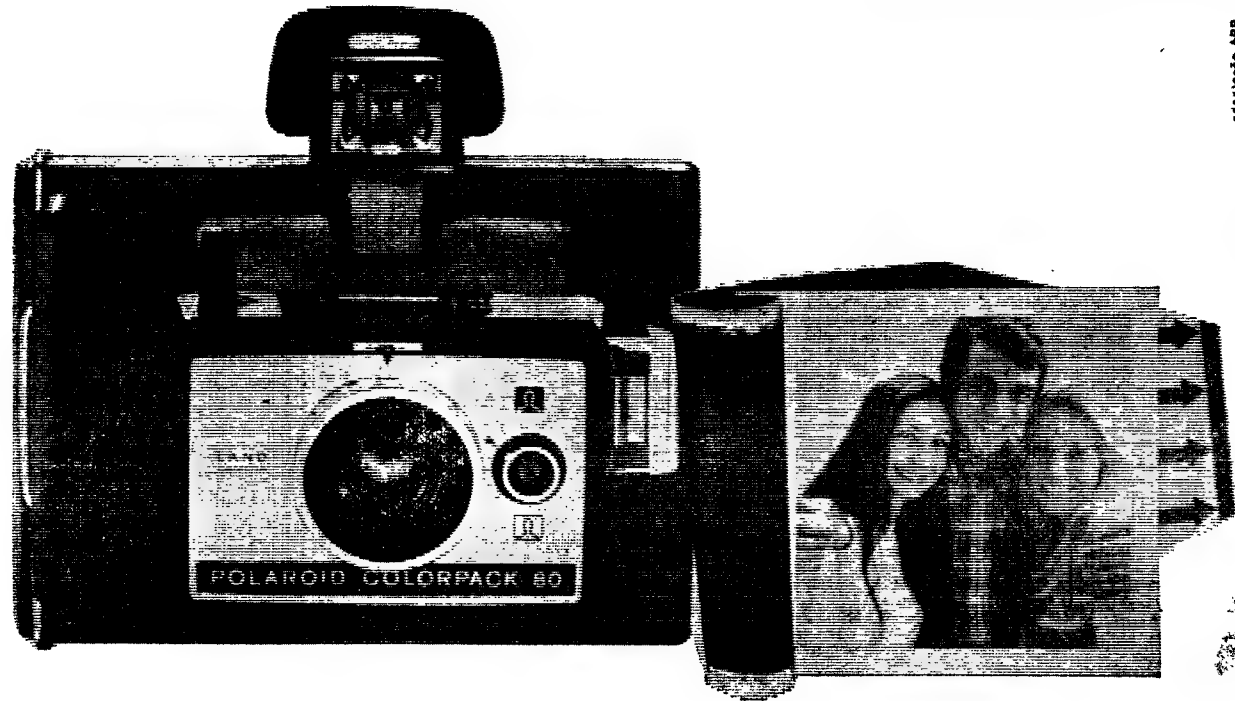
O falso cego vai, agora ser enviado ao tribunal de Setúbal.

Quanto à feira propriamente dita, verificou-se que o dia foi muito produtivo.



UMA TILIA MILENARIA — Esta tília de 25 metros de altura, existente em Breckerfeld na região do Ruhr (Alemanha Federal), tem, ao que se calcula, mil anos. O célebre agrónomo Michael Maurer de Roethenbach, um dos «cirurgiões de árvores» mais famosos da Europa, teve de operá-la para lhe prolongar a vida. Para convallescência, adubo especial e cabos de aço a ligarem os rebentos

Polaroid reduz o custo
de cada fotografia a cores instantânea
em 30%
com uma nova máquina
e novas películas



Nova Polaroid Colorpack 80

Você nunca terá nada mais divertido que uma máquina de fotografia instantânea.

Ver uma bonita fotografia a cores revelada na sua própria mão.

Um minuto depois de a ter tirado (a preto-e-branco em segundos).

Muitos de Vocês ainda não tiveram uma oportunidade de gozar este prazer.

Por isso fizemos uma nova película a cores que custa 30 % menos.

E uma nova película a preto-e-branco que também custa menos.

E temos uma nova máquina para elas.

Tudo o que fizemos com essas películas foi tirar uma tira ao lado mais longo.

Tornando-a 8,2 x 8,6 cm

Praticamente quadrada

(Mas as faces e tudo o que Você fotografar são exatamente tão grandes como sempre).

E a película a preto-e-branco tem algo de novo em si mesma.

Você não tem de a envernizar (ela protege-se a si própria).

Esta nova máquina é completa.

Ajuste automático da exposição. Objectiva nítida de 3 elementos. Flash incorporado para cuboflash de 4 disparos. Carregamento rápido e fácil.

Esc: 1.545\$00

Agora um dos prazeres menos dispendiosos da vida é ainda mais barato.

Num minuto você tem a fotografia na sua mão.

POLAROID É MARCA REGISTRADA
DA POLAROID CORPORATION - USA.
PREÇOS COMPARADOS ENTRE T108/T88

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

BELTRÃO COELHO, LDA.

LISBOA - PORTO

CONHEÇA A MADEIRA

COM

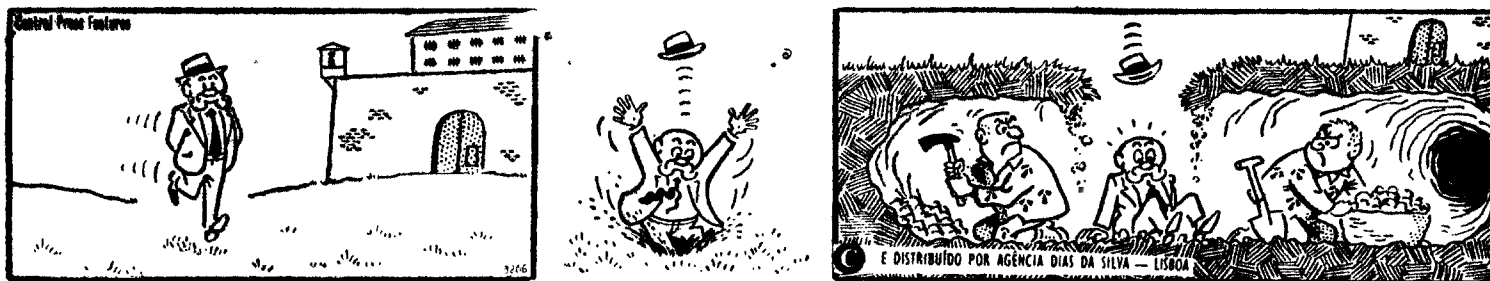
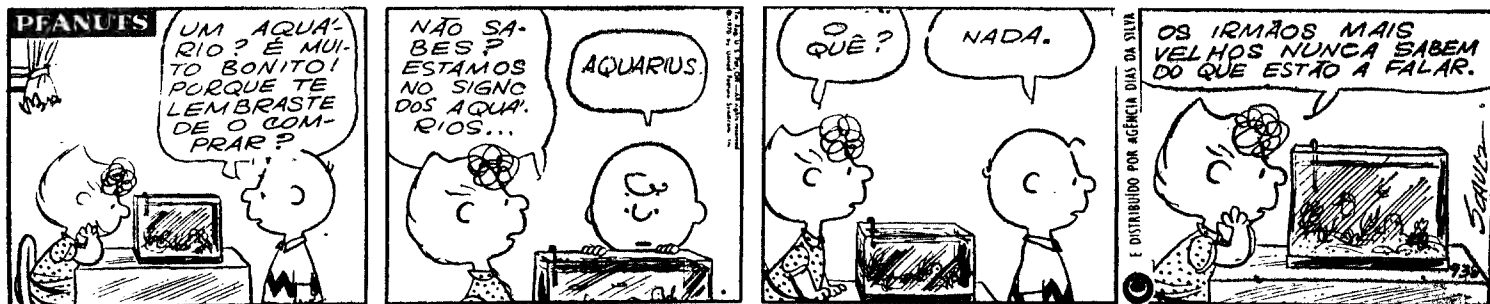
**WAGONS-
LITS//COOK**

2.990\$00

Estadia completa no Hotel MONTE CARLO ou ORQUIDEA (1.ª B) e avião a jacto da TAP (ida e volta), próxima excursão com partida garantida — 26 de Maio poucos lugares disponíveis

**WAGONS-
LITS//COOK**

Av. da Liberdade, 103
T. 361521
Av. de Roma, 4-C
Telef. 722639
Rua Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 680632
PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — L. MARQUES



OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

Há 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Maio de 1941 publicava:

«LONDRES, 11 — Sabe-se que os bombardeiros da R.A.F. atacaram Hamburgo na noite passada.»

☆

«LONDRES, 11 — Além do ataque já mencionado contra Hamburgo, onde foram bombardeados estaleiros e centros industriais, formações mais ligeiras da aviação britânica atacaram Bremen, Emden e Rotterdam. Berlim foi também atacada.»

APEADEIRO DE BOBADELA

Comunica-nos a C. P. de que a partir de 1 de Maio é estabelecida a venda de bilhetes neste apeadeiro.

No seu próprio interesse, é de toda a conveniência que os Srs. Passageiros adquiram os seus bilhetes antes de embarcarem no referido apeadeiro.

PAVIMENTAÇÃO DE UMA ESTRADA ALGARVIA

Realiza-se no dia 22 de Junho, na Junta Autónoma de Estradas, um concurso público para arrematação da pavimentação por mistura betuminosa das E. N. 125 — lanço Ferreiras — Faro — 1.º troço entre os quilómetros 72 a 81,850; 2.º troço entre os quilómetros 88,630 e 104,180 e extensão de 25 400 m — E. N. 125 — 10 (acesso ao Aeroporto de Faro) na extensão de 2950 m.

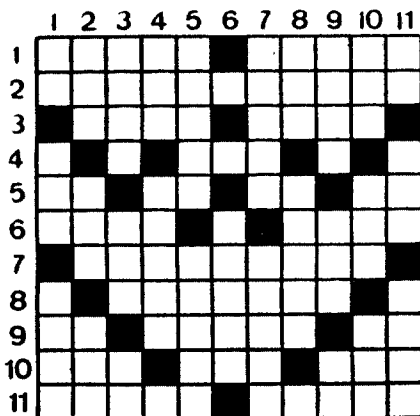
A base de licitação é de 18 080 100\$, correspondendo o depósito provisório a 2,5% do valor da base de licitação e o definitivo de 5% do valor da adjudicação, podendo ambos ser substituídos por garantia bancária.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5889

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Belmonte. Funcionário. 2 — Ancorários. 3 — Estímulo. Cabelo. 4 — Antena. 5 — Ribeira da Ásia Russa. Bário (s. q.). Apelido. Preposição. 6 — Vila e sede do concelho (Guarda). Colocação. 7 — Separadora. 8 — Dividida em ruas. 9 — Prefixo de negação. Acarinhado. Interjeição de dor. 10 — Ofensa. Lavra. Princípio (fig.). 11 — Combinações Enxugar.

VERTICAIS: 1 — Aqui. Uma das Espórades. Cidade dos Estados Unidos da América. 2 — Península em furos (Bras.). Refeição abundante dada aos malhadores a meio da tarde. Aflição. 3 — Cidade de Itália. Caminhada. Tempo do verbo ler. 4 — Cólera. Cidade do estado da Baía (Brasil). Artigo definido. 5 — Arremessa. Equipas. 6 — Consentir. 7 — Anestesia. Leitos. 8 — Ninho. Afia. 9 — Demónio. Agora. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 10 — Camareira. Doutora. Nome da fruta. 11 — Reis Mãe de Rómulo e Remo. Mais mal.



Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5888

HORIZONTAIS: 1 — Apolo. Assol. 2 — VIVA. QUEM. 3 — Irá. Mat. Aro. 4 — La. Celas. El. 5 — Atala. Calão. 6 — Arão. Amos. 7 — As. Ag. 8 — Elis. Pia. Oca. 9 — In. Berna. Al. 10 — Netas. Trino. 11 — Asaro. Elras.

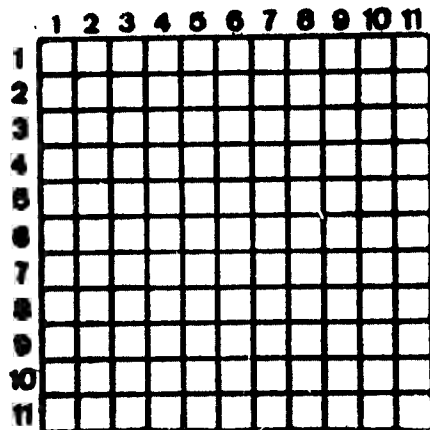
VERTICAIS: 1 — Avila. REINA. 2 — Pirata. Inês. 3 — Ova. Oros. To. 4 — La. Clás. Bar. 5 — Meio. Peso. 6 — Tal. Vir. 7 — Taça. Ante. 8 — Q. s. Sama. Ani. 9 — Sua. Lago. 10 — Aereas. Cana. 11 — Imolo. Galos.

Provérbio: VIVA QUEM VENCE.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9732

HORIZONTAIS: 1 — Alimenta. Pêlos que nascem no rosto do homem. 2 — Cabo da costa de Portugal. Comer á ceia. 3 — Gavinha. Vai para fora. Senhora. 4 — Afrouxe. Assassinar. 5 — Nome de homem. Uma das ilhas Jónias. 6 — Ilha do Pequeno Belt. O mesmo que purpura. 7 — Cólera. Lavra. 8 — Prefixo de negação. Lago do estado do Amazonas (Bras.). Letra grega. 9 — Explodir (fig.). Extremidades dos braços. 10 — Viscera. Um cento. Textualmente. 11 — Vasilha com asas. Sorte.

VERTICAIS: 1 — Tira de couro a que vai preso o cão de caça. Liberta. 2 — Rebolara. Trituras. 3 — Arrimoi. Gosta muito. 4 — Basta. Bater. 5 — Trabalhar de noite. Aqui. 6 — Nota musical. Possai. 7 — Falsificam. Canhamo de Manila. 8 — Antes de Cristo. Arremessam. 9 — Sobrara. Pega. 10 — Cordel. Lixo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9731

HORIZONTAIS: 1 — Palma. Pinos. 2 — Ru.m. Mora. 3 — Era. Uri. Ser. 4 — Sa. Broas. Id. 5 — Sobugal. 6 — Acate. Om. ita. 7 — Le. Os. 8 — Rusga. 9 — Ara. Roa. Ais. 10 — Caber. Tordo. 11 — Asaro. Araós.

VERTICAIS: 1 — Prestar. Aca. 2 — Auro. Trás. 3 — Lia. Sal. Aba. 4 — MM. Bater. Er. 5 — Urbe. Urro. 6 — Arou. Uso. 7 — Iago. Gata. 8 — Im. Samoa. Or. 9 — Nds. Lis. Ara. 10 — Orei. Lido. 11 — Sandoal. Sds.

OS JOVENS FAZEM FOTOGRAFIA

O Clube Xenon promove, este mês, um concurso de fotografia para gente jovem, aberto a todos os alunos do sexo masculino do ensino secundário do Continente.

Os concorrentes serão distribuídos por duas classes, consoante o seu grupo de idade: Classe A — dos 10 aos 14 anos, e classe B — dos 15 aos 18. O tema é livre e cada concorrente pode apresentar um máximo de quatro provas a preto e branco, com o formato mínimo de 18x24 cm. Outras necessárias especificações constam do regulamento do concurso.

Serão atribuídos numerosos prémios e menções honrosas, recebendo todos os concorrentes admitidos um catálogo da exposição que se seguirá e que estará patente ao público na sede do referido clube, de 23 a 30 deste mês.

A data limite para recepção das fotografias dos concorrentes é o dia 15 de Maio. Regulamentos e boletins de inscrição para este concurso foram

enviados para todos os estabelecimentos de ensino secundário do Continente, a cujas secretarias se devem dirigir os interessados.

Em caso de dificuldade na sua obtenção devem ser pedidos para: Clube Xenon, Campo Grande, 193, ou pelo telefone 79 37 40.

VIAGENS DE TURISMO OU NEGÓCIOS

NO SISTEMA «IT»

A MANEIRA MAIS ECONÓMICA DE REALIZAR A SUA VIAGEM DE TURISMO OU NEGÓCIOS

Os preços incluem:

VIAGEM DE AVIAO-LISBOA-CIDADE DE DESTINO E REGRESSO (na cidade de destino terá lugar uma visita com guia local em autocarro)

HOTEIS SELECIONADOS (quarto e pequeno almoço)

Algumas sugestões:

Amsterdão	1 dia	4 750\$00	Mão	1 dia	4 900\$00
Atenas	1	6 750\$00	Munique	1	5 450\$00
Bruxelas	1	4 850\$00	Paris	1	4 350\$00
Copenhague	1	1 900\$00	Roma	1	4 950\$00
Frankfurt	1	5 250\$00	Zurique	1	5 250\$00
Geneve	1	4 450\$00			
Londres	1	4 050\$00	Viena	1	6 300\$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em:

BELOS Turismo

SETUBAL — Avenida 5 de Outubro — Telef. 23291
ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254

MORADIAS EM CASCAIS

(MURCISES — TIRES — TORRE)

Propriedade: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28, 1.º Dto

Telef. 28 23 45-28 23 88

CASCAIS

LINDAS MORADIAS DE 5, 6 E 7 ASSOALHADAS, GARAGEM, JARDIM, COM LINDAS VISTAS DE MAR, BEM SERVIDAS DE TRANSPORTES COLECTIVOS, MAS EM LOCAIS MUITO TRANQUILOS

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 208, 1.º c., Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

Raul Proença foi um dos homens mais humanos que conheci

— afirmou David Ferreira no 87.º aniversário do nascimento do escritor (nas Caldas da Rainha)

CALDAS DA RAINHA, 11 — «A actividade de Raul Proença no Grupo Seara Nova, em cuja revista escreveu muitas das suas mais belas páginas, marcou o ponto mais alto da sua carreira de crítico e doutrinador» — afirmou o prof. David Ferreira, na conferência que veio proferir a esta cidade, evocando o 87.º aniversário do nascimento do ardente escritor caldense, desaparecido há 30 anos.

O prof. David Ferreira, que conviveu largamente com Raul Proença, tendo sido ambos funcionários da Biblioteca Nacional, abordou, nesta palestra, múltiplos aspectos da vida do mais famoso crítico do Integralismo Lusitano.

«Raul Proença tem sido — não a única, é certo — mas uma das maiores vítimas do silêncio» — afirmou o conferencista.

Trechos das colaborações de Raul Proença nos «Anais das Bibliotecas e Arquivos», na «Seara Nova» e no «Guia de Portugal», foram evocados pelo prof. David Ferreira, que se referiu ao facto de ser restrita a bibliografia sobre o escritor: «O caso explica-se talvez pelo facto de ele, tendo sido embora um prodigioso trabalhador, que deixou, como jornalista e escritor, uma vastíssima colaboração espalhada por jornais e revistas das mais variadas feições intelectuais, não ter tido possibilidade de escrever obras de tomo».

Depois de referir obras de Sant'Anna Dionísio, Câmara Reis e Manuel Mendes acerca da obra de Raul Proença, e palestrante leu alguns parágrafos da pequena biografia que ele próprio fez do escritor evocado, no seu Dicionário

de História de Portugal. Lembrou a vocação de Proença para as Letras, o seu diploma pelo Instituto Superior de Comércio, as suas primeiras colaborações na «Alma Nacional», que se publicou entre Fevereiro e Setembro de 1910, sob a direcção de António José de Almeida. Evocou a excepcional categoria de Raul Proença como bibliotecário, que o tornou grande cooperador de Jaime Cortesão durante o tempo em que este dirigiu a Biblioteca Nacional (de 1919 a 1927).

«Raul Proença escreveu mais do que falou» — frisou o prof. David Ferreira. — «Mas não tinha horror, nem abominava a oratória, apesar de ele próprio confessar que se não sentia muito atraído por tal forma de expressão, especialmente em público. Pelo contrário: prestou sempre culto à boa oratória, quando esta, posta ao serviço de causas nobres e da defesa dos supremos interesses da colectividade, dignificava as pessoas que a utilizavam e engrandecia os objectivos que a ditavam».

«Uma das melhores penas da República»

Na sua conferência, o prof. David Ferreira recordou a escolha que Proença fez da «democracia à moderna», atitude que o levava a encarar a sociedade como «um meio de garantia e não um processo de opressão».

«Depois da implantação da República, a actividade de Proença como jornalista — não já como uma simples promessa, mas, antes, como a confirmação de uma grande certeza —, continua a exercer-se em vários periódicos, mas é sem dúvida no «diário demo-

crático da tarde» O NORTE, publicado no Porto sob a direcção de Jaime Cortesão, que o jornalista afirma de maneira decisiva e iniludível as qualidades excepcionais que findo dele, dentro de pouco tempo, uma das melhores penas da República» — afirmou o conferencista.

A invulgar veemência que ele pôs sempre na apreciação e na crítica à vida portuguesa foi um dos aspectos da actuação de Raul Proença como escritor e jornalista que o conferencista abordou em seguida.

«Escrevia de tal maneira, que dir-se-ia fazê-lo sempre num estado de sagração exaltada, tendo-lhe ad vindo daí algumas vezes dissabores, contrariedades e desgostos» — recordou. — «Criou assim oposições e inimizades, frequentemente providas da incompreensão, mas, sobretudo, da má vontade e das indignadas reacções das pessoas fustigadas pela vivacidade dos seus ataques».

Por último, o prof. David Ferreira evocou as circunstâncias que levaram ao exílio de Proença e evocou a participação do grande escritor caldense no movimento revolucionário iniciado no Porto, em 8 de Fevereiro. Após o esmagamento da revolução, «exilou-se de Portugal e fixou residência em França, mais habitualmente em Paris, onde suportou enormes dificuldades e amarguras a que já me referi».

Por último, o orador recordou os dotes pessoais do Proença, que disse ter sido «um homem simples, extremamente sensível e generoso», um dos homens «mais humanos» que tenho conhecido na minha vida».

A conferência do prof. David Ferreira efectuou-se no auditório do Conjunto Cénico Caldense, tendo o conferencista sido apresentado pelo sr. Eduardo Antão, admirador de Raul Proença e um dos principais promotores desta homenagem.

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Os srs. enqs. agrónomos Camilo António de Almeida Gama Lemos de Mendonça e António Pereira Caldas de Almeida foram nomeados vogais do conselho consultivo da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, como representantes da lavoura.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Carlota Maria Elvas Soares de Pina Ferraz Macedo e Ornelas

PENAMACOR, 11. — Faleceu ontem, nesta vila, a sr.ª D. Carlota Maria Elvas Soares de Pina Ferraz Macedo e Ornelas, de 85 anos, viúva de D. Francisco de Pina Ferraz. Senhora de avultada fortuna e de profunda formação cristã, dando execução a expresso desejo de seu marido, criou, nesta vila, o Instituto Social Cris-

DE ONTEM PARA HOJE

EM LOUVOR DO TEATRO

No futuro bairro de Chelas figura deste ontem uma placa topográfica com o nome da grande actriz que foi Palmira Bastos. Grande dama do teatro português. Uma das últimas peças que representou em centenas de noites pode ser tomada como símbolo da sua vida. «As árvores morrem de pé» era o título e de pé morreu, representando até ao fim a grande actriz que foi Palmira Bastos. Com noventa anos a aplaudiram as plateias de Lisboa. E na cerimónia inaugural de ontem se ouviu ainda a sua voz, em trecho gravado dessa mesma peça. Assis Pacheco, actor da melhor escola e que com Palmira Bastos contracenou muitas vezes, usou da palavra: «Vemos passar na nossa memória, com religioso respeito, as gigantescas figuras de Angela Pinto, Adelina Abranches, Maria Matos, Lucinda do Carmo e Maria Lalande; Rosas e Brasão, Ferreira da Silva Chaby, Joaquim Costa, Nascimento Fernandes, Alves da Cunha, António Silva, Villaret, e esses três grandes pedagogos da arte teatral — professores António Pinheiro, Carlos Cortes e Araújo Pereira, até hoje ainda não igualados! Desta luzida corte de príncipes da cena, que o talento sagrou para sempre nas tradições do nosso Teatro, e que nos legou, como fidalgos perdulários, um honroso património que respeitavelmente veneramos, salientamos hoje a grande actriz Palmira Bastos, que tantas personagens admiráveis animou à luz da ribalta! Nesta mulher, para quem a arte teatral foi objecto de constante preocupação e estudo, foi prodígio a Natureza, que a sagrou rainha, duplamente coroada pela beleza e pelo talento. Ela dignificou nobremente a minha profissão, executando-a sempre como arte e não como ofício, elevando-a a sacerdotio perante os colegas e o público, para quem ela foi sempre o «enfant gate». Um comediante, em qualquer país civilizado, vale tanto quanto os seus mais gloriosos conquistadores e mais ilustres pensadores.»

DOIS MORTOS E SETE FERIDOS

Ontem, à noite. Pelas 23 horas, o soldado Joaquim Correia Vieira de Beira do Lima, perto da Ponte da Barca, ia um carro de aluguer, conduzido pelo sr. Francisco Lopes Cerqueira, quando surgiu pela frente outro automóvel guiado pelo sr. João Gomes de Freitas, de 38 anos, casado, empregado. O

choque deu-se: ao todo sete feridos e dois mortos, sendo estes os srs. João Gomes de Freitas e José Baptista Viana Fernandes, agricultor, de 20 anos. Dos feridos o

sr. Francisco Lopes Cerqueira e o sr. Fernando Pereira Fernandes ficaram internados, por serem graves os ferimentos, no Hospital de S. Marcos, em Braga.

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da República recebeu, no Palácio Nacional de Belém, o embaixador da França, Jacques Tiné, e o presidente

da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão; o deputado vice-almirante Armando de Roboredo; o eng.º José Fre-

UMA CRIANÇA SALVA

OUTRAS TRES

Na Quinta da Leonor, à Estrada da Luz. As chamas irromperam numa barraca em que vive o servente de pedreiro, sr. Luís Silva, de 51 anos, e sua esposa D. Caílda Marques da Silva, de 40. Com o casal cinco filhos. Houve o alarido que se calcula, com a filha mais velha do casal, Isabel, de 10 anos, a implorar que salvassem os irmãos, quando a mãe caiu redonda no chão. Veio a pequena Belarmina Jesus Duarte, de 11 anos, vendedeira de hortaliça ali perto. Entrou na barraca a arder e trouxe a Estelina, de 3 anos, e o Manuel, de 4; entrou de novo e apareceu com o Rui, de 2 anos. E depois de salvar os três petizes foi-se esconder, com medo que os pais lhe rathassem por ter estragado os sapatos novos...

derico Ulrich e o presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar, sr. António de Medeiros e Almeida.

ENTREGUE AO TRIBUNAL DE VILA FRANCA O HOMEM QUE MATOU UM RAPAZ PARA DEFENDER A MULHER INSULTADA

Pela G. N. R. do posto da Póvoa de Santa Iria, foi entregue, hoje de manhã, ao Tribunal Judicial da comarca de Vila Franca de Xira, o guarda da bomba elevatória dos Serviços Municipalizados daquela vila, José Lopes, de 43 anos, casado, que ontem, a meio da tarde, alvejou com um tiro de pistola (matando-o), um rapaz — José Maria de Jesus Ventura, de 18 anos, natural de Arazede, Montemor-o-Velho, e residente na camarata do Município de Lisboa, na Rua de Eduardo Coelho.

Segundo o relato feito pelo guarda José Lopes às autoridades, o caso terá ocorrido da seguinte forma: Três rapazes — a vítima e mais dois companheiros de trabalho, Valentim de Oliveira Fernandes, natural de Pindelo dos Milagres (S. Pedro do Sul) e António Pereira Passos, natural do Rio Douro (Cabaceiras de Basto) ambos de 18 anos — passeavam, ontem, à tarde, junto ao canal de Tejo, próximo da fábrica de nitratos, na Póvoa de Santa Iria.

Em dado momento, ao passarem junto da residência do guarda, dirigiram palavras ofensivas à mulher que, nessa altura, estava a pôr roupa a secar. A mulher gritou pelo

marido, tendo este accorrido a indagar o que se passava.

Viu, então, os três em atitudes provocadoras. Ao mesmo tempo que a mulher se lhe queixava das insultos de que fora alvo. Em virtude do comportamento dos rapazes que chegaram a mostrar-se agressivos, o guarda voltou a casa para aparecer, pouco depois, munido de uma pistola. Como nem mesmo sob a ameaça da arma os insultos não pararam, o José Lopes fez um disparo, ferindo um deles mortalmente, enquanto os companheiros da vítima fugiram. Foi a mulher que telefonou à G. N. R. a quem contou o sucedido.

Enquanto a vítima foi transportada ao Hospital de Santa Maria, onde chegou já sem vida, o agressor foi detido pela G. N. R.

As declarações do guarda José Lopes foram confirmadas por sua mulher e por seus filhos de 17, 15, 9, 7 e 5 anos de idade, que compareceram no referido posto da G. N. R.

Entretanto, os dois companheiros do infeliz José Maria, dizem precisamente o contrário, afirmando que não viram mulher nenhuma e que em dado momento foram interceptados pelo guarda que, de pistola em punho, os intimou a sair do local.

Condenado a pena maior o assaltante de uma rapariga

PORTO, 11. — Em tribunal colectivo presidido pelo corregedor, sr. dr. Góis Pinheiro, foi julgado, no 2.º Juízo Criminal, António Salazar da Silva, de 20 anos, ladrilhador, do Monte das Cruzes, 149, em Milheirais (Maia).

No dia 13 de Dezembro findo, por volta das 5 horas da madrugada, na Estrada da Circunvalação, assaltou, com fins inconfessáveis, a sr.ª Laurinda Rosa de Magalhães Coutinho, de 20 anos, que se dirigia para o trabalho, no Hospital de São João, e tentou arrastá-la para fora da estrada, rasgando-lhe roupas e ferindo-a. Valeu a assaltada o socorro de funcionários de um autocarro que acorreram aos gritos dela e prenderam o assaltante.

Foi condenado em dois anos e dois meses de prisão maior, 2200\$00 de imposto de justiça, procuradoria e a pagar 18 mil escudos de indemnização à ofendida.

Está de visita a Lisboa o dr. Rodriguez de La Fuente

— Grande especialista da vida dos animais selvagens

Está em Lisboa o dr. Félix Rodriguez de la Fuente, biólogo, internacionalmente reconhecido como um grande especialista do mundo animal. Desloca-se ao nosso País a fim de assistir ao lançamento, entre nós, da grandiosa enciclopédia, em fascículos, «A Fauna», de é autor e director. Esta obra conta com a participação de biólogos e cientistas de renome internacional, que se têm dedicado ao estudo dos animais selvagens, sua vida e costumes, em todas as latitudes do globo, bem como com a colaboração de fotógrafos de todo o mundo.

A edição portuguesa, o primeiro fascículo da qual vai agora ser posto à venda, tem como supervisor o dr. Carlos Almaco, professor da Faculdade de Ciências de Lisboa. O dr. Rodriguez de la

Fuente é considerado um dos maiores especialistas mundiais de ecologia. Dentro deste sector, teve oportunidade de ser o produtor de uma série de emissões televisadas sobre a vida dos animais, que tem tido em vários países calorosa e fiel audiência. Possuiador dum poder de comunicação muito penetrante e muito convincente, essas suas emissões inspiraram uma banda desenhada intitulada «Félix», o amigo dos animais. O seu profundo e singular conhecimento da vida dos animais selvagens tem-se espalhado para além das fronteiras do seu país através da famosa obra «A Fauna», que tem obtido enorme êxito nos países onde tem sido já traduzida e divulgada, nomeadamente na França, na Alemanha, na Itália, na Suíça e outros países.

INGLÊS na INGLATERRA

- a) REGENT SCHOOL — Londres
- b) CITY UNIVERSITY — Londres
- c) UNIVERSIDADE DE EXETER
- d) Várias escolas de línguas

★ Cursos para elementares, médios e avançados
IN. B. — Os principiantes absolutos podem preparar-se nos Cursos INTENSIVOS do Centro Internacional de Línguas, em Lisboa.

★ Dos 12 aos 40 anos ★ Qualquer altura do ano
★ Preços variados

Representante em Portugal:
PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Rua Mouzinho da Silveira, 25

NOVA CRISE MONETÁRIA EM PERSPECTIVA

LONDRES, 11 — (A. N. I.) — Os países do Mercado Comum solucionaram, ainda que temporariamente apenas, a crise monetária internacional com a sua decisão de permitir que o marco da Ale-

manha Ocidental «flutue» e encontre a sua própria paridade perante o dólar — disseram em Londres os técnicos financeiros.

No entanto, esses técnicos prevêem que uma crise simi-

lar surgirá de novo, dentro de poucos meses — ou de poucas semanas.

Os técnicos ingleses foram unânimes em declarar que o dólar americano está sobrevalorizado e em reprovar a

continua inundação da Europa por dólares.

Novo surto de inquietações virá a surgir mais cedo ou mais tarde, provavelmente mais cedo — dizia-se ontem

nos círculos financeiros de Londres

Uma desvalorização do dólar alteraria completamente o aspecto para melhor, mas parece bastante improvável que aconteça

A causa básica da crise é o persistente «deficite» na balança de pagamentos dos Estados Unidos.

Os técnicos financeiros ingleses manifestaram cepticismo quanto ao efeito, a longo prazo, do acordo de Bruxelas para se enfrentar o fluxo dos dólares, que ameaçou submergir os mercados monetários europeus na última semana.

Tudo isto apenas adiará o dia do ajuste de contas — é a opinião que prevalece.

As autoridades inglesas exprimiram, de forma não oficial, o receio de que a crise monetária possa prejudicar as perspectivas de a Inglaterra aderir ao Mercado Comum.

Um novo ciclo crítico de conversações entre os países integrados no Mercado Comum e a Inglaterra inicia-se hoje em Bruxelas. Entretanto, as autoridades britânicas receiam que os países da CEE, nesta altura, estejam mais preocupados com a crise monetária do que com a adesão da Inglaterra ao Mercado Comum Europeu.



VIAJAMOS CONSIGO!

Isto é, tornamos tudo mais fácil,

Pomos ao seu dispôr:

- Notas e moedas
- Cheques de viagem
- Cartas de crédito
- Ordens de pagamento

E ainda a
CARTEIRA DO VIAJANTE
que lhe será muito útil para
as primeiras despesas.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

CHU EN LAI PRONTO A ENCETAR NEGOCIAÇÕES COM OS EUA

BEIRUTE, 11 — (ANT) — Chu En Lai, primeiro-ministro da República Popular Chinesa, declarou-se pronto a abrir negociações com os Estados Unidos acerca de problemas mundiais.

Ao falar no domingo à noite a um grupo de jornalistas árabes — e as suas declarações foram publicadas no jornal «Al Kitah» — Chu En Lai previu a melhoria nas relações entre «os povos chinês e norte-americanos».

As negociações sobre os problemas mundiais entre Pequim e Washington — segundo Chu En Lai — deveriam começar pela questão da Formosa, pois «o principal problema que existe entre a China continental e os Estados Unidos é a ocupação da Formosa e dos seus estratos pelas forças imperialistas».

Bispo auxiliar preso no Perú

LIMA, 11 — (F. P.) — Foi preso ontem o bispo auxiliar de Lima, Luis Bambaren, por ordem do general Artoia, ministro do Interior, por «conspiração contra a tranquilidade pública».

O ministro acusa o prelado — bem como um «acerdote estrangeiro, o padre Carmelo Lamasa — de serem responsáveis pela ocupação, por parte de pessoas sem alojamento, em Abril último, de terrenos dependentes de um colégio Jesuítico dos arredores de Lima. Deram-se então incidentes que causaram um morto e várias dezenas de feridos.

Mons. Bambaren foi levado com o padre Lamasa para a prisão do Palácio da Justiça. O padre Lamasa vai ser expulso, pois também distribuiu no domingo, na região de Pampuna, um manifesto «insolente» para o presidente da República, Juan Velasco. Quanto ao bispo, também é acusado de nesse domingo ter pregado um sermão «agitador» aos sem-alojamento que tinham ocupado as terras.

Actualidade internacional

SADAT: Mantém-se a oferta egípcia de reabertura do Canal de Suez

CAIRO, 10 — (A. N. I.) — O presidente Anwar Sadat declara que se mantém a oferta egípcia de reabertura do Canal de Suez em troca de uma retirada parcial israelita.

«No entanto, o Egipto não está disposto a abandonar uma polegada do seu território nem a negociar os direi-

tos palestinianos» — acen-
tuou o presidente.

Sadat falava aos 375 de-
putados á Assembleia Nacio-
nal, reunidos como «corpo
parlamentar da União Socia-
lista Árabe» — o único par-
tido político do Egipto.

A reunião teve por objec-
tivo resumir as conversações
de Sadat com o secretário de

Estado americano, William
Rogers, e com o seu assisten-
te Joseph Sisco.

Ao explicar a sua inicia-
tiva de reabertura do Canal
de Suez, Sadat declarou que
a retirada parcial de Israel
levaria á retirada completa,
segundo um programa esta-
belecido pelo embaixador
Jarring.

Forças Armadas» — afirmou
Sadat. E acrescentou:

«Essas forças estão plena-
mente preparadas actualmen-
te para combater na batalha
da libertação.»

Sadat afirmou ainda ter
sido assinado, em Abril, um
acordo de cooperação com a
U.R.S.S. que «mudará o as-
pecto industrial do Egipto
em cinco anos».

«É de nosso interesse ac-
tuar sempre o problema e
estarmos activos, nós pró-
prios, dentro dos limites da
nossa iniciativa, que ainda
está de pé.

«Estes limites consistem
em não entregar uma só po-
legada do nosso território e
não regatear com os direitos
do povo palestiniano» —
acrescentou Sadat.

«Todos os passos em fren-
te que conseguimos nos nos-
sos esforços políticos foram
devidos principalmente á for-
ça e eficiência das nossas

O «DAILY SKETCH» APARECE PELA ÚLTIMA VEZ

LONDRES, 11 — (ANI) —
O «Daily Sketch», o mais an-
tigo jornal inglês tipo «tabloi-
de» aparece hoje pela última
vez — anunciaram ontem á
noite os Jornais Associados.

O informador acrescentou
que o «Daily Sketch», que co-
meçou em 1890 com o nome
de «Daily Graphic», passaria
a publicar-se com o «Daily
Mail», outro periódico dos Jo-
rnais Associados que tem desde
a semana passada formato pe-
queno.

O «Daily Sketch», que luta-
va desde há anos com muitas
dificuldades, não conseguiu
seguir evitá-las hoje, na sua
última edição, atrasada por
causa de uma desinteligência
na tipografia devido á disposi-
ção das páginas.

Embora o desaparecimento
do jornal tivesse sido anuncia-
do em Março, não tinha sido
fixada uma data e só na con-
ferência editorial de ontem é
que o pessoal soube que o
«Daily Sketch» teria hoje a
sua última edição.

No seu último editorial, o
jornal agradece as cartas que
tem recebido dos leitores e
promete-lhes que se procura-
rá levar para o novo jornal «o
espírito irreverente e de luta
do «Daily Sketch».

SALTOU DO SEGUNDO ANDAR E CAIU SOBRE PONTAS AGUÇADAS DE UM GRADEAMENTO

LONDRES, 11 — (R.) —
Sete pessoas mortas e 14 feri-
das parece ser o balanço final
do pavoroso incêndio que esta
madrugada destruiu um hotel
de cinco andares no elegante
bairro londrino de Kensing-
ton.

Quando as chamas alastra-
vam rapidamente, ameaçando
os andares superiores do edi-
fício, uma mulher atirou-se
de uma janela do
segundo andar e foi cair sobre

as pontas aguçadas de um gra-
deamento de ferro. Os bombei-
ros tiveram de cortar o gra-
deamento com serras para po-
derem levar a mulher para o
hospital, ainda com uma pon-
ta de ferro espetada numa
coxa.

Mais de uma centena de
bombeiros tomaram parte no
combate ao incêndio e as am-
bulâncias levaram quarenta
pessoas para o hospital, onde
apenas 14 ficaram internadas.

ROMA, 11 — (F. P.) —
A recrudescência dos actos
de banditismo na Itália pre-
ocupa a opinião pública. A
última quinzena foi fértil em
ajustes de contas, assaltos,
assassinios e raptos. O últi-
mo ataque á mão armada,
ontem, á Caixa Económica
Romana (três bandidos abri-
ram fogo para cobrirem a
própria retirada) provocou
viva indignação entre a po-
pulação. Com efeito, um con-
tínuo foi morto e outro gra-
vemente ferido.

O roubo foi de oito mi-
lhões de liras (cerca de 360
contos), segundo as primei-
ras indicações. Mas o ataque
á Caixa da Companhia dos
Transportes Colectivos, há
cerca de 15 dias, rendeu 150
milhões de liras (6750 con-
tos). Pouco tempo depois,
outros bandidos, mascarados
e silenciosos, roubaram 15
milhões de liras (cerca de
675 contos) do escritório de
um notário. Isto sem falar

UM FANÁTICO RELIGIOSO AMEAÇA ENVENENAR A ÁGUA DE UMA CIDADE

AUGSBURG (Alemanha
Occidental), 11. — (R.) —
Polícia e cientistas mantêm
uma vigilância constante so-
bre o abastecimento de
água que serve os 220 000
habitantes desta cidade, após
ameaças de um fanático re-
ligioso de a envenenar com
arsénico.

A ameaça a esta cidade
do Oeste da Baviera, feita
em cartas enviadas ás auto-
ridades locais, directores de
escolas, sacerdotes e droga-
rias, marcava como prazo
límite a data de 26 de Maio
para o envenenamento da

água, a não ser que fosse
cancelada uma conferência
ecuménica no Pentecostes,
entre protestantes e cató-
licos, de 3 a 5 de Junho.

Até agora, 32 cartas, algu-
mas contendo amostras de
arsénico, foram recebidas e
a Polícia procura urgentem-
mente uma pista.

Se o autor das cartas não
for encontrado até 26 de
Maio, peixes ornamentais
poderão ser deixados em
pontos principais do sistema
de abastecimento de água,
para detecção de possíveis
vestígios de veneno.

Recrudescimento do banditismo causa preocupação em Itália

dos numerosos assaltos co-
metidos em Roma durante o
mês de Abril, á razão de um
de dois em dois dias, e dos
raptos na Sardenha, que pas-
saram a ser corriqueiros.

Roma, aliás, deixou de en-
cabeçar a «crónica negra»
durante a semana passada,
período em que foi destro-
nada por Turim, onde, num
ajuste de contas entre cala-
breses, no domingo da se-
mana passada, 2 de Maio,
um deles matou quatro mes-

tres de obras num café.

Logo a seguir vem Pale-
mo, onde os «mafiosos»
assassinaram o procurador
da República da cidade,
quando este acabava de de-
por flores na campa da mu-
lher, e mataram ao mesmo
tempo o seu motorista.

Por fim, há três dias, em
Génova, a filha do «rei da
graxa» foi raptada. Os ban-
ditos entregarão Milena Sut-
ter, de 13 anos, contra 50
milhões de liras.

SEXTA TRANSPLANTAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

No mês passado ela cele-
brou o seu segundo aniversá-
rio após a operação com
um jantar realizado na Ci-
dade do Cabo a que assistiu
também o cirurgião.

Durante esse jantar, Bar-
nard queixou-se de que os
médicos ultimamente não lhe
enviam doentes e salientou:

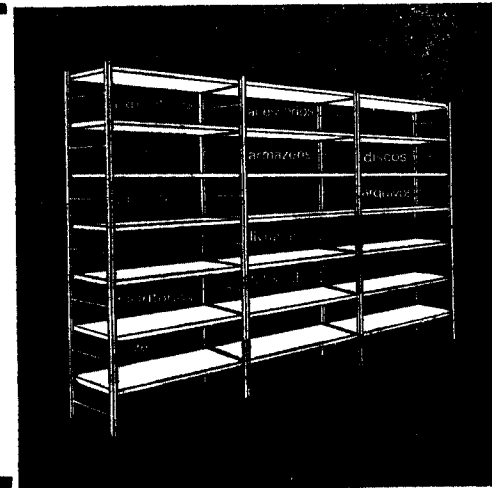
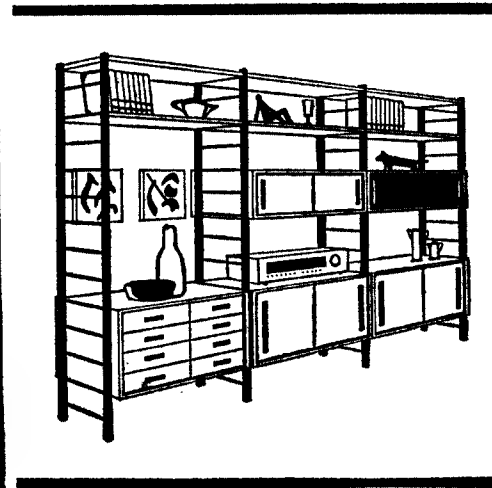
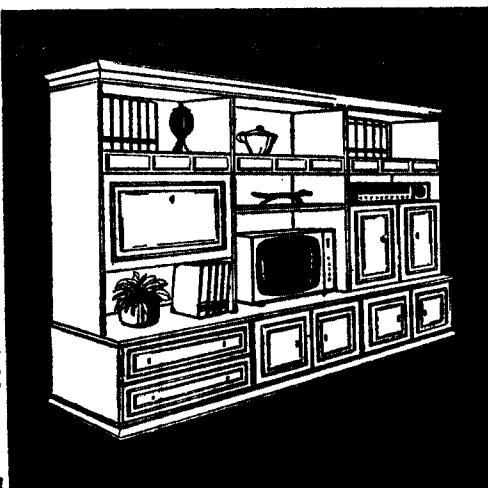
«Eu podia fazer uma trans-
plantação cardíaca hoje mes-
mo se tivesse um doente a
precisar dela.

Os maiores êxitos de Bar-
nard até agora, além de Do-
rothy Fisher, foram com o
dentista Philip Blaiberg, que
viveu 19 meses, e com o po-
lícia Pieter Smith, que sobre-
viveu 20 meses á operação.

1.ª EXPOSIÇÃO PARTICULAR DO MÓVEL

24 STANDS de MOBILIÁRIO EM JOMARPAN

DE 3 A 29 DE MAIO
ATÉ AS 23 HORAS



VÁRIAS SOLUÇÕES PARA O SEU LAR

MOVILAR
PORTUGUESA
ZEMARKS

EDIFÍCIO DO FOMENTO

R. Marquês da Fronteira, 4 (Loja) — Metro — S. Sebastião

«Taça de Portugal» e jogos para a «Ribeiro dos Reis»: duas fontes de surpresas que, não poucas vezes, levam a fortuna a casa dos totobolistas. Seiscentos e tal contos, para cada «treze», foi o prémio do último domingo.

2x2 totoBOLA

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

O 36.º Concurso (16 de Maio de 1971)

Taça de Portugal e III Divisão

1. Boavista-Varzim
2. Riopele-Setubal
3. U. Coimbra-Farense
4. Sesimbra-Académica
5. Barreirense-Beira Mar
6. Leixões-Guimarães
7. Torreense-Belenenses
8. Régua-Gil Vicente
9. A. Viseu-Alba
10. Feirense-Covilhã
11. Alhandra-Sacavenense
12. Casa Pia-Caldas
13. Amora-Almada

Sete jogos da Taça de Portugal e seis do campeonato da III divisão constituem o «programa» deste concurso. Como indicação que pode ser útil, aqui lembramos as classificações finais das equipas da I e II divisões, e actuais posições no campeonato da III — prova que se aproxima do seu termo.

TAÇA DE PORTUGAL

1. BOAVISTA-VARZIM — Ambos acabam de disputar o «Nacional» da I Divisão, no qual o Boavista conseguiu o 6.º lugar com 22 pontos, situando-se o Varzim no 14.º e último posto, pelo que desce de divisão. O jogo Boavista-Varzim para o campeonato terminou com um empate por 1-1.

2. RIOPELE-SETUBAL — O Riopele ficou no 5.º lugar

da Zona Norte da II Divisão, com 29 pontos. Nos jogos em «casa» teve 10 vitórias, 1 empate e 2 derrotas. O Setubal, 4.º da I Divisão, com 33 pontos. Foi em jogos «fora» que sofreu as suas 7 derrotas no campeonato.

3. U. COIMBRA-FARENSE — O Farense foi o 11.º da I Divisão, tendo registado, nos jogos «fora», doze derrotas e apenas um triunfo. O União de Coimbra foi o 10.º da Zona Norte, tendo, no seu campo, 7 v., 2 e., e 4 derrotas.

4. SESIMBRA-ACADÉMICA — 10.º da Zona Sul com 21 pontos, o Sesimbra teve, no seu campo, 6 v., 4 e. e 3 d. A Académica ficou no 5.º lugar da I Divisão. Nos seus jogos «fora» teve 3 v., 4 e. e 6 d.

5. BARREIRENSE-B. MAR — O Barreirense ficou no 10.º lugar da I Divisão, com 20 pontos, enquanto o B. Mar foi o primeiro da Zona Norte, com 35 pontos, assegurando assim o seu regresso à primeira divisão nacional.

6. LEIXÕES-GUIMARAES — Quando se defrontaram para o campeonato, em Matosinhos, empataram por 0-0. Na classificação final também ficaram empatados em pontos (19), mas foi o Leixões (13.º)

que se viu condenado a descer de divisão.

7. TORRIENSE-BELENENSES — O Torreense ficou no 8.º lugar da Zona Sul, com 23 pontos — e o Belenenses foi o 7.º da I Divisão, com 22. Repare-se que em 13 «saídas» o Belenenses só teve uma vitória a juntar a 4 empates e 8 derrotas.

III DIVISÃO

8. RÉGUA-GIL VICENTE — Jogo da Zona A, onde o Gil Vicente é o «leader» com 42 pontos e o D. Régua está no 9.º lugar com 29 pontos.

9. A. VISEU-ALBA — Zona B. O Alba ocupa o 1.º lugar, com 44 pontos — mais 15 que o Académico de Viseu, 7.º classificado.

10. FEIRENSE-COVILHA — Outro jogo da Zona B, onde o Feirense está no 6.º lugar com 30 pontos e o Sp. Covilhã ocupa a 2.ª posição a 2 pontos do Alba.

11. ALHANDRA-SACAVENENSE — Jogo da Zona C. O visitado (Alhandra) tem 24 pontos e está no 12.º lugar, enquanto o Sacavenense está

na quarta posição, com mais 8 pontos.

12. CASA PIA-CALDAS — Também da Zona C temos este jogo de aparente equilíbrio, em que o 9.º classificado, com 27 pontos, recebe a visita do 6.º, que tem 32.

13. AMORA-ALMADA — Finalmente, um jogo da Zona D. O Amora está no 4.º lugar com 30 pontos e o Almada ocupa o 7.º posto, com menos um ponto apenas.

De Lisboa, escreve-nos o sr. Raul Ferreira, solicitando um «sistema» condicionado ao 12, com apenas um jogo «fixo» e de preço não superior a 5000\$00.

Perante tais restrições escolhemos o sistema de 4 TRIPLAS e 8 DUPLAS, que será desdobrado em 9 boletins de 256 apostas e cujo preço é de 4608\$00.

TRIPLA	1	x	2	1	x	2	1	x	2
TRIPLA	1	x	2	x	2	1	2	1	x
TRIPLA	1	x	2	2	1	x	x	2	1
TRIPLA	1	1	1	x	x	x	2	2	2
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x

Acertando no jogo «fixo» e nas DUPLAS há a GARANTIA TOTAL de 12 resultados certos.

Sem que haja qualquer perda de garantias no sistema, as DUPLAS podem ser alteradas para 1-2 ou x-2, de acordo com o palpite do apostador.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 36 das nove épocas anteriores, verificaram-se as seguintes «chaves»:

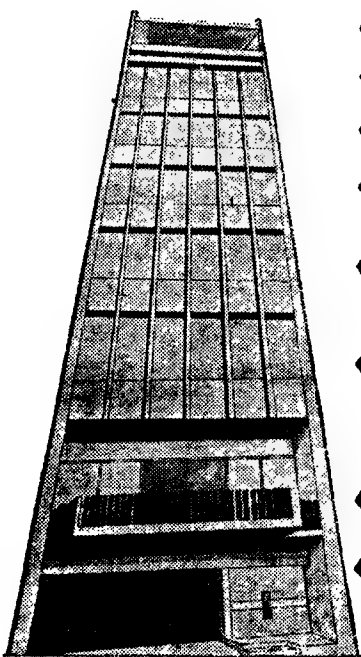
61-62		1x1	112	1x2	222x
62-63		122	211	1x1	1x11
63-64		121	xx1	111	1111
64-65		12x	221	221	121x
65-66		111	222	112	2x12
66-67		1x2	211	121	12x2
67-68		221	2xx	111	2x21
68-69		xx1	221	121	x112
69-70		21x	111	1x1	2212

- Nos jogos n.º 7 e 9 está por aparecer o símbolo «x»;
- Na época 61-62 apenas apareceu um totalista que recebeu 693 155\$70. Veja-se o que tem sido a evolução dos prémios do Totobola, pois todos sabemos que um único acertante receberia, agora, 2 ou 3 mil contos.

CONCURSO N. 37 (23 Maio 71)

Para este concurso foram escolhidos sete jogos da Taça Ribeiro dos Reis e seis da III Divisão.

1. Riopele-Famalicão
2. Sanjoanense-Gouveia
3. T. Novas-U. Tomar
4. U. Leiria-Tramagal
5. Sintrense-Oriental
6. Peniche-Torreense
7. Seixal-Portimonense
8. Soure-Feirense
9. Odivelas-Almeirim
10. Caldas-Marrazes
11. Juventude-C. Piedade
12. Almada-Lusitano Évora
13. Grandolense-Amora



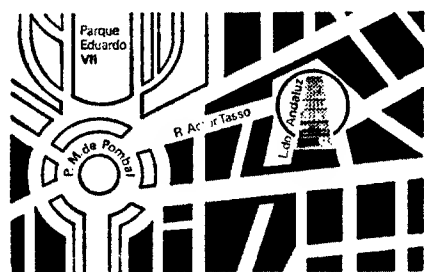
BEM...
Não temos a mania das grandezas.

Mas... instalámo-nos num «arranha-céus» exactamente.

Encontrámos um «arranha-céus» à nossa medida e resolvemos o «nosso problema». Aumentando os meios de trabalho aumentámos a capacidade de servir.

Estamos, pois, no Largo do Andaluz, 24 ao seu dispor desde já para as soluções do futuro!

Se, por enquanto, outro apoio lhe não interessar, poderemos começar por dar-lhe uma ajuda nos problemas de estacionamento. Aqui bem perto, junto da Rotunda, dispomos de parque privativo onde cabem, pelo menos, vinte carros dos nossos clientes e amigos.



GABIMEC GABINETE DE ESTUDOS E APLICAÇÕES MECANOGRÁFICAS, S.A.R.L.
Telefones: 63 2517-63 2578-78 1968



PARTIDAS DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«IMPÉRIO» a sair em 12 de Maio às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.
«UIGE» a sair em 19 de Maio às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, e MOÇAMÉDES. Carrega em Lisboa, de 10 a 13 de Maio.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 1 de Junho às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 26 a 29 de Maio.
«PORTO» a sair em 9 de Junho	Com escala prévia por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 7 de Junho.
«PATRIA» a sair em 14 de Junho às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.
«GANDA» a sair em 18 de Junho	Com escala por LEIXÕES para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 16 de Junho.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 7 de Junho às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.
--	--

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

Basquetebol SORTEADO O «NACIONAL»

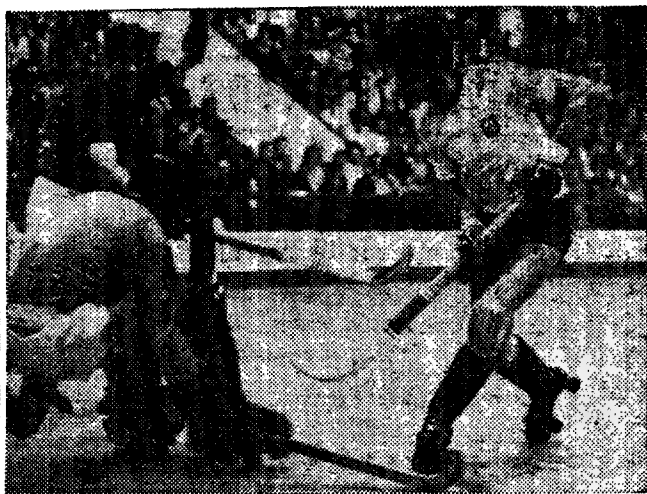
Entre 16 e 22 do corrente, disputa-se em Lourenço Marques, a fase final do Campeonato Nacional de Basquetebol.

1.ª jornada — dia 16 — Desportivo de Lourenço Marques-Luanda e Benfica, e Sporting de Lourenço Marques-Sporting.

2.ª jornada — dia 17 — Luanda e Benfica-Sporting de Lourenço Marques, e Sporting-Desportivo de Lourenço Marques.

3.ª jornada — dia 18 — Sporting-Luanda e Benfica, e Sporting-Lourenço Marques-Sporting de Lourenço Marques.

Segunda volta: 20, 21 e 22.



Mais um golo de Portugal nas redes italianas

«Europeu» de hóquei patinado

Portugal e Espanha continuam invictos

Na 3.ª jornada do «Europeu» de hóquei em patins, vitória normal da Holanda frente à Suíça (11-2), despique emocionante entre a França e Inglaterra (com a vitória tangencial do primeiro por 9-8), precioso triunfo de Portugal por (6-1) contra a Itália, e muitas quezílias entre a Bélgica e a Espanha, no jogo ganho por estes por 5-0.

(8), Galway (5), Guy e Cubitt.

Jogo cheio de entusiasmo e vobração, justificando os gauleses o triunfo pela boa velocidade e sentido de entreajuda de toda a equipa.

Suíça, 2-Holanda, 11

SUIÇA — Walliser, Cordier, Wuchner, Sallin, Subenthal (1), Stettler, Blakmann (1), Spelman e Cherk.

HOLANDA — Tom Ek, Heppa, Prekas, Olthoff (4), Wieheesen (1), Habraken (6), Tim Ek e Zuidgeest.

Tal como se esperava, a Holanda venceu facilmente a Suíça, a sua primeira vitória neste campeonato.

França, 9-Inglaterra, 8

FRANÇA — Gonzalo, Barreau, Fongred (4), Canel (5), Mora, Dolwet e Chiffolleau.

INGLATERRA — Kent, Howard, Thurston, Barham

Portugal, 6-Itália, 1

PORTUGAL — Ramalhe, Rendeiro (8), Garrancho, Campos (1), J. Vicente (1), Cristiano (1) e Casimiro.

ITALIA — Fontana, Facchini, Saveado Renato, S. Mario, Prinz, Barturella (1), Moncalieri, Fona e Arone.

A nossa equipa, claudicando nos primeiros momentos da partida, permitiu à turma transalpina criar sérios problemas. Entretanto, Portugal foi-se reorganizando e, aos 6 m, surgiu o golo de Rendeiro que abriu a goleada. Belo jogo de Ramalhe.

Espanha, 5-Bélgica, 0

ESPAÑA — Garcia, Vila (1), Vilallonga (2), Sabaté, Nogué (1), Cilaosta e Chercos (1).

BÉLGICA — Lerdensdorf, Mathijs, Bleeker, Meulder, Wardoren, Camp, Lefever e Plumier.

Derrota normal da equipa belga, com bastante rudeza de parte a parte.

Classificação actual:

Portugal e Espanha, 9 p.; Itália, Holanda e França, 5 p.; Bélgica, Alemanha e Suíça, 4 p. e Inglaterra, 8 p.

Programa de hoje — 20 horas, Inglaterra-Alemanha; 20 e 05, Itália-Holanda; 22 e 10, Portugal-Bélgica e 23 e 15, Espanha-Suíça.

H. ROSARIO

O ATLÉTICO EM PARIS

O Atlético parece começar a recolher os frutos da sua subida à 1.ª Divisão... e vai de mala avia até Paris, onde defrontará a equipa do Joinville, reforçada com elementos do Marselha, no dia 20.

O jogo será no estádio Jean Bouin, precedido por um encontro entre a equipa de futebol da Associação Nacional dos Portugueses na França e outra ainda a designar, mas talvez constituída por jogadores desportivos de Paris.

ALTIG CORRE HOJE NA PISTA DE ALVALADE

Rudi Altig, ex-campeão mundial, corre hoje na pista de Alvalade, no decorrer do festival organizado pelo Sporting. Outros atractivos da reunião: os jogos Atlético-Dundee (Escócia) e Sporting-Norwich (Inglaterra). Em ciclismo exibem-se, também, os belgas Barras e Deboosher.

Outros acontecimentos marcados para hoje

BASQUETEBOL — Taça Dr. Artur Madeira da Silva: Cruz-Quebradense-Técnico A, às 21 e 15; e Belenenses-Benfica, às 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda.

Taça Lavínia Pais (feminino): Encarnação-Física e C. D. U. L. C. I. F., às 21 e 15; e Algés-Nacional, às 22 e 30, no Pavilhão do Estádio Universitário.

BILHAR — Campeonato de Lisboa do Quadro 47/2, na Associação dos Amadores de Lisboa, às 21.

TÊNIS DE MESA — Torneio de Populares (seniores) de Lisboa — Série A: Económicos B-Armadorense e Pena-Aço de Lumiar. Série B: Alunos Apolo-Económicos A e Musical 3 de Agosto-Lisbonense B. Série C: Progresso



A selecção de juniores encontra-se em estágio, em Vale de Lobos. Um dos convocados por Peres Bandeira (o sportinguista Nando) ingressou no lote dos futebolistas profissionais: o contrato com as cores de Alvalade tem três anos de duração

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ATLETAS DO SPORTING NOS «EUROPEUS» DE 1971

Nas instalações sociais do Estádio José Alvalade efectuou-se, ontem, à noite, uma reunião do vice-presidente das actividades amadoras do Sporting, eng.º Gomes Nunes, com os representantes dos órgãos de informação, a fim de dar a conhecer a existência de um plano de incentivo e de preparação, com retribuição de prémios, com vista a levar a Helsinquia, aos Campeonatos da Europa, que se disputam de 10 a 15 de Agosto, um grupo de atletas.

Usou da palavra em primeiro lugar o eng.º Gomes Nunes, disse que a reunião se resumia a dar publicidade a um plano de incitação, preparação e de prémio aos atletas «leoninos», não só para dar elevação técnica aos representantes do clube, mas ainda, e, sobretudo, com o fito de, uma participação nos «Europeus de 71» com marcas e tempos de categoria europeia.

Falou depois, o prof. Moniz Pereira, para relatar o que era o plano, que concebemos uma dezena e meia de contos, entre os quais devemos salientar a participação dos atletas «leoninos» em vários «meetings» internacionais, tais como a «Maratona de Espanha», o «Grande Prémio de Valsehermosos» (em pista de tartan); o «Grande Prémio de Bomenfaut», em Paris; o «Memorial Rodriguez»; o «Troféu Canguru»; a «Mini-Maratona de Porto Rico»; o «Grande Prémio Internacional de Lisboa» (com cinco atletas ingleses); o en-

contro Sporting-equipa da Fiat de Turim (campeã da Itália); e, ainda, de colaboração com a Federação de atletismo, os encontros de Portugal-Espanha-Irlanda (em Gijón); e o Portugal-Espanha.

Ora para que a participação dos atletas sportinguistas nos «Europeus» atinja o nível que é de desejar, o plano concebido pelo prof. Mário Moniz Pereira, estabeleceu os seguintes mínimos de presença:

MASCULINOS

100 m — 10,8 (ou duas vezes 10,4 s.); 200 m — 23,2 s.; 400 m — 47,1 s.; 800 m — 1 m. 49,2 s.; 1500 m — 3 m. 44 s.; 5000 m — 14 m. 5 s.; 10 000 m — 29 m. 30

s.; 110 m bar. — 14,1 s. (ou duas vezes 14,2 s.); 400 m bar. — 51,8 s.; 3000 m obst. — 8 m. 44 s.; Altura — 2,10 m; Comprimento — 7,60 m; Triplo — 16 m; Vara — 4,80 m; Peso — 18 m; Disco — 56 m; Dardo — 76 m; Martelo — 64 m; Maratona — 2 h. 22 m.; e Decatlo — 7000 pontos.

FEMININOS

100 m — 11,7 s. (ou duas vezes 11,8 s.); 200 m — 24,5 s.; 400 m — 55,5 s.; 800 m — 2 m. 10 s.; 1500 m — 4 m. 35 s.; 100 m barr. — 14,2 s.; Altura — 1,65 m; Comprimento — 6 m; Peso — 15 m; Disco — 50 m; Dardo — 50 m; e Pentatlo — 4200 pontos.

ONDE FORAM ELES BUSCAR TANTA ENERGIA? SUSTAGEN®

energia instantânea

Preparação instantânea — efeito imediato. Mantenha-se no jogo. Tome Sustagen e sinta a energia do verdadeiro desportista — a energia de que todos necessitam.

Sustagen
Indispensável ao desportista — essencial para si.



O Sustagen é um alimento completo que fornece todos os elementos nutritivos essenciais ao homem.

De sabor agradável — baunilha, chocolate e morango — o Sustagen é de digestão fácil e proporciona-lhe um magnífico bem-estar.

Sustagen dá-lhe o prazer e a energia de uma boa refeição sem os inconvenientes de uma digestão difícil e demorada.

De fácil assimilação o seu efeito é praticamente imediato.

Além disso o Sustagen é de preparação fácil e rápida e pode ser tomado em qualquer situação em que um acréscimo de energia seja necessário.

Se está cansado — um copo de Sustagen dar-lhe-á energia instantânea.



Mead Johnson

DIVISÃO DE BRISTOL FARMACÉUTICA PORTUGUESA, LDA.
Av. João Crisóstomo, 49 • telef. 53 90 81/2/3 • Lisboa 1 — end. teleg.: BRISLAB

CAMISARIA

Moderna

LISBOA - MADRID

PRONTO A VESTIR

Novas instalações (provisórias) com as últimas novidades nacionais e estrangeiras e onde TODOS os n/ clientes e amigos encontrarão a atenção e competência dos nossos colaboradores.

CAMISA *Plumá* ALGODÃO

TRIPLA DURAÇÃO

Preço 210\$00

Pedimos a todos os nossos Ex.^{mos} Clientes, aos quais seja possível, que efectuem as suas compras na parte da manhã, em virtude da aglomeração que se verifica da parte da tarde não nos permitir dispensar-lhes a costumada boa atenção.

A CAMISARIA MODERNA
GARANTE TODAS AS SUAS CONFECCOES

ROSSIO, 110

LISBOA

ANSIÃO



JOÃO ANTÓNIO DUARTE FAVEIRO

Missa do 7.º dia e agradecimento

Vitor António Duarte Faveiro, Clarisse Monteiro Gouveia Faveiro, netos, bisnetos e mais família, participam que se realizam no dia 11, pelas 21,30 horas, na Igreja Paroquial de Ansião, e no dia 12, pelas 18 horas, na Igreja da Conceição Velha — Rua da Alfândega, em Lisboa, missas pelo eterno descanso de seu pai, sogro, avô, bisavô e parente, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como àqueles que o acompanharam no seu funeral.



Engenheiro

Manuel Amaro Vieira

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filha, genro, netos e mais família participam que, amanhã, dia 12, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, pelas 20 horas, na Igreja de Santa Isabel.

APARTAMENTOS MOBILADOS

ALUGUER E VENDA

● Passe as suas férias na Costa do Sol

● Aplique os seus capitais com magnifico rendimento

Apartamentos totalmente equipados



modernos e confortáveis situados junto ao mar

J. PIMENTA, SARL • Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telet. 45843/47843



Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% ...	—	—	486\$	Ag. S. Tomé e Príncipe...	—	200\$	210\$
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	488\$	Boror ...	—	120\$	125\$
Consolidado 3 7/2% ...	—	—	604\$	Buzi ...	—	67\$	—
Centenários 4% ...	—	—	1.400\$	Cabinda ...	—	205\$	210\$
Obriga. Tesouro 5% ...	1.000\$	—	1.000\$	D. Amantes Angola ...	1.985\$	1.960\$	1.990\$
Externa 1.ª Série ...	590\$	590\$	620\$	H. E. Revue ...	—	600\$	630\$
Externa 1.ª Série G ...	—	—	—	Moçambique ...	191\$	190\$	192\$
Externa 3.ª Série ...	—	700\$	750\$	Sonete n ...	—	410\$	425\$
Externa 3.ª Série G ...	—	—	—	Sonete p ...	—	68\$	69\$
Externa 3.ª Série G ...	—	—	—	Zambézia ...	—	—	—
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua. Lisboa 5% ...	—	—	—	Cadla ...	—	6.650\$	6.730\$
A. P. 1 5% 56 ...	—	880\$	—	Cim. Leiria ...	—	8.050\$	8.200\$
A. P. 1 5% 58 ...	—	880\$	—	Cim. Tejo ...	—	1.300\$	1.330\$
A. P. 4 1/2% 65 ...	—	—	850\$	Col. Navegação ...	—	1.350\$	1.400\$
C. P. 5 1/2% 67 ...	—	—	930\$	C. U. F ...	—	—	—
C. U. F. 6% ...	—	910\$	930\$	Ind. Alcança ...	—	—	—
C. U. F. 6% 68 ...	—	920\$	—	Nac. Navegação ...	3.870\$	3.850\$	3.900\$
Gás Elect. 4% 48 ...	—	—	—	Petroquímica ...	—	1.250\$	1.300\$
Gás Elect. 4 1/2% 51 ...	—	855\$	—	Port. e Colónias ...	—	1.025\$	1.030\$
Gás Elect. 5% 52 ...	—	—	880\$	Port. Celulosa ...	3.950\$	3.900\$	3.980\$
Gás Elect. 5% 53 ...	—	—	—	Port. Pesca ...	1.200\$	1.170\$	—
Gás Elect. 5% 59 ...	—	—	—	Port. Tabacos ...	603\$	601\$	604\$
Gás Elect. 5% 62 ...	—	955\$	—	Sacar ...	—	3.700\$	3.900\$
Gás Elect. 5% 63 ...	—	950\$	—	Siderurgia Nac ...	2.490\$	2.480\$	2.500\$
Gás Elect. 5% 65 ...	—	—	—	Socel ...	3.310\$	3.300\$	3.320\$
Gás Elect. 5% 67 ...	—	—	—	Tabacos de Portugal ...	—	1.410\$	—
H. E. A. Alentejo 5% ...	—	—	—	Tabaqueira ...	6.220\$	6.200\$	6.230\$
H. E. Cávado 5% ...	770\$	760\$	—	U. F. Azoto ...	—	—	630\$
H. E. Cávado 6% ...	—	960\$	—				
H. E. Doura 5% ...	770\$	760\$	—	Agua Elect. e Gás			
H. E. Doura 6% ...	950\$	950\$	—	Agua. Lisboa p ...	—	390\$	—
H. E. Norte Port. 5% ...	—	—	—	Agua. Lisboa 34 ...	—	390\$	—
H. E. S. Estrela 6% ...	—	930\$	—	Agua. Lisboa 36 ...	—	390\$	—
H. E. Zêzere 5% 55 ...	—	770\$	—	C. P. Electricidade ...	1.180\$	1.180\$	1.181\$
H. E. Zêzere 5% 57 ...	—	770\$	—	C. P. Electricidade n. ...	1.170\$	1.170\$	1.175\$
Lisnave 6% ...	950\$	940\$	—	C. P. Electricidade 969 ...	1.675\$	1.670\$	1.680\$
Metropolitano 4% ...	—	—	—	Elect. Beiras ...	383\$	383\$	388\$
Metropolitano 5 3/4% ...	—	—	—	Gás Elect. ...	—	181\$	—
Moçambique 5% ...	680\$	670\$	—	H. E. Alto Alentejo ...	—	—	—
Nac. Elect. 5% ...	775\$	760\$	780\$	H. E. Norte Portugal ...	—	—	—
Nitratos 5% ...	—	—	—	H. E. S. Estrela ...	—	—	—
Nitratos 5% 60 ...	—	—	—	Nac. Electricidade ...	—	222\$	225\$
Petroquímica 5% ...	—	850\$	—	U. E. P ...	197\$	195\$	200\$
Port. Celu. 5% ...	—	—	—				
Sacar 5% 54 ...	—	925\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Sacar 5% 60 ...	825\$	820\$	830\$	F. I. Atlântico ...	9\$061	9\$921	—
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	—	—	F. I. D. E. S ...	2\$072	2\$102	—
Siderurgia 5% 3.ª ...	710\$	700\$	720\$				
Siderurgia 5% 4.ª ...	720\$	720\$	—				
Sonete 5% ...	800\$	790\$	—				
T. A. P. 4% ...	—	—	—				
Termoelect. Port. 5% ...	—	—	—				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	—	89\$				
U. E. P. 4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	90\$	—				
U. E. P. 5% ...	71\$5.	71\$	72\$				
U. E. P. 5% 60 ...	—	—	750\$				
U. E. P. 5% 63 ...	—	880\$	—				

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65 100)

	4/5/71	10/5/71	11/5/71
GERAL	150,7	151,7	151,5
METROPOL.	147,2	148,5	148,5
ULTRAM.	176,3	175,2	173,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$50	38\$00
Além-Tejo — Marco ...	7\$90	8\$25
América:		
— Dollars de 1 e 2 ...	27\$80	28\$30
— " de 5 a 20 ...	28\$10	28\$60
— " de 50 a 100 ...	28\$20	28\$70
Argentina — Peso Novo	\$500	\$550
Austria — Schilling ...	\$10	\$17
Bélgica — Franco ...	\$56	\$59
Brasil — Cruzeiro ...	4\$50	\$48
Canadá — Dólar ...	27\$80	28\$30
Dinamarca — Coroa ...	3\$70	4\$00
Espanha — Peseta ...	\$40,5	\$42
Francia — Franco ...	\$500	\$530
Holanda — Florim ...	7\$90	8\$25
Inglaterra — Libra ...	68\$00	70\$00
Itália — Lira ...	\$04,4	\$04,7
Marrócos — Dirhan ...	5\$00	\$560
Noruega — Coroa ...	3\$85	\$415
Suécia — Coroa ...	5\$35	\$565
Sulpho — Franco ...	6\$85	7\$10
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295\$00	315\$00
Inglaterra — 7/2 Libra	300\$00	320\$00
Ouro Fino — Barra	36\$50	38\$50

J. BURNAY, L.^{da} Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Tel. 231270

CARTAZ DOS CINEMAS



IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30 h.
3.ª SEMANA
Omar Sharif, Michael Caine
e Florinda Bolkan em
O VALE PERDIDO
70 mm - Color

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima do cinema
sueco
A ILHA
Um filme de Alf Sjöberg
com Bibi Andersson

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
VIDAS PROIBIDAS
(LE CHAMPIGNON)
com Mylene Demongeot, Alida
Vali, e Jean Pierre Bouillon
Scope - Colorido

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
5.ª SEMANA
Todos os dias
As 15.30, 18.30 e 21.45
Cyril Lusack na excepcional
interpretação de
GALILEU
Um dos processos mais dra-
máticos da História

ODEON

(Adultos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA DO EXITO
DE MAIS VIVA SENSACÃO
DO ANO
AMORES PROIBIDOS
(Los Jovens Amantes)
Amavam-se tanto que ambos
esqueceram a vergonha da pa-
ição que unia as suas almas
enamoradas
Eastmancolor

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
As 14.15, 18 e 21.45
12.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor
Howard, John Mills e Sarah
Miles

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Dois jovens lutando contra as
exigências de uma sociedade
Michael Sarrazin e Barbara
Hershey em
**EM BUSCA
DA FELICIDADE**
(The Pursuit of Happiness)
Um filme de Robert Mulligan
Colorido

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
VIDAS PROIBIDAS
(LE CHAMPIGNON)
com Mylene Demongeot,
Alida Vali e Jean Pierre
Bouillon
Scope - Colorido

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 681016
As 15.00 e 21.00
O homem que após a sua
morte foi considerado uma
lenda
PATTON
com George Scott e East
Malden
7 OSCARS
70 mm - Color
Atenção ao horário das sessões

VOX

(Adultos) Tel. 720505
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
DE ENCHENTES
Um filme onde a crítica, a
análise, o quotidiano e a ma-
landrie, andam a sota... e
de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida
com Jean Yvonne e Fran-
çoise Fabian
(Junto à Av. de Roma)

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
COM MONTGOMERY WOOD:
A VIOLÊNCIA
DE UM FURACÃO EM
ANTES MORTO
QUE VIVO
Eastmancolor

SÃO JORGE

HOJE, AS 15.15, 18.15 e 21.30
Dean Martin e Kim Novak



NOTÁVEL COMEDIA
DE BILLY WILDER
2.ª SEMANA
(Adultos)

MUNDIAL

(M. 17 anos) Tel. 338743
As 18.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA DE SENSACÃO!
Charles Bronson e Telly Sa-
valas
vivem uma extraordinária e
emocionante aventura em
CIDADE VIOLENTA
Um primoroso filme colorido
de Sergio Sollima
Metro: Estação Picoas

BERNA

(Adultos) Tel. 774098
3.ª SEMANA DE EXITO!
As 18.30 e 21.45
Claudio Sergio e Peter Strum
no impolgnate e inesquecível
filme de Ralph Nelson, rodado
nas padarias do México
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Em Panavision e Technicolor
A Av. Marquês de Pombal

RESTELO

(12 anos) Tel. 616875
As 21.30
O JOGO DO CRIME
com Laurence Harvey
e Ann Margaret

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.
Um grupo de cómicos num
espetáculo divertido!
**UM TIRO
PELA CULATRA**

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264621
As 17, e 21 e 30 h.
**MAIS MORTO
QUE VIVO**
com Clint Walker, Vincent Price,
Anne Francis e Paulo Hampton

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3, 6 e 15 da tarde
e 9 e 30 da noite
Um novo grande cómico
francês
PIERRE RICHARD
numa comédia sensacional
O DISTRAÍDO

ROMA

(Adultos) Tel. 72778
As 15.30 e 21.45 h.
4.ª SEMANA TRIUNFAL
Annie Girardot, Merille Dare,
B. Blier
na Comédia
de Humor muito Negro
**ELA NÃO BEBE,
NÃO FUMA, MAS...**
Eastmancolor

LUMIAR

(Adultos) Tel. 79593
As 21 horas
**JOVANKA E AS OUTRAS
OS SEDUTORES**

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e 21 h.
2.ª SEMANA
Peter O'Toole e Omar Sharif
LAWRENCE DA ARABIA
No ecrã gigante de 70 mm
ATENÇÃO: O filme começa a
ser exibido às 15.15 e 21.15 h.

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 682632
11.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45 h.
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
As 21 horas
DJANCO
DEBÁFIA BARTANA
O GENDARME CASA-SE

AVIS

(Adultos) Tel. 47168
As 15.30 e 21.45
Anthony Steffan e Mark
Damon no filme de acção
arrastante e espectacular
**UM TREM
PARA DURANGO**
Technicolor - Techniscope

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037
As 21 horas
**PARA O INFERNO
UM HOMEM...
E MUITAS MULHERES**

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**MONTE WALSH, UM HOMEM
DIFÍCIL DE MORRER**
EM PONTO DE REBUÇADO

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
A SORTE VIAJOU DE BARCO
O PREÇO DE 5 JOGADORES

* outros espectáculos

LISBOA

TEATROS
TEATRO ACADEMIA—As 21 e 45:
«O Santo e o Porco» (12 anos).
VASCO SANTANA—As 21 e 45:
«A Cozinha» (12 anos).
LAURA ALVES—As 21 e 45:
«Só as Borboletas são livres»
(17 anos).
TEATRO MONUMENTAL—As 21
e 45: «Quarenta Outeiros» (17
anos).
VARIEDADES—As 21 e 45: «O
Contrato» (17 anos).
MARIA MATOS—As 21 e 45:
«Jogos de Sociedades» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE—As 21: «Viagens para
o Inferno» (12 anos).
OLIMPIA—As 21: «O terror no
Castelo dos Mortos Vivos» (17
anos).
JARDIM-CINEMA—As 21: «Amor
no Pacífico» (17 anos).
ARCO IRIS—As 21: «Amor no
Pacífico» (17 anos).
ARCO IRIS—As 21: «A Montanha
da Múscara Negra» (12
anos).
IDEAL—As 21: «Um caso pen-
dido» (17 anos).
SALÃO LISBOA—As 21: «Chego,
veja e dispara» (12 anos).
PARIS—As 21: «Gringo não
perdoa» (12 anos).
MOSCAVIDE—As 21: «Funto de
viver» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS—STADIUM—As 21 e
30: «A sorte viajou de barco»
(12 anos).
OBRAS—OBRAS-CINE—As 21:
«Um assassino para sua majes-
tade» e «Oiro sagrado» (12
anos).
PAREDE—ROYAL-CINE—As 21:
«Nada de novo para OSS-117»
(17 anos).
ESTORIL—CASINO—As 17 e
21 e 30: «Mais morte que
vivo» (17 anos).
ESTORIL—PALÁCIO—As 21
e 30: «777 senário de sua ma-
jestade» (17 anos).
CASCAIS—S. JOSÉ—As 21 e
30: «Um homem insensível»
(17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA—O JOGO V—As 21
e 30: «David Copperfield» (12
anos).
AMADORA—RECREIOS DESPOR-
TIVOS—As 21 e 15: «A
química raposa» (17 anos).
MEM MARTINS—CINE-CHABY
As 21 e 30: «Chicago-Chicago»
(12 anos).

Outra Banda

ALMADA—INCRÍVEL—As 21
e 15: «4 casos de amor» (17
anos).
LARANJEIRO—INSTRUÇÃO E
RECREIO—As 21 e 30: «Boa
sorte Gringo» (12 anos).

PORTO

TEATROS
RIVOLI—As 21 e 30: «O Came-
rado Museu» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO—As 21 e 45:
«Bodas de Sangue» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO—As 21 e 30: «O a-
lívio do amor» (17 anos).
TRINDADE—As 21 e 30: «Quem
matou Liberty Valance» (17
anos).
OLIMPIA—As 21 e 30: «O ninho
de víboras» (17 anos).
BATALHA—As 21 e 30: «O Ghe-
mo guerreiro» (17 anos).
CARLOS ALBERTO—As 21: «Os
Dias da ira e «A Múscara de
Superango» (17 anos).
ESTÚDIO—As 21 e 30: «A Ca-
meleira» (17 anos).
AGUIA DE OURO—As 21 e 30:
«Os Estrangeiros» (17 anos).
JULIO DINIS—As 21 e 30: «Me-
linda» (12 anos).
VALE-ORMOSO—As 21 e 30:
«Vinte mil dólares por um
Gringo» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE—As 21 e 30: «Ca-
luna de Cinzas» (17 anos).
AVENIDA—As 21 e 30: «A lúe
de um homem» (7 anos).
TIVOLI—As 21 e 30: «Coro-
da cor» (12 anos).
SOUSA BASTOS—As 21 e 30: «O
sinal de Diango» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA—Mestre, Tra-
vessa da Memória, 55 (tel.
630944).
ALCANTARA—Beltrão,
Rua Prior do Crato, 23
(tel. 66132).
ALVALADE—Zil, Ave-
nida da Igreja, 9-D (tel.
711780).
S. João de Deus,
Rua Pedro Ivo, -A (tel.
725140).
Roma, Avenida
de Roma, 85-B (tel. 772466).
AMORÉIRAS—Brita-
nica, Travessa da Légio da
Póvoa, 5-B (tel. 689250).
ANJOS—Confiança, Ave-
nida Almirante Reis, 46
(tel. 42453).
Renasença,
Rua Damasceno Monteiro,
104-A (tel. 831504).
AREIRO—Gorante,
Avenida Padre Manuel de
Nóbrega, 5-A (tel. 727300).
Imperial, Avenida Guer-
ro Junqueira, 30-B (tel.
726860).
AVENIDAS NOVAS—
Vale, Avenida Marques de
Tomar, 45 (tel. 773043).
S. Balva, Avenida Duque
de Avila, 25 (tel. 45225).
BAIRRO ALTO—Bar-
reta, Rua de Loreto, 30
(tel. 327284).
BAIRRO DA LIBERDADE—
Salutar, Rua B. 75-A
(tel. 683694).

BAIXA—Teixeira Le-
pes, Rua Aurora, 54 (tel.
324816).
Oliveira, Rua
da Prata, 240 (tel. 321415).
BENFICA—Alegria, Es-
trada de Benfca, 80-A
(tel. 780511).
Lavinha,
Rua Eng.º Paulo de Barros
(ex-Rua C. 6 Rua da Cas-
quilha, 28-A (tel. 708242).
União, Estrada de Benfca,
592/4 (tel. 700092).
CAMINHOS DE FERRO—
Frazão, Rua da Cruz de
Santa Apolónia, 90 (tel.
847019).
CAMPO DE OURIQUE—
Lobal, Rua Infantina 16,
98-B (tel. 688807).
CAMPOLIDE—Pinto, Rua
de Campolide, 11 (tel.
682610).
CASTELO—Zifer, Rua
de S. Tomás, 54 (telefone
862835).
CHELAS—Benha, Es-
trada de Chelas, 173 (tel.
382241).
CHILE—Verel, Rua
Mons. Soares, 109 (tel.
40632).
ENCARNACÃO—Ae-
sessa, Rua 27, 41 (ao
Bairro do Encarnação) (tel.
311216).
ENTRECAMPOS—Al-
cântara, Avenida da Re-
publica, 74-A (tel. 771879).

ESTEFANIA—Mundial,
Largo D. Estefânia, 9 (tel.
45578).
ESTRELA—André Ri-
beira, Avenida do Infante
Santo, 66-B (tel. 666971).
107 (tel. 326476).
LAPA—Felva da Co-
sta, Rua da Lapa, 105 (tel.
664414).
LUMIAR—Central do
Lumiar, Rua do Lumiar,
77 (tel. 790480).
Douro, Alameda das Linhas de
Torres, 93-A (tel. 791131).
OLIVAIAS—Oliveira, Rua
Aves, Gouveia, 9 (tel.
811237).
PICHELEIRA—Luzmar,
Rua João Nascimento Cos-
ta, 16-A (tel. 728395-
720708).
PICOAS—Souza Mar-
tins, Rua Sousa Martins,
25 (tel. 553468).
POÇO DO BISPO—
Frelitas, Rua Zóimo Pe-
droso, 11 (tel. 351136).
REGO—Baptista, Rua
Francisco Tomás da Costa,
3-C (tel. 771873).
SANTA APOLÓNIA—
Ver Caminhos de Ferro.
SANTA MARTA—Fer-
nandes, Rua de S. José,
SANTO AMARO—Cor-
neio de Azevedo, Rua Luís

de Camões, 42-8 (tel.
638625).
Biotifor, Rua
D. João de Castro, 27-B
(tel. 638824).
BENTO—Castro, R.
de S. Bento, 199-A (tel.
660513).
S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA—S. Sebastião,
Largo de S. Sebastião do
Pedreiro, 1-9 (tel. 48642).
Linha de Cascais
ALGÉS—Branco, Av.
Comb. Grande Guerra, 29
(tel. 212081).
CAXIAS—Nave, Rua
Bernardim Ribeiro, 1-A (tel.
242839).
PAÇO DE ARCOS—Ge-
raldo de Silva, Av. Pa-
trício Lopes, 4 (tel. 243203).
OBRAS—Central—R.
João Teixeira Simões, 18
(tel. 243008).
PAREDE—Brandão—
Av. da Republica, 17-C
(tel. 247054).
ESTORIL—Perce—
Arcadas do Parque, 3 (Te-
lefone 260 911).
S. PEDRO DO ESTORIL—
S. Pedro (tel. 263052).
CASCAIS—Marginal—
Av. Marginal (tel. 280078).
S. A. Costa (tel. 280214).

Linha de Sintra

AMADORA—Amadora,
P. 28 de Maio, 3 A (tel.
93558).
Carmelo, Rua
Elias Garcia, lote 28 (tel.
933303).
Helméus, Rua
Elias Garcia, 2 (tel. 933613).
S. Jorge, R. Pedro do
Negro, S. Reboleira (tel.
936703).
BAMAIA—Lemos, R.
de Goa, 1-A (tel. 971121).
QUELUZ—André—Av.
Elias Garcia, 151 (tel.
950043).
Queles—Av.
Miguel Bombarda, 125-A
(telefone 951841).
CACIA—Central—R.
Elias Garcia, 35 (telefone
2940034).
MEM MARTINS—Qui-
lme—Est. Mem Martins,
285 (tel. 290021).
S. PEDRO DE SINTRA—
S. Valentim (tel. 980456).
SINTRA—Simões—R.
Heldoro Salgado, 26 (tel.
980832).
COLARES—Colares—
Abreia (tel. 299088).

Outra Banda

ALCOCHETE—Nunes,
L. Corneio Ramos do Cos-
ta, 10 (tel. 234137).

ALHOS VEDROS—Gu-
mê—Rua Cândido dos
Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA—Macedo
Henriques, Rua Bernardo
Francisco de Costa, lote 1
(tel. 272971).
BAIXA DA BANHEIRA—
Allença—Est. Nacio-
nal, 14 (tel. 224302).
BARREIRO—Central—
Av. Alfredo da Silva, 48
(tel. 2273207).
COVA DA PIEDADE—
Imperio—R. Cabo da Boa
Esperança, 31-A (telefone
274356).
MOITA—Silva Rocha—
P. da Republica, 16
(tel. 239029).
(tel. 230035).
MONTIJO—Diogo, Rua
Amirante Reis, 42 (tel.
230032).
SESIMBRA—Leão—Av.
Salazar (tel. 229471).
SETÚBAL—Rosado, Pi-
to—P. do Bocage (tel.
22484).
Nave—R. Ge-
neral Gomes Freire (Tele-
fone 22052).
SEIXAL—Soremenha—
R. Povo Coelho, 38 (tel.
2218560).

PORTO

Allença, Rua do Conce-
ção, 2 (tel. 24203).

Bentim, Rua do Bentim,
13 (tel. 52444).
Cardoso
dos Santos, R. D. Ma-
rques, 19 (tel. 27388).
Correia, P. Mus. de Al-
buquerque, 50 (tel. 50869).
Coelho, Rua Costa Co-
bra, 584 (tel. 4511).
Ferreira, P. S. Afonso V.,
55-B (tel. 681975).
Ferreira e Carvalho, Rua do
Bomfim, 354 (tel. 27640).
Gomes Faria, Rua
Faria Gomes, 449 (Te-
lefone 49371).
Henri-
ques, P. da Batalha, 64-
A (tel. 25731).
Lu-
is Francisco, Rua de S. do
Bomfim, 140 (tel. 2644).
Moreno, Lda, L. de S.
Lombos, 44 (tel. 23545).
Porto, P. da Republica
12 (tel. 20294).
Prela-
ta, Rua Central de Fran-
cos, 316 (tel. 64312).
S. Diniz, R. de S. Diniz,
428 (tel. 4228).
Cam-
pos, R. P. L. Cabral, 943
(Foz) (tel. 680113).

COIMBRA

Cruz Viagas—Rua do
Brasil (tel. 22961).
Bo-
nato—Rua Ferreira Bor-
gas (tel. 22603).
Reis
Santa—Rua do Figueiro
da Foz (tel. 24737).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 64-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



Cinco mil contos da Gulbenkian para construção de um hospital na fronteira Malawi-Moçambique

Um subsídio de cinco mil contos foi concedido pela Fundação Gulbenkian ao Malawi para a construção e apetrechamento de um hospital na fronteira daquele país com a província de Moçambique (Dezda).

Este constituiu o resultado da reunião de Aleke Banda, ministro das Finanças e da Informação e Turismo daquele país africano, com os administradores da referida instituição, esta manhã.

Aleke Banda (sete vezes em Portugal num período de três anos) apresentou-se na Fundação Gulbenkian com o tratado do presidente do Malawi, Hastings Banda, aliás, seu irmão, na lapela, exibido num esmalte redondo.

O ministro Aleke Banda, acompanhado do secretário permanente do Ministério das Finanças, George Jaffur, e do secretário-adjunto do Tesouro, M. J. Nyvenda, foi recebido na sede da Fundação Gulbenkian pelos srs. embaixador Teotónio Pereira, eng.º Guimarães Lobato e dr. Vítor de Sá Machado, administradores daquela instituição. (O dr. Azeredo Perdigão não esteve presente porque partiu, às 10 e 30, para Madrid).

Após saudações protocolares, o ministro Aleke Banda, bem como os seus colegas, teve de uma reunião com os administradores da Fundação Gulbenkian, estando também presentes os srs. eng.º Vasco Futecher Pereira (embaixador de Portugal no Malawi), eng.º Jorge Jardim (cônsul do Ma-

lawi na Beira) e dr. Joel Rosa La (director-geral dos Negócios Económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros).

Depois da reunião, o ministro Aleke Banda visitou as instalações da Fundação e o Museu da instituição.

Esta tarde, Aleke Banda parte para Londres, donde, aliás, se deslocou para esta sétima visita a Portugal.

Antes da visita à Fundação Gulbenkian, o ministro Aleke Banda esteve no Ministério das Corporações, onde foi recebido pelo secretário do titular daquela pasta.

O DR. AZEREDO PERDIGÃO VISITA MADRID

Partiu ao meio da manhã para Madrid, a convite do Governo espanhol, o dr. José de Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, que viajou acompanhado da esposa.

Do programa do dr. Azeredo Perdigão constam diversas visitas e contactos com personalidades destacadas dos meios culturais e artísticos da capital espanhola.

O corpo de Afonso Costa regressa a Portugal 34 anos após a sua morte

Está de novo em terra portuguesa o prof. dr. Afonso Costa. Nome que foi e ainda é uma bandeira, o grande jurista e advogado, transformado depois da proclamação da República em homem de Estado cuja obra perdura volvidos 60 anos, Afonso Costa está de novo no País que bem serviu até ao exílio.

Hoje se completam 34 anos sobre a sua morte, em Paris. E do sepulcro de empréstimo no Père Lachaise saiu esta manhã, tendo chegado à Portela da Sacavém o féretro ao começo da tarde.

Não houve convites da família. Mesmo assim muitas pessoas não quiseram deixar de ir render homenagem ao grande estadista português deste século no seu regresso à pátria. Nomes conhecidos da Oposição, alguns companheiros de Afonso Costa nos seus anos de exílio e ainda outros que o conheceram nos anos de Governo, embora estes vão rareando cada vez mais.

O féretro de Afonso Costa seguirá em auto-funebre para Seia, a terra onde nasceu.

Com o féretro de Afonso Costa vai também para Seia, para o jazigo de família, o féretro da sua companheira de tantos e tantos anos, D. Alzira de Abreu Costa, falecida há poucos meses ainda, em Lisboa e cujo corpo esteve até agora depositado no cemitério do Lumiar. Juntam-se no silêncio da morte os que o amor juntou em vida e manteve unidos sempre.

Está preparada recepção em que tomarão parte as autoridades, todas as instituições locais com os seus estandartes e muito povo. O cortejo dirigirá-se à porta do cemitério da vila onde o féretro ficará depositado no mausoléu da família.

UNIÃO SAMORENSE

Com uma exposição retrospectiva da vida da colectividade, além doutros festejos que se prolongam até ao dia 3 de Junho, a Sociedade Filarmónica União Samorense começou ontem a comemorar o seu 50.º aniversário.



A imagem mostra o interior de uma das salas do novo dispensário (dr. Lopo de Carvalho), do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos

O Dispensário da I. A. N. T. na Venda Nova

(Continuação da 1.ª página)

corrente, em substituição do que com o mesmo nome funcionava na Estrela e de uma «antena» instalada no Posto clínico da Junta de Freguesia da Amadora.

Referiu-se depois à construção de novos dispensários em Olivais Sul e Cascais, afir-

mando que «as novas aquisições na medicação específica da tuberculose permitem um tratamento que pode executar-se em regime ambulatorio e acentuou que «dado o número de doentes ser ainda grande se justifica o uso sistemático de vacina BCG.»

A terminar o dr. Vilarinho agradeceu as informações que

pudessem ser transmitidas sobre os aspectos da luta contra a tuberculose e o «funcionamento do dispensário na sua acção de consulta, tratamento ambulatorio, vigilância, rastreio por radiofoto, tuberculíneo e bacteriológico, vacinação B. C. G. e a aplicação de todas as outras vacinas.»

Seguiu-se a visita guiada ao dispensário dr. Lopo de Carvalho, que vai servir parte da população de Benfica, Damaiá, Venda Nova, Amadora, Queluz, Belas, até ao Cacém. Funcionará por dia 5 consultas onde poderão ser atendidas de 100 a 150 pessoas.

Assistiram à visita o director geral da Saúde, o corpo clínico do dispensário (5 médicos), chefiados pelo dr. França de Sousa, e outras individualidades.

DR. CARLOS CACHO

Por proposta do delegado da França, secundado pelo delegado da Noruega, o dr. Carlos Cacho, director-geral do Laboratório de Física e Engenharia Nuclear, da Junta de Energia Nuclear, foi eleito para o cargo de vice-presidente do comité de direcção da Agência Europeia de Energia Nuclear da O. C. D. E.

Altas individualidades do Estado de Arizona chegam hoje a Lisboa

Para passar alguns dias entre nós, chegam hoje a Lisboa 50 representantes da Câmara do Comércio de Phoenix (Arizona). O grupo é chefiado pelo Presidente daquela Câmara de Comércio, Thomas Fannin e dele fazem parte Wesley Bolin, Secretário do Estado de Arizona e Presidentes e Vice-Presidentes de algumas importantes companhias americanas.

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa oferece hoje, num restaurante dos arredores da capital, um jantar, o qual será precedido pela apresentação de um estudo sobre Investimentos em Portugal.

A G. N. R. procura localizar um industrial de Abrantes desaparecido há três dias

ABRANTES, 11 — A G. N. R. desta cidade lançou um alerta nacional para se tentar descobrir o paradeiro do industrial Ricardo Ferreira, de 51 anos, desaparecido desde sábado à noite em circunstâncias pouco claras.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O ARSENAL JÁ NÃO VEM A LISBOA

LONDRES, 11. — (R.) — O Arsenal, vencedor do campeonato inglês de futebol, cancelou hoje o projectado jogo amigável a disputar com o Benfica em Lisboa, na próxima semana.

O clube anunciou que este cancelamento se deve ao facto de vários dos seus jogadores terem sido seleccionados para participar no torneio britânico entre as equipas representativas da Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte.

O secretário do Arsenal, Bob Wall, disse aos jornalistas: «Telefonei à direcção do Benfica hoje, à hora do almoço, e expliquei-lhes os nossos problemas relativos aos jogadores internacionais. Eles compreenderam o nosso ponto de vista e concordaram com o cancelamento do jogo. Tenciono ir a Portugal na próxima semana, para discutir a possibilidade de realizarmos o jogo noutra altura».

O CONTINENTE AMERICANO

Viagem acompanhada de 4 a 28 de Setembro

Visitando:

RIO DE JANEIRO —
BRASILIA — SÃO PAULO — MONTEVIDEO — BUENOS AIRES — SANTIAGO DO CHILE — LIMA — MIAMI — O CENTRO ESPECIAL DA NASA EM CABO KENNEDY — NOVA IORQUE, ETC.

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

CARRO ROUBADO

Austin 1000, branco, matrícula AH-38-90
Agradece-se qualquer informação para o telefone 677465.

Exclusivo



CHINA : UM CONCORRENTE

DOS DOIS SUPER GRANDES

Por RENÉ DABERNAT



A hegemonia dos dois supergrandes foi já posta em causa, em diversos sectores, pelo Mercado Comum, a França do general de Gaulle, o Japão e a Alemanha do chanceler Brandt. Mas, depois do engodo do degelo sino-americano, é sob o signo de Pequim que se desenrola a fase decisiva do processo, incluindo o aspecto dos armamentos modernos e do espaço, onde, em virtude da sua velha repugnância pelos inventos vindos de longe, se esperava que os chineses apenas chegassem a muito longo prazo. Potência ascendente, fonte de ideias revolucionárias ao mesmo tempo que herdeira de uma civilização milenária, com uma população de setecentos e cinquenta a oitocentos milhões de habitantes num território dezoito vezes o tamanho da França, como seria possível que a China não viesse a abalar, ao erguer-se, um sistema internacional construído quando ela se encontrava por terra ou ignorada? O novo diálogo Pequim-Washington consagra certamente — mais do que cria — uma evolução em profundidade. Pelo menos, torna evidente a importância das mudanças ocorridas desde há algum tempo.

Dois meses antes da abertura deste diálogo, a República Federal Alemã enviou ao Governo francês um documento sobre os progressos militares chineses. Segundo os seus autores, a China queima as etapas, enquanto a U. R. S. S. e os Estados Unidos parecem ter um monopólio definitivo. A China constrói, em Port-Arthur, um submarino análogo aos submersíveis soviéticos da classe G, propulsionados a diesel, armado com três tubos lança-mísseis. A sua força aérea de ataque compreende aviões de reacção que podem cobrir 6400 quilómetros sem escala e transportar nove toneladas de carga útil, logo bombas A e H. Quanto aos seus satélites, pesam oito vezes mais do que os dos japoneses e permitem-lhe melhorar rapidamente o seu sistema de engenhos militares teleguiados, provisoriamente limitados a um alcance de 3000 quilómetros. O documento de Bonn tira conclusões. Por um lado, a nível mundial, um concorrente dos dois supergrandes desenha-se no horizonte; um eventual acordo russo-americano de desarmamento, ao âmbito das SALT, revela-se antecipadamente ineficaz sem a assinatura chinesa. Por outro lado, no que diz respeito à Ásia, os progressos militares de Pequim colocam a Índia e o Japão em posição de inferioridade; na verdade, são susceptíveis de obrigar a primeira a abandonar a sua doutrina antiatômica e o segundo a transigir perante Mao Tse-Tung ou a rearmar-se com ou sem o apoio americano.

PRIORIDADE AO DESENVOLVIMENTO

Outras indicações significativas das mudanças em curso resultam das próprias circunstâncias do degelo sino-americano. Em

primeiro lugar, o convite dirigido aos desportistas dos Estados Unidos foi tornado público — coincidência ou não — nas quarenta e oito horas seguintes ao discurso de 7 de Abril, no qual o presidente Nixon anunciou que ia acelerar a retirada do Vietnã. A nova posição americana, a despeito das dúvidas que ainda suscita, pareceria menos irreal aos chineses? Estes veriam nisso uma profunda tendência que poderiam reforçar por meio de certos gestos e, depois, explorar? É um facto, em todo o caso, que Chu En-Lai, que enviava de Hanói, em 7 de Março, avisos tão terríveis a Washington, declarava, um mês mais tarde, ao dirigir-se à América: «Abriu-se uma nova página nas relações entre os nossos dois povos».

Em segundo lugar, a China que acolheu os jogadores americanos já não é a dos guardas vermelhos, mas a China pós-revolução cultural. Embora mantendo intactas as suas análises, as suas ambições e a sua vontade, ela concede a prioridade ao desenvolvimento económico, tanto mais que já atingiu uma parte dos seus objectivos no sector da defesa. Não foi o próprio Mao Tse-Tung que disse um dia: «A China será uma das grandes potências económicas do Mundo?» Todavia, é necessário repeti-lo, os atrasos neste domínio não poderiam ser recuperados sem créditos ocidentais. A China, ao fazer, na direcção dos Estados Unidos, do Canadá e da Europa, algumas trapeiras nas suas altas muralhas, facilitará, evidentemente, a concessão de tais créditos. Deve-se, a partir daí, prever uma encarnizada competição entre o comunismo chinês, o «modelo japonês» e a «via indiana», que são oferecidos ao Terceiro Mundo, não sem pensamentos políticos dissimula-

dos, como meio de conseguir o acesso à independência económica e ao progresso social.

Até agora, a China marcava passo, não só em virtude de resultados insuficientemente convincentes, mas também dos temores de contágio ideológico suscitados pela revolução cultural. No sector industrial os olhares voltavam-se, na Ásia, para o Japão, tornado o império do sol nascente, enquanto a China dava o exemplo de um sistema — consolidado pela vitória eleitoral da sr.^a Indira Ghandi — que recusa, simultaneamente, o totalitarismo político e o capitalismo selvagem. O degelo sino-americano, no caso de se vir a prolongar por créditos externos, terá criado uma situação nova, pois se o mundo japonês é eficaz, comporta numerosas injustiças, e se a via indiana tem mérito, revela-se muitíssimo lenta.

O ENGODO DO DEGELO

Quer se trate da Ásia, quer do equilíbrio mundial, o avanço da China modifica, a partir de agora, as relações entre os dois supergrandes, no momento em que o império americano e o bloco soviético se encontram, pela primeira vez, na incapacidade de material ou política de levar a efeito, simultaneamente, um programa interno de progresso e uma estratégia externa de domínio. O engodo do degelo sino-americano é, evidentemente, demasiadamente recente para que se possam avaliar hoje em dia as diferentes consequências sobre as relações bilaterais dos dois países. Pelo menos, é lícito pensar que a ascensão chinesa será dificilmente compatível com a con-

servação, pelos Estados Unidos, de todas as suas zonas de influência no Pacífico e no Extremo Oriente em geral. Todavia, a U. R. S. S., aborda a era do mundo dos três polos em condições muito mais penosas. Tendo cessado, em benefício da China, de ser a primeira potência ideológica, e não sendo, longe disso, a primeira potência económica — a América, em breve seguida pelo Japão, ultrapassam-na largamente, — ela encontra-se, á partida, numa posição instável. Além disso, enquanto o Kremlin mantém a sua hostilidade a Mao Tse-Tung, a Casa Branca deseja melhorar as suas relações «tanto com a U. R. S. S. como com a China». O presidente Nixon, preocupado em limitar as concessões americanas na futura redistribuição do poder mundial, ter-se-á recordado de que a Inglaterra manteve, com vantagem e por muito tempo, a balança equilibrada entre a França e a Alemanha?

Alguns destes problemas aguardam solução desde há anos. A Europa contribuiu para isso, do mesmo modo que terá oportunidade de reencontrar um papel no jogo internacional muito diversificado que vai, pouco a pouco, substituir a «dupla hegemonia». Mas tudo foi precipitado, quase coordenado, pela irrupção da China na cena internacional. Embora o acontecimento tenha causas antigas, ficará ligado, para o público, a este seqüito inesperado de jogadores de pingue-pongue reunidos, na cidade interdita, em redor do elegante Chu En-Lai servindo chá e citando provérbios. Graças a esta atitude, muito típica das reviravoltas da imprevisível Ásia, Pequim pôde, com um único gesto, captar a atenção dos cinco continentes e imprimir a sua marca.

HAITI DE «PAPA DOC»: PARA LÁ DA IMPOSTURA E DO DELÍRIO

Morreu Duvalier. Outro Duvalier «reina» sobre o Haiti. A mais miserável República latino-americana não teve sequer tempo de respirar. Mas as nuvens da insatisfação e do mal-estar avolumam-se sobre o país. Pode ser que a descarga parta do próprio palácio presidencial. Lá se acumulam o ódio, a tobiça e a sede do poder. Duvalier pode destronar Duvalier. Entretanto vale a pena ver o «retrato» do que foi a pátria de «Papa Doc»

(Na pág. central)



O FIM DO EMBARGO À CHINA NA ADMINISTRAÇÃO AMERICANA TERMINOU A LUTA DE CLÁS

WASHINGTON



Por MURREY MARDER e GEORGE SARDNER

A decisão do presidente Nixon de pôr termo ao embargo total das trocas comerciais directas entre os Estados Unidos e a China comunista, não tem apenas importantes repercussões no plano internacional: assinala, igualmente, o fim de uma prolongada luta de clãs no seio da Administração americana.

A decisão de Nixon constitui, com efeito, um sério revés para as forças hostis a um recomeço das trocas comerciais com Pequim, as quais eram sobretudo poderosas no Departamento da Defesa, mas se manifestaram também no Departamento do Comércio e em numerosos outros sectores do Governo americano.

Todavia, fontes bem informadas admitem que esta disputa não se encontra definitivamente resolvida.

O presidente declarou, efectivamente, que levantaria o embargo às trocas comerciais com a China nos sectores não estratégicos. A escolha dos artigos que figurarão nesta lista não estratégica será, certamente, a ocasião de determinadas agências governamentais voltarem a manifestar o seu desacordo relativamente à decisão presidencial.

Contudo, os partidários do recomeço das trocas comerciais com a China sentem-se animados com o facto do presidente Nixon ter acabado de tomar uma decisão irreversível, após 21 anos de embargo. O debate que vai prosseguir nos bastidores, em Washington, já não incidirá sobre o levantamento

do embargo, mas sim sobre a intensidade das trocas comerciais.

(Os países não comunistas reservam-se já a parte de leão nas trocas da China comunista com o resto do mundo, as quais atingiram 3,9 biliões de dólares, em 1969. As trocas da China comunista com outros países comunistas apenas atingiram, este ano, 785 milhões de dólares, segundo «Current Scene», revista especializada no estudo de assuntos chineses e que se publica em Hong-Kong. Os principais fornecedores da China comunista são, por ordem de impor-



Comerciar. Outro tipo de luta

nista com o resto do mundo, as quais atingiram 3,9 biliões de dólares, em 1969. As trocas da China comunista com outros países comunistas apenas atingiram, este ano, 785 milhões de dólares, segundo «Current Scene», revista especializada no estudo de assuntos chineses e que se publica em Hong-Kong. Os principais fornecedores da China comunista são, por ordem de impor-

tância dos fornecimentos, o Japão, a Alemanha Ocidental e a Grã-Bretanha, enquanto que a Austrália e o Canadá lhe fornecem igualmente consideráveis quantidades de cereais).

POLITICA INSUSTENTAVEL

Especula-se em Washington sobre o interesse que a China manifestará relativamente às trocas comerciais com os Estados Unidos, e as repercussões destas trocas sobre o conjunto das relações sino-americanas, evitando-se, todavia, fazer prognósticos, pelo facto de se ignorarem totalmente as intenções de Pequim.

«Ninguém teria podido prever, por exemplo», diz um especialista — «a súbita decisão de Pequim de admitir a equipa americana de pingue-pongue e jornalistas americanos, pelo que é extremamente difícil fazer previsões».

Na Casa Branca, Ronald Ziegler, porta-voz do presidente Nixon, fez notar que os problemas das relações diplomáticas com Pequim e da entrada da China comunista nas Nações Unidas ainda continuavam por resolver. Mas a sua solução será, decerto, afectada pela maneira como Pequim reagiu às últimas iniciativas do presidente Nixon.

A China, pela sua parte, não reagirá, provavelmente, de modo preciso, enquanto o Governo americano não tiver indicado cla-

ramente quais são as trocas comerciais que vai autorizar. Numerosos especialistas previram o Governo americano contra uma política que consistiria em não conceder à China as mesmas vantagens comerciais que à União Soviética. Funcionários do Departamento de Estado revelaram, recentemente, que ainda não é possível dizer se a China receberá o mesmo tratamento que a U. R. S. S., dado que estes dois países não se encontram na mesma fase de desenvolvimento e os artigos «estratégicos» para um não o são forçosamente para o outro. Trata-se, em todo o caso, de um dos principais temas de discussão no seio da Administração.

Fontes governamentais chamavam, recentemente, a atenção para uma decisão do presidente que passou relativamente despercebida: a «concessão de vistos de entrada nos Estados Unidos aos visitantes ou grupos de visitantes chineses». Trata-se de uma medida que sempre suscitou uma considerável oposição por parte do Departamento da Justiça.

Seja qual for o seu destino, as novas iniciativas americanas vão mais longe do que aquilo que todas as Administrações anteriores — e o próprio presidente Nixon no decurso da sua carreira — tinham proposto. A política de isolamento da China aproximase, sem dúvida, do seu termo, pois os Estados Unidos reconhecem que ela é insustentável.

OS NOVOS SEMINÁRIOS—2

TOULOUSE



FORMAR CRISTÃOS E NÃO CLÉRIGOS

Por ROBERT SOLE

O seminário dos jovens de Toulouse só concita a unanimidade dos padres da diocese quanto a um único ponto: o seu título de campeão de França 1969 do ensino livre (UGSEL) de andebol escolar. Tirando o reconhecimento desta incontestável proeza desportiva, as opiniões encontram-se divididas. Alguns membros do clero acusam o seminário de «Cristo Rei» de já não ser um seminário. Outros, mais numerosos — os da margem esquerda do Garonne, considerados progressistas — censuram-no precisamente pelo contrário. E nem uns nem outros encorajam os paroquianos a mandarem os filhos para esse estabelecimento.

De facto, este seminário de jovens escolarizados (do primeiro ao último ano) já não é um seminário propriamente dito. Para lá da suavização do regulamento, das sessões de reflexão sobre a sexualidade e da participação nas actividades culturais da cidade, foi toda uma concepção da vocação sacerdotal que se modificou.

O seminário dos jovens não é uma escola profissional reservada a futuros padres: a expressão pequeno seminário foi definitivamente enterrada para mostrar que já não se trata de grandes seminários em ponto pequeno. Todo um vocabulário agrícola esmaltado de padres em germe e de germes da vocação que era necessário cultivar está a desaparecer.

Tu não és desse mundo, um abismo te separará dele para sempre, escrevia, com mão firme, em 1945, o autor das Méditations de vocances pour petits séminaristes (meditações de férias para pequenos seminaristas (1)).

Como para ilustrar melhor aquele cartaz do «Recrutamento sacerdotal» da mesma época, que mostrava um jovem a subir uma longa escadaria; a seus pés nas trevas, uma cidade; em cima, lá no alto, um altar envolvido de nuvens luminosas. As instruções que se davam à partida para férias inspiravam-se no mesmo espírito: As pessoas devem ver logo quem vocês são pelo simples corte de cabelo e pela simples dobra das calças, dizia um superior aos alunos mais suspeitos (2). Esta pedagogia da separação iria dar origem, em 1948, ao movimento «Jovens Seminaristas», voluntariamente distinto da Acção Católica.

Porque nos seminários havia a preocupação de formar clérigos e não militantes, segundo a expressão de Monsenhor Duperray, fundador do movimento.

Hoje vale praticamente a inversa: Não formamos clérigos, mas cristãos, afirma o superior do seminário de jovens de Toulouse, opondo-se a todo o mimetismo pré-sacerdotal. Mas aos cristãos que já não querem ouvir falar de vocações de crianças, que eles identificam com uma forma subtil de arregimentação, replica-se: A criança já não é convidada a responder de modo definitivo a um apelo de Deus. A vocação joga-se agora no presente. A escolha da criança não compromete o futuro, mas dá testemunho de uma vontade de viver hoje de maneira mais exigente.

Prefere hoje falar-se de projecto de vida a falar-se de «germe de vocação». Não há existência possível — afirma o superior de Toulouse — sem projecto de vida. Esquecê-lo é uma desonestidade. Não leva em conta o projecto da criança é lesá-la profundamente. Antigamente, acrescenta um padre de Bourg-en-Bresse, encerrava-se a criança numa viagem, prendia-se num projecto nipertroflado: Amanhã será padre, a honra da família. Hoje pelo contrário, há tendência para minimizar o projecto, mesmo para o negar. «Quando eu for grande», diz a criança; Quando fores grande, se verá responde o adulto.

O padre Avanzini conclui, pela sua parte, na revista «Vocation» (3): «O adulto já não sabe que homem deve formar; custando-lhe confessá-lo, tende a mascarar a sua ansiedade, revalorizando de maneira superficial a liberdade das consciências individuais».

DEMASIADO BEM

No Seminário de jovens de Toulouse, acentua-se o aspecto do voluntariado: no fim de cada ano, todos os alunos renovam pessoalmente e por escrito uma candidatura motivada. A entrada no seminário — em 1970 foram recusados 30 a 40 jovens — são exigidas duas condições: que o rapaz levante a questão do sacerdócio e que a família seja efectivamente cristã. Os jovens já não são apresentados, há 10 anos,

pelo cura. E os seus fins-de-semana (fora do seminário) já não se passam na órbita do presbitério.

Os pais são convidados a participar no andamento da casa. E — entusiasmo ou desconfiança — participam muito mais do que é habitual nas associações de estabelecimentos escolares vulgares. Constituíram-se quatro comissões: gestão-informação, formação humana e espiritual, desportos e cultura, ensino e pedagogia. Reunem: pelo menos, duas vezes por trimestre. Os seus delegados são membros de uma comissão que trabalha permanentemente com os padres do seminário. Os pais da primeira comissão fizeram uma «tourné» pelas paróquias de Toulouse para dar a conhecer o seminário de «Cristo Rei» não só aos fiéis, mas também ao clero. «Os nossos filhos», afirmam os membros da comissão, são mais desenvolvidos e mais equilibrados que os seus irmãos e irmãs matriculados noutros estabelecimentos.

A fraca importância dos efectivos — 186 jovens, repartidos por três divisões, dispõem de uma superfície de quatro hectares e meio — conta muito para isso. O ambiente é mais descontrado que num colégio e não tem comparação possível com as casas de antigamente chamadas por alguns de «fábricas de curas». A tal ponto que a principal dificuldade provém precisamente do facto de esses jovens ali se encontram demasiado bem, e que com «projecto de vocação» ou sem ele — raramente sentem desejo de sair de lá.

Outra dificuldade: este seminário a que se chama já «casa» e que alguns gostariam que adoptasse um nome mais moderno que «Cristo Rei» não correrá o risco de se tornar muito simplesmente uma boa escola católica? Ou, pelo menos, um modelo ideal de estabelecimento confessional?

A impossibilidade para o seminário de jovens de Toulouse de firmar um contrato com o Estado, tendo em conta efectivos insuficientes e um número demasiado reduzido de provas de aula asseguradas pelos professores, perturba e limita o ensino ali dispensado. «O Cristo Rei» não se verá na contingência de se transformar um simples internato? Esta hipótese não parece excluída. Aliás, esta parece ser a hipótese mais

consentânea com a situação actual, pois já não se criam mais seminários de jovens, favorecendo assim uma nova fórmula: os lares.

A VOLTA DUMA PALAVRA

Aqui falamos pouco de amanhã, mas muito de hoje, faz notar o responsável do lar de Bourg-en-Bresse, que, em 1969, sucedeu ao pequeno seminário de Meximieux. Uma centena de jovens, dos 11 aos 18 anos, vivem nestas instalações, em parte pré fabricadas num quadro campestre e passam ali dois fins-de-semana por trimestre. De manhã, um enxame de bicicletas lança-se em direcção de cinco estabelecimentos escolares diferentes. Regressam ao meio-dia e depois no fim do dia.

O contrato «firmado» todos os anos entre os jovens e o lar indica-o bem. O principal não é ter a certeza de se vir a ser padre, nem decidir hoje se se será padre amanhã. O principal é cumprir corajosamente aquilo que nos propusemos fazer na página anterior. E a página anterior, como o sublinha um animador do lar propõe viver um certo número de valores cristalizados pela palavra «padre»: amor a Deus, dádiva de si mesmo, preocupação de verdade e justiça, apostolado... Isso é facilitado pelo papel dos pais que, na sua maioria, são militantes da Acção Católica.

O lar não pretende substituir a escola nem a família nem os amigos. Não tem equipa de futebol, nem grupo de escuteiros, nem grupo de acção católica — e deixa sair todos os seus pensionistas nas tardes de quintas-feiras. Pretende-se criar um clima de investigação em equipa e de vida cristã exigente mais do que promover actividades.

Se os resultados da fórmula «lares» satisfizessem os responsáveis da formação sacerdotal — em 1969 havia 2455 jovens inscritos em lares — aquela a que eles chamam em boa glória católica moderna «diaspora secundária» teve menos êxito. Aberta aos rapazes a partir do terceiro ano, esta investigação sobre a vocação desenrola-se na própria escola, sob a forma de simples reuniões, prolongadas por fins-de-semana de reflexão. O seu principal entrave seria a sua juventude: existindo em França há apenas quatro ou cinco anos, esta iniciativa partiu do nada — ao contrário dos lares, que são, muitas vezes, seminários de jovens transformados.

(1) — H. Berthet «Apostolat de la prière», Toulouse 1945.

(2) — Citado por Gérard Artand em «Le Jeune Séminariste», tese de Psicologia Histórica apresentada em Junho de 1968 na Ecole des Hautes Etudes de Paris.

(3) — Janeiro 1971, n.º 253.

CONDIÇÕES MAIS FAVORÁVEIS À ADMISSÃO NA ONU

NOVA YORK

Por PHILIPPE BEN

O ÉXITO da «diplomacia do pingue-pongue» e a alteração radical da atmosfera de absoluta hostilidade que reinava, há vinte anos, entre Washington e Pequim, tiveram imediatas e importantes repercussões nas Nações Unidas. São muitas as pessoas a esperar que o melhoramento das relações americano-chinesas acabe por permitir a admissão da China Comunista no seio deste arcêpago internacional.

Não falta quem espere que este importante acontecimento terá lugar no próximo Outono, quando a Assembleia Geral voltar a debater o eterno problema da representação chinesa nas Nações Unidas. Estas previsões optimistas baseiam-se, sobretudo, nas declarações oficiais americanas, segundo as quais o problema da representação da China nas Nações Unidas será reexaminado, muito em breve, pelo governo de Nixon. Além disso, o porta-voz da delegação britânica declarou, recentemente, que o chefe da missão do seu País, sir Colin Crowe, tinha partido para Londres, onde teria consultas com o seu governo, e que o problema da representação chinesa nas Nações Unidas vinha à cabeça de uma lista de assuntos a discutir por essa ocasião.

Ninguém tem dúvidas, aqui, de que se Washington decidir não se opor à admissão da China, o problema será, rapidamente, resolvido. Já no ano passado uma resolução favorável àquele admissão tinha obtido maioria, apesar dos esforços feitos pela diplomacia americana, que tinha mobilizado todos os seus recursos, para fazer fracassar tal proposta. A resolução, no entanto, não tinha valor porque a Assembleia Geral aprovava, primeiro, e por maioria simples, uma outra, de inspiração americana, determinando que o problema da representação chinesa era uma questão «importante» e que, por isso, só podia ser decidida por uma maioria de dois terços.

A maior parte dos observadores é de opinião que nos próximos meses os Estados Unidos serão capazes, se melhorarem as suas relações com a China, de renunciar à tese segundo a qual o problema da representação chinesa é uma questão «importante». A admissão de Pequim deixará, assim, de constituir um problema.

É verdade que o Governo de Pequim não exige apenas o reconhecimento do seu direito a estar representado em todos os órgãos das Nações Unidas, mas pede, também, que «a camarilha de Chiang-Kai-Chek» seja expulsa, quando esta, por seu lado, pretende ser o regime legítimo da China.

TERRENO A APLANAR

No passado, e por diversas vezes, no decurso dos debates anuais sobre a questão, certos países, que mantinham relações amigáveis com o governo de Pequim, nomeadamente, o Camboja, de Norodom Sihanouk, e a Roménia, sugeriram ao governo comunista chinês que aceitasse uma modificação do texto da resolução que teria muito mais possibilidades de ser aprovado, se se pedisse a admissão da China Popular, sem exigir a expulsão da Formosa. Mas o Governo de Pequim sempre recusou esse conselho amigável e repetiu que nunca tomaria lugar numa organização de que os «usurpadores da Formosa» não fossem, primeiramente, expulsos.

Pedemo-nos perguntar se existe uma maioria para a expulsão da Formosa. Países como a França que, de há muito, reclamam a admissão da China na O. N. U. nunca esconderam, com efeito, as suas reservas sobre uma tal expulsão.

No entanto há diplomatas na O. N. U. convencidos de que se a Assembleia Geral se decidir a aceitar o Governo de Pequim, a Formosa se retiraria voluntariamente, da mesma maneira que o regime de Chiang-Kai-Chek cortou relações com todos os países que reconheceram o Governo rival. Há, porém, quem se baseie nas declarações recentemente feitas pelo Governo de Koweit e dos Camarões, quando estes reconheceram o regime de Pequim, declarações em que a Formosa não é posta em causa. Alegam, por isso, não ser impossível que Pequim renuncie a reclamar a expulsão da Formosa.

Tudo isto não passa de especulações, sem o apoio de dados seguros. A admissão de Pequim depende, sobretudo, das relações deste com Washington. Ora há ainda muito terreno a aplanar entre as duas capitais. Em tais condições, embora a «diplomacia do pingue-pongue» revele extremamente frutuosa, pode pensar-se que a admissão de Pequim não terá lugar antes de 1972.

Campanha em Espanha

MADRID

pelos direitos da mulher

Por MIGUEL ACOCA

Sem ruído, mas incansavelmente, as espanholas, provenientes de todas as camadas sociais, esforçam-se por obter os direitos há muito alcançados pelas mulheres, tanto nos Estados Unidos como em quase toda a Europa Ocidental e na América Latina. Esta luta — autêntico movimento de libertação, que, de modo algum, se inspira no movimento libertacionista dos Estados Unidos — constitui um sério desafio lançado ao regime que defende uma concepção tradicionalista do papel da mulher: mãe, esposa e filha, serve obediente do marido ou do pai, cuja tarefa principal é procriar e governar a casa. Esta imagem da mulher ao serviço da família e do Estado perpetua-se na escola e na secção feminina do Movimento Nacional — o único partido político em Espanha — ao qual a mulher tem de consagrar um ano de trabalho social, entre os 16 e os 30 anos.

Embora exista um numero pouco elevado de mulheres activas no movimento, estas dispõem do apoio dos intelectuais, que denunciavam, em artigos e conferências, o papel subalterno desempenhado pela mulher, em Espanha. A revista cultural «Cuadernos para el Diálogo» consagrou, recentemente, um número inteiro a esta questão.

As mulheres que pretendem que as coisas mudem verificam, porém, que as reuniões e artigos não bastam — que as minis, as maxis, os «shorts» e as maiores facilidades no acesso à Universidade e na conquista de um diploma, não constituem a solução. A mulher espanhola só pode progredir se se verificar uma mudança nas concepções políticas do regime que governa o País, desde o fim da guerra civil de 1936-39. O objectivo principal é fazer modificar as leis que regem, em Espanha, o estatuto das mulheres, casadas e solteiras.

PROBLEMA QUE DIZ RESPEITO A TODOS

A mulher está sob a total dependência do marido. Não pode trabalhar, nem adquirir ou vender bens, abrir conta num banco, sem a autorização do cônjuge. Não lhe é permitido alugar um televisor, ou um automóvel, sem a assinatura do marido no contrato. Para as solteiras, é ainda pior. Estas continuam sob a autoridade paterna até aos 25 anos.

A dr.^a Aurora Gutierrez, ex-freira e educadora, de 44 anos, e que tem grande influência sobre a juventude espanhola, considera tal

situação como aberrante. Aurora Gutierrez sofreu muito na vida pessoal, não porque tivesse abandonado a sua ordem religiosa, mas por ser mulher.

Recusaram-lhe, um dia, a abertura de conta num banco porque lhe não foi possível encontrar um homem que lhe garantisse o crédito.

Elvira Posada, de 28 anos, é advogada e bate-se pelos direitos da mulher, ao lado de colegas de ambos os sexos. Partiu em guerra contra as autoridades prisionais, acusando-as de fazerem discriminação entre as presas e os presos políticos — as mulheres, por exemplo, não têm, como os homens, o direito de ler ou ver televisão. Elvira Posada organiza, activamente, debates sobre a situação da mulher, desejando que os homens neles tomem parte, «porque», afirma, «o problema diz respeito a todos».

Aurora Gutierrez e Elvira Posada dispõem de liberdade para agir e falar porque pertencem ambas a grupos reconhecidos pelo Governo, encontrando-se, uma e outra, protegidas pelas respectivas associações profissionais.

As coisas são diferentes para Berta J., de 24 anos, economista, e para Anita B., de 23, diplomada em

Ciências Políticas. A primeira, filha de um rico industrial, decidiu sair de casa e trabalhar, atitude que implicou o corte de relações com a família, que já não vê há dois anos. A segunda também teve de enfrentar a família, mas os pais resignaram-se com a sua partida.

IMPEDIDAS DE EXERCER A PROFISSÃO

Pertencem ambas ao grupo de debates sobre os direitos da mulher, que se reúne uma vez por semana, para falar do problema em Espanha.

As mulheres em Espanha não se limitam a reivindicar direitos políticos e jurídicos e igualdade de salários. As casadas que se preparam para uma profissão raramente têm a oportunidade de exercer a carreira escolhida. Julia L., de 32 anos, formada em Medicina, casada e mãe de dois filhos foi, até há bem pouco tempo, impedida pelo marido de exercer a sua profissão. E constata que tem muitas amigas advogadas, médicas, psicólogas e economistas cujos maridos, embora muito orgulhosos dos diplomas das consortes, nem por isso as deixam exercer a profissão para que, com tanto esforço, se prepararam.

Campanha em Espanha

pelos direitos da mulher

«QUEEN MARY»: UM SÍMBOLO DE DESPERDÍCIO E MÁ ADMINISTRAÇÃO

Por GEORGE REASONS

LONG BEACH
CALIFÓRNIA



UMA DAS MAIORES exposições alguma vez realizadas a bordo do «Queen Mary» descreverá a carreira do navio desde o dia em que foi lançado à água, em 1934, até à sua conversão num complexo museu-centro-turístico. É para lamentar que o último capítulo da saga projecte uma sombra sobre tudo o que de soberbo e heróico aconteceu antes na vida do navio.

O paquete, outrora um símbolo de elegância, tornou-se, agora, um símbolo de desperdício e má administração caracterizados pela burocracia e o alvo de anedotas humilhantes.

Foram necessários três anos para que o «Queen Mary» chegasse à triste situação em que hoje se encontra.

O seu declínio começou em 9 de Dezembro de 1967, quando o navio atracou em Long Beach, no termo da sua última viagem de Southampton.

Long Beach, cidade enriquecida pelo ouro negro, despendeu 3.45 milhões de dólares provenientes dos seus rendimentos do petróleo para comprar o paquete, projectando, inicialmente, transformá-lo num museu marítimo e num complexo hoteleiro-turístico. O custo total estava calculado em 8,5 milhões de dólares.

Todavia, os planos originais foram, em breve, postos de parte e substituídos por um projecto mais ambicioso, que previa praticamente a reconstrução do navio.

Até agora, foram gastos 63 milhões de dólares neste infeliz empreendimento e o fim não está à vista. Antes de estar terminado, os

custos totais poderiam atingir os 100 milhões de dólares — e uma vida. John J. Fee, um contra-almirante reformado da Marinha americana que foi contratado, em 1967, pela Câmara, como director do projecto, suicidou-se três dias depois de o paquete ter sido deslocado para o seu actual ancoradouro. O motivo foram as críticas desfavoráveis de que o empreendimento tinha sido objecto — segundo afirmou John R. Mansell — uma das personalidades mais destacadas de Long Beach.

Informações contraditórias

A despeito de todos os problemas, os que apoiam o projecto do «Queen Mary» estão ainda convencidos de que acabará por se tornar um excelente investimento para a cidade de Long Beach.

Desde o início, o projecto caracterizou-se pelo segredo. Erros que custaram milhões de dólares, despesas cada vez mais elevadas e disputas entre a Câmara e os empreiteiros nunca foram tornados públicos.

Os assuntos relacionados com o projecto jamais foram objecto de discussão à luz do dia, enquanto que a Imprensa recebeu informações contraditórias e incompletas.

Mansell admite a existência de problemas mas afirma que se devem, principalmente, à complexidade do projecto. Segundo ele, as despesas aumentaram por muitas razões, desde o alargamento dos planos de desenvolvimento até ao au-

mento do custo da mão-de-obra.

Embora tudo isso seja, em parte, verdade, um exame de milhares de documentos municipais e estaduais revela, igualmente, desperdício e má administração caracterizados pela

pelo lodo. Custo: 1 099 000 dólares.

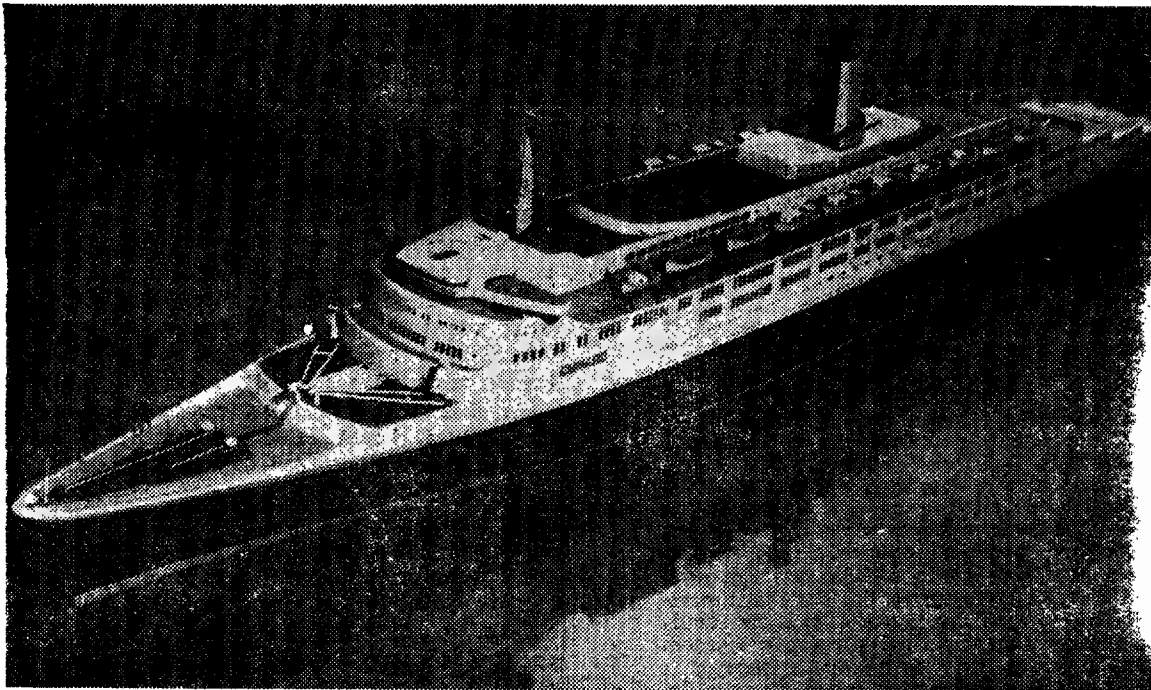
Quando a ideia do projecto foi desenvolvida, os custos atingiram proporções colossais e surgiram inúmeros problemas. Era indispensável proceder-se a um trabalho de estrutura

tiveram de ser feitos. Um dos empreiteiros fez buracos nas vigas mestras e «Diners Club» retirou as anteparas de suporte, enfraquecendo ainda mais a estrutura.

Foram instaladas condutas de ar condicionado na

pelo proprietário de uma rede de restaurantes da cidade. Entretanto, o dia da inauguração tinha sido adiado para Abril, 21 meses mais tarde.

Até este momento, o investimento total feito pela Câmara atinge 52 695 735



«Queen Mary»: 63 milhões num infeliz empreendimento

burocracia e uma ausência incrível de planeamento rigoroso.

Grande parte do trabalho de transformação, por exemplo, não foi realizado em regime de empreitada. O contrato mais importante foi adjudicado ao licitante que ofereceu melhores condições — Diners Club, uma firma integrada no sistema do Cartão de Crédito — mas o trabalho principal não estava previsto no referido contrato, havendo uma cláusula segundo a qual ele deveria ser objecto de negociações posteriores.

Além disso, centenas de alterações importantes foram autorizadas e trabalho suplementar aprovado sem o consentimento da vereação da cidade. Algumas despesas excederam os cálculos originais de custo, não tendo sido fornecida qualquer explicação, devidamente justificada por documentos, de acordo com um exame oficial dos livros levado a efeito pela Câmara.

Falta de coordenação

Os problemas de custo ficaram a dever-se à ausência de planeamento desde o início. A Câmara comprou o navio num momento de entusiasmo e envolveu-se em despesas enormes e com as quais não contara.

O sistema eléctrico e de extinção de incêndios, considerados inicialmente em estado satisfatório, foram, posteriormente, considerados inadequados e tiveram de ser substituídos.

As chuvas de Inverno mostraram a necessidade de se construir um dique em redor do navio por razões de segurança e para impedir que fosse atacado

maciça. As instalações de apoio em terra multiplicaram-se. Um aterro de três acres destinado a um parque de estacionamento transformou-se num aterro de quinze acres. Custo: 2 milhões de dólares.

Desde o início, o projecto foi caracterizado por falta de coordenação, dispersão de responsabilidade e contínuas alterações de planos. Havia três entidades trabalhando independentemente no navio: a Câmara, «Diners Club» e o Museu do Mar. Quando uma delas alterava os planos, produzia um efeito de domínio no navio.

Custos totais: 85 milhões de dólares

A cidade de Long Beach criou um departamento especial para os assuntos do «Queen Mary», com 91 empregados para coordenar o trabalho, mas a tarefa revelou-se superior às suas capacidades. Segmentos de sistemas comuns construídos por cada uma das entidades dentro do seu próprio território não uniam, por vezes, em pontos pré-determinados, em virtude de se não ter feito caso das alterações do plano original.

Na realidade, a Câmara cometeu erro após erro.

As chaminés foram desmontadas de modo que a maquinaria e o equipamento pudessem ser retirados das «entranhas» do navio, mas estavam tão enferrujadas que não foi possível voltar a colocá-las. Uma delas tinha sido pintada antes de ser retirada.

Descobriram-se pontos fracos na estrutura do navio.

Trabalhos de correcção, cujo custo se elevou a cerca de 1,7 milhões de dólares,

parte reservada ao museu mas, em virtude das alterações do plano original, verificou-se que eram demasiadamente baixas, pelo que tiveram de ser serradas e retiradas.

O problema maior surgiu em Julho do ano passado, quando «Diners Club» cancelou o seu contrato, o que lhe era permitido fazer desde que o trabalho se atrasasse em relação ao prazo previsto. «Diners Club» está, actualmente, a processar a Câmara por quebra de contrato, e esta, por sua vez, intenta também um processo contra «Diners Club».

«Diners Club» foi substituído muito recentemente

dólares. Se adicionarmos as despesas do «Diners Club» e 2,5 milhões de dólares em publicidade financiada pelo sector privado, o custo ascende a mais de 63 milhões de dólares.

No caso de se obterem, como estava planeado, 10 milhões de dólares em exposições financiadas por particulares, e serem despendidos 14 milhões de dólares para acabamento das zonas comerciais, os custos totais elevar-se-ão a 85 milhões de dólares.

Por este preço, apenas metade do projectado museu será completado. A segunda fase pertence ao futuro e os custos não se podem prever.

EXCURSÕES DA CP

FESTAS DE SANTO ISIDRO EM MADRID

2.ª QUINZENA DE MAIO

Durante as tradicionais festas de Santo Isidro, em Madrid, a CP realiza, de colaboração com a Agência de e Inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro; E. G. T., Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

Residencial 1.ª A 1.200\$00
Informações telefónicas (Telef. 367529)

Distribuição de programas descritivos, informações Viagens da Empresa Geral de Transportes, quatro excursões especiais colectivas com partidas de Lisboa (St.ª Apolónia) nos dias 16, 19, 22 e 25 de Maio, pelo comboio «Lusitânia-Expresso», às 21.30 h.

O programa consta de 4 dias de estadia em Madrid, assistência e transferência da estação da Atocha para os Hotéis e vice-versa, e de um espectáculo de «music-hall» num grande «cabaret».

Preços (tudo incluído):

Em Hotel 1.ª B 1.480\$00
Em Hotel 1.ª A 1.790\$00

EXAMES

estão a chegar...

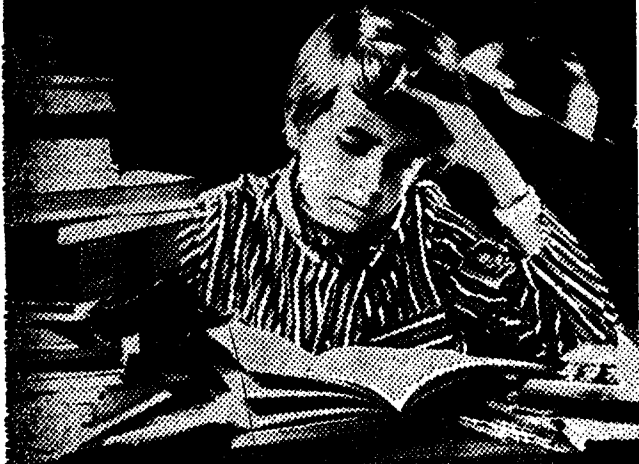
prepare a tempo um bom final com:

Dietogene

O ALIMENTO QUE ALIMENTA O EXITO

Alimento do estudante durante todo o ano.
Dietogene é INDISPENSÁVEL AGORA.

em embalagens de 30S00 e 100S00.
envio pelo correio, à cobrança, se não encontrar no seu fornecedor habitual.



diese • ALIMENTAÇÃO RACIONAL, AV. DA REPÚBLICA, 46 LISBOA 1

CONTRA O ESQUADRÃO DA MORTE

SÃO PAULO



Por LEONARD GREENWOOD

Hélio Pereira Bicudo é um homem de 48 anos de idade, de pequena estatura, mas os brasileiros chamam-lhe o homem sem medo. Procurador Público do Estado de São Paulo, dirige praticamente só a luta contra o esquadrão da morte, um grupo que seria organizado por oficiais superiores da Polícia decididos a fazerem eles próprios a lei, ao executarem pessoas que, por vezes, nem chegaram a ser julgadas.

Enquanto que outros afirmam, em surdina, serem homens pertencentes à Polícia quem dirige o esquadrão da morte, ele, Bicudo, nomeou-os abertamente. Embora pesem sobre ele e sua família ameaças de morte e de violência — tem mulher e sete filhos — Bicudo esforça-se, desde há meses, por acumular provas. É, facto incrível, conseguiu reunir um grupo de pessoas dispostas a testemunharem contra os oficiais de polícia suspeitos de actividades na brigada da morte. Preparou, também, um processo susceptível de trazer perante a justiça oficiais superiores da Polícia sob quatro inculpações de assassinio. Num caso em que

16 oficiais de Polícia do Estado de São Paulo são chamados para comparecer perante o juiz, as atenções convergem para um outro homem, o ajudante do chefe da Polícia, Sérgio Fernando Fleury, de 37 anos de idade.

UM HERÓI

Comparado com Bicudo, Fleury é um gigante, pois possui uma estatura nitidamente superior à dos brasileiros em geral. Uma pistola automática e um revólver de calibre 38 repousam, permanentemente, sobre os papéis do seu gabinete. Para grande parte das forças de segurança do Brasil, Fleury é um herói. Foi ele quem dirigiu o inquérito que se saldou pela morte do principal terrorista brasileiro, Carlos Mari-gheila, e pela prisão do seu sucessor, Joaquim Camara Ferreira, o qual morreu pouco depois. Para muitos dos simples cidadãos de São Paulo, ele é também um

herói, pois consideram-no o homem que os protege contra os criminosos demasiadamente hábeis para a lei.

Para Bicudo, Sérgio Fleury é um executor insensível e impiedoso que se substitui à justiça brasileira. A brigada da morte actua com tal impunidade e desperta tal terror que, na opinião de Bicudo, é susceptível de fazer a sociedade brasileira regressar à lei da selva. Na sua defrontação, Fleury, que é o campeão dos que querem fazer respeitar a lei e a ordem, é Bicudo, que quer que a ordem se faça acompanhar pela justiça, são como David e Golias. Mas, para muitos brasileiros, o herói é Golias e não David. Eles bem gostariam que David arrumasse a sua funda e se fosse embora.

Bicudo embarca o Governo brasileiro.

SEM MEDO

Alguns dos jornais mais poderosos do Brasil apoiam Bicudo, a despeito da censura. Para o «Estado de São Paulo», os inquéritos que ele realiza são necessários «a fim de que a ordem e a justiça vençam».

O «Jornal do Brasil», que se publica no Rio de Janeiro chama a Bicudo o «homem sem medo». Devido à sua acção, afirma o jornal, «as tímidas autoridades que temem os aborrecimentos não poderão pôr em dúvida a existência das brigadas da morte, que são uma vergonha para o Brasil».

san remo

CADEIRA
PARA
EXTERIORES

FOC

SERVIÇOS
COMERCIAISRua D. Estefânia, 177-A e C — LISBOA
Telefones 53 68 81/8 — Apartado 1411Rua do Bonjardim, 846 — PORTO
Telefones 3 34 84/3 40 31

GRANDES CONTENTORES POR CAMINHO DE FERRO

A COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES — C. P. —, está em condições de assegurar o transporte de mercadorias em grandes contentores, em regime acelerado, ao abrigo de preços especiais, em tráfego nacional.

Para o tráfego internacional, de e para qualquer País da Europa, o transporte de transcontentores efectua-se em ligação com as respectivas administrações ferroviárias, através do serviço simplificado da «INTERCONTAINER».

Para esclarecimentos e informações sobre estes transportes, consulte os Agentes Transitários ou o Departamento Comercial da C. P., Rua Vitor Cordon, 45 — Lisboa-2.

Telefones 367226/367236/367237/366935 e 366945

desabafar é uma coisa... discursar é outra...



você vai ter tempo para brilhar!

Aproveite esta oportunidade de viajar para relaxar, desconectar-se, apreciar o ambiente, o conforto e a segurança, que lhe oferece qualquer voo da TAP. Com tarifas especiais para viagens de negócios, diariamente a TAP mantém voos para NEW YORK e às 4.

Adicionalmente para BOSTON. Aproveite, desde que a TAP pôr à sua disposição todo o Continente Norte-Americano e, além de mais a bem-estar e a comodidade de viagens rápidas sempre assistidas por um serviço de bordo irrepreensível de atenções, de que nos orgulhamos e do qual nós gostamos que nos falem.

Escritórios em: BOSTON - CHICAGO - LOS ANGELES - NEWARK - CLEVELAND - NEW YORK - PHILADELPHIA - S. FRANCISCO - WASHINGTON

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nós! Cuidado!

AMÉRICA

TAP

AMÉRICA

TAP

TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

CATORZE ANOS DE AUTOCRACIA SANGUINÁRIA

1957

22 de Setembro — O dr. François Duvalier é eleito presidente da República, batendo os srs. Louis Dijoie e Clément Jumelle.

22 de Novembro — Proibição da Aliança Democrática Haitiana.

1958

2 de Maio — Proclamação do estado de sítio.

9 de Maio — O Governo oferece aos E. U. A. o estabelecimento de uma base de mísseis.

11 de Maio e 2 de Junho — Os srs. Louis Dijoie e Clément Jumelle são declarados fora da lei.

12 de Setembro — Instrutores norte-americanos são encarregados de reorganizar o exército haitiano.

1959

17 de Agosto — O Governo Duvalier queixa-se, perante a O. E. A., de acções subversivas dirigidas por Cuba.

1960

8 de Setembro — Ruptura das relações diplomáticas com a República Dominicana, em consequência de incidentes de fronteira.

24 de Novembro — Expulsão do Arcebispo, Monsenhor Poirier, substituído, no dia 26 de Novembro, por Monsenhor Augustin, o qual será, por sua vez, expulso no dia 10 de Janeiro do ano seguinte.

1961

12 de Janeiro — O Vaticano excomunga as autoridades responsáveis pela expulsão de Monsenhor Augustin.

7 de Abril — O Governo oferece a base naval de Male-Saint-Nicolas aos E. U. A.

30 de Abril — Eleições legislativas.

5 de Maio — O mandato presidencial de François Duvalier é prolongado por cinco anos.

1962

6 de Janeiro — Reatadas as relações diplomáticas com a República Dominicana.

1 de Agosto — Suspensão do auxílio americano.

1963

28 de Abril — Advertência à República Dominicana (onde o presidente Juan Bosch está no poder, há 5 anos) em consequência de actividades hostis ao Haiti. O Conselho da O. E. A. é informado do diferendo. Novo corte das relações diplomáticas entre os dois países vizinhos.

8 de Maio — Proclamação do recolher obrigatório e da lei marcial em Port-au-Prince.

12 de Maio — Formação em Porto Rico de um Governo haitiano no exílio, dirigido por Louis Dijoie e Daniel Fignolé.

15 de Maio — O dr. Duvalier desmente que tenha intenção de proclamar uma «república socialista». Passa a denominar-se «cheefe da revolução duvalierista».

17 de Maio — Suspensão das relações diplomáticas entre o Haiti e os E. U. A. (serão reatadas em Junho).

1964

22 de Abril — O dr. Duvalier é proclamado «presidente vitalício».

24 de Abril — Dissolução da Constituição de 1957.

1 de Agosto — Desembarque do comando Villedrouin no Cabo Dame-Marie. Os treze membros da expedição serão todos capturados e sumariamente executados. A representação vilta centenas de haitianos.

5 de Agosto — A Câmara vota pelos poderes, por oito meses, ao presidente Duvalier.

1965

Março — As autoridades de Port-au-Prince desmentem que o dr. Duvalier tenha pensado proclamar-se imperador.

30 de Novembro — Formação de um novo Governo, Paul Blanchet é nomeado ministro da Coordenação.

1966

20 de Fevereiro — A Comissão Internacional dos Juristas denuncia as «arbitrariedades constantes e as sinistras actividades da polícia política haitiana».

Novembro — Adiamento de uma operação de desembarque aprovada pelos E. U. A. e organizada pelo antigo senador cubano Rolando Masferrer.

1967

12 de Junho — Dezanove oficiais haitianos são fuzilados em Port-au-Prince. O tenente-coronel Max Rominique, genro do presidente, está implicado numa conjura e parte para a Europa. O dr. Duvalier anunciará, em Abril de 1968, que comandou pessoalmente o petão de execução.

1968

Junho — Prosseguem combates esporádicos perto do Cap-Haitien, onde um grupo de rebeldes desembarcou nos fins de Maio. Uma nova vaga de repressão brutal se segue a esta tentativa.

15 de Agosto — O tenente-coronel Max Rominique é amnistiado.

18 de Dezembro — A sr.^a Marie-Denise Dominique, filha do presidente, regressa a Port-au-Prince.

1969

5 de Junho — Um avião não identificado bombardeia o palácio presidencial.

5 de Agosto — A Comissão dos Direitos do Homem da O. E. A. denuncia os «abusos do regime Duvalier».

1970

25 de Abril — Uma unidade da Marinha Haitiana abre fogo contra o palácio presidencial. O dr. Duvalier lança um apelo aos E. U. A. que se recusam a intervir. Os rebeldes refugiaram-se na Flórida.

Maio — Washington estuda a possibilidade de relembrar o auxílio económico e financeiro suspenso desde 1951.

1971

15 de Janeiro — A Assembleia Nacional autoriza o presidente Duvalier a designar seu sucessor o seu filho Jean-Claude.

31 de Janeiro — Resultados do referendo organizado para ratificar a designação de Jean-Claude Duvalier: 2391916 votos a favor e 0 contra.

HAITI: PARA LÁ DA

Por MARCEL NIEDERGANG

Unidades de marinha e da aviação dos Estados Unidos foram colocadas de prevenção nas Caraíbas, após a morte, ocorrida recentemente, do dr. François Duvalier, presidente da República do Haiti. As exéquias de «Papa Doc», que se encontrava no poder desde 1957, realizaram-se mais tarde, e um novo Governo, onde voltamos a encontrar as principais personalidades do anterior

gabinete, foi entretanto formado em Port-au-Prince.

Jean-Claude Duvalier, a quem oficialmente se atribui a idade de vinte anos, designado em Janeiro como seu sucessor na chefia do país, prestou juramento e afirmou estar resolvido a «prosseguir a obra do dr. Duvalier, com a mesma energia feroz e a mesma intransigência».

«Sou a bandeira haitiana una e indivisível. Sou um ser imaterial...» Será possível, hoje em dia, saber-se com precisão o momento em que a razão do dr. François Duvalier, ferozmente ávido de poder, socorreu repentinamente? Foi em 1964, quando ele teve a ideia, para melhor consolidar um poder aliás incontestado, de se fazer eleger presidente vitalício? Ou já em 1957, quando se instalou, modesto médico de aldeia distinguido pelas Forças Armadas, no palácio presidencial de Port-au-Prince? Na dificuldade de optar por um ano, os historiadores concordarão, certamente, com uma data: deveria ser um dia 22. Como todos os praticantes da mística vaudou, François Duvalier tinha um «dia de sorte», que era o dia 22. Foi eleito presidente do Haiti em 22 de Setembro de 1957 tendo a cerimónia de investidura sido realizada em 22 de Outubro do mesmo ano, e entronizado como presidente vitalício em 22 de Junho de 1964.

«ELECTRIFICADOR DAS ALMAS»

Foi também — ironia do destino — em 22 de Abril que a sua morte é oficialmente anunciada em Port-au-Prince. Mas os «novos senhores do palácio» cujas largas janelas e gradeamentos dão para uma esplanada vazia, não terão hesitado durante algum tempo, por superstição, por temor ou por cálculo, antes de confirmarem o fim daquele que se proclamava infatigavelmente «protector do povo, chefe supremo da revolução, apóstolo da unidade nacional, «leader» do Terceiro Mundo, grande patrono do comércio e da indústria, benfeitor dos pobres, electrificador das almas e reparador das faltas cometidas pelos haitianos...»?

Duvalier encontrava-se gravemente doente há três meses, quase paralisado, tendo sobrevivido com dificuldade a dois ataques cardíacos, enterrado na sua poltrona e fazendo redigir uma última alocução onde afirmava a necessidade de «assegurar a sobrevivência da sua revolução». No seu último aparecimento em público, viu-se um «Papa Doc» mais magro, curvado, o olhar sem brilho, que apoiava a mão frágil sobre o ombro vigoroso de seu filho Jean-Claude, apenas com 20 anos de idade, recentemente designado «sucessor» do presidente vitalício.

Gesto irrisório e simbólico de um homem que se esforça desesperadamente por assegurar uma «dinastia», construída sobre a ambiguidade, um verbalismo delirante e a repetição até à obsessão de um catecismo «revolucionário» que acabou por impressionar alguns dos seus parentes.

Mas, também, quanto sangue derramado, quantas intrigas nos corredores do palácio e da caserna Dessalines, quantos assassinios clinicamente confessados, quanta desordem no seio dos clãs que se vigiavam à sombra deste despotismo hereditário! Quando da morte de seu pai, os filhos Trujillo, acostumados à «dolce vita», apenas tinham pensado em salvar o dinheiro. É disso que ainda acreditam! Como é possível acreditar que Jean-Claude Duvalier, «Farruk haitiano», amante de carros de desporto e prematuramente obeso, possa opor-se por muito tempo aos apetites dos seus familiares e às intrigas da corte?

O dia 22 de Novembro de 1963, dia do assassinio, em Dallas, do presidente J. F. Kennedy, também não é uma data qualquer no Haiti: certos haitianos estão, com efeito, persuadidos de que François Duvalier não foi completamente estranho à morte do presidente dos Estados Unidos. Alguns dias antes ele tinha, durante um discurso público, «falado mal» do presidente americano para lhe «lançar uma sorte». Não foi «Papa Doc» quem enganou os camponeses crédulos da única República negra das duas Américas. Muito pelo contrário... E podia-se contar com os seus fiéis para espalhar um rumor, embelezar uma história, multiplicar os detalhes extraordinários para melhor impressionar os espíritos.

Foi assim que, pouco tempo decorrido após o desaparecimento de J. F. Kennedy, as vendedeiras de Port-au-Prince, sólidas mocetonas que vêm diariamente das aldeias dos arredores transportando pesados cestos de frutas e legumes em equilíbrio sobre a cabeça, contavam a seguinte anedota: «Papa Doc» tinha enviado um mensageiro secreto a Washington, ao cemitério de Arlington. A sua missão era recolher um pouco de terra da sepultura de J. F. Kennedy. O mensageiro regressou a Port-au-Prince, tendo desempenhado a sua missão especial sem despertar as atenções, e «Papa Doc» pôde entregar-se a uma manifestação de encantamento «a fim de submeter o Governo dos Estados Unidos à sua vontade, sempre que se tratasse de tomar decisões sobre o Haiti».

A COR NEGRA COMO IMPOSTURA

Pouco importa que «Papa Doc» tenha, conscientemente ou não, permitido a propagação de semelhantes rumores. Que uma notável proporção de haitianos tenha sido vítima de um logro, fornece um primeiro elemento de explicação do extrava-

gante poder de que Duvalier dispunha... Talvez então esta loucura, tão evidente para um ocidental, que se exprimia na linguagem, no comportamento, nas atitudes de «feiticeiro», fosse apenas o engenho de adaptação de um camponês astuto a um país ainda muito dominado pela magia africana? A escolha da «cor negra» como liava do exército e não tinha a intenção de «jogar o jogo», encarregou Clément Jaborot de formar as primeiras milícias de «tontons macoutes», frequentemente recrutados entre os condenados pela justiça de Port-au-Prince. A lista das vítimas dos milicianos de «Papa Doc» é extensa.

Em 1964, no momento da invasão do «comando das treze» de Villedrouin (que seriam todos massacrados), a família de um tal Edlyr, erradamente suspeita de ter feito parte da expedição, foi detida e friamente executada — «slogan» do Governo estava, evidentemente, «o apá Doc» com esta vontade feroz de permanecer em estreito contacto com a superstição e as forças mais elementares do povo haitiano.

Politicamente falando, a «cor negra» era uma imposição do campeão das «massas negras exploradas pela minoria mulata» estava melhor colocado do que ninguém para saber que a sua demagogia plebeia não conseguia dissimular um facto: as avenidas do poder e as alavancas de comando económico estavam nas mãos daqueles que ele queria dar a impressão de denunciar. Sob este aspecto, a lista dos altos funcionários, dos membros dos sucessivos gabinetes do dr. Duvalier e dos principais chefes dos «tontons macoutes» é elucidativa.

Duvalier proclamava-se «ungido dos deuses africanos» e «deus». Convencia os seus súbditos confundidos, até mesmo e sobretudo os seus «tontons macoutes» de quem acabara por desconfiar, de que possuía o dom da ubiquidade. «Porta surgir em qualquer» — onto da ilha e no momento em que fosse menos aguardado. Deste modo, era-lhe possível estar facilmente ao corrente de toda e qualquer conspiração que se tramasse contra ele. Aquando de cada conspiração, genuína ou, a maioria das vezes, falsa, astuciosamente descoberta pelo presidente, o mito de um «Papa Doc» que possuía em todo o país e um verdadeiro exército de «zombis» que lhe relatavam tudo o que se passava não cessava de ganhar terreno junto dos camponeses supersticiosos.

Contava-se, mesmo, em Port-au-Prince, nos últimos meses do seu poder, que tinha transformado todas as suas vítimas, as que matara

A IMPOSTURA E DO DELÍRIO



Apóstolo da Paz e Reparador dos nossos erros.

VIOLENCIA E OPRESSÃO

François Duvalier nasceu em Abril de 1909, na capital. Após estudos de Medicina, foi admitido na missão de saúde americana encarregada de lutar contra a malária. Este período da vida do doutor Duvalier permaneceu rodeado de mistério, sabendo-se apenas que, ministro da Saúde Pública no Governo de Dumarsais Estimé, ele se recusou a colaborar com o presidente Magloire quando este assumiu o poder. Magloire, homem de estatura gigantesca e pai de família numerosa, corrompido e corrompedor, era o «Bon Papa» para os haitianos.

Após «Bon Papa», despedido pelos militares, e enviado para um exílio douado nos Estados Unidos, seguiu-se naturalmente «Papa Doc», que tinha prometido lutar contra o analfabetismo e se apresentava como o «leader dos jovens intelectuais» e da «massa campesina».

Magloire era, sob determinado ponto de vista, o *statu quo*, a conservação da preponderância mulata e a sobrevivência das grandes famílias. Com «Papa Doc», o anti-Magloire, foi, pelo menos em aparência, «a vingança dos pobres negros». Foi, também, imediatamente, a violência e a opressão.

«Papa Doc», que desconda. Ao saber do desembarque dos treze, «Papa Doc» precipitou-se para Fort-De-Manche, a prisão de Port-au-Prince, e fez executar trinta prisioneiros políticos. Em Jérémie, toda a família Savaricq foi fuzilada. Nesta mesma localidade, um chefe «tonton macoute» verificou que lhe tinham roubado o seu aparelho de rádio. Persuadido de que se tratava de uma acção terrorista, deu ordem para que fossem presos todos os cidadãos possuidores de rádios e fez abater os seis primeiros como represália. As duas irmãs, os dois filhos e a nora do senador Désulmé foram executados porque «Papa Doc» estava per-

palácio e o seu cadáver ficou exposto durante três dias no pátio da caserna Dessalines «para exemplo».

Ao lado das vítimas conhecidas em virtude da sua actividade social ou política, quantos milhares de desaparecidos, camponeses anónimos desta terra em convulsão, árida, mais africana do que americana? «Papa Doc» não temia atacar os diplomatas. O embaixador da Grã-Bretanha foi chamado a Londres, a pedido do doutor Duvalier, porque tinha ousado protestar contra o assassinio, pelos «tontons macoutes», de um cidadão da Jamaica

A BIBLIA E O «COLT»

«Papa Doc», com o seu aspecto tímido, a sua voz lenta e surda, os seus espessos óculos redondos sobre uma face que se destacava, não produzia uma grande impressão. No palácio, as pessoas da sua intimidade chamavam-lhe, por vezes, «Traîne-savates», em virtude do seu inimitável passo de «pião», constantemente à espreita e inquieto. Protegido pelos seus milicianos — guardas pessoais ostentando metralhadoras ligeiras e óculos escuros —, recebia os diplomatas sentado por detrás da sua secretária, sobre a qual se encontrava uma Bíblia e um «colt» 45. Fingia nada saber, voltando-se continuamente para os seus conselheiros para confirmar o nome do seu partido: «Ah sim o partido duvalierista»; a data das próximas eleições prometidas: «Não é em Março? Não? Em Janeiro? Não, em 10 de Março...»

Perante o Congresso, que o acabava de nomear presidente vitalício, o doutor Duvalier declarava: «Ter-se-ia em rigor admitido que, de tempos a tempos, os senhores renovassem o meu mandato. Mas lança-se um olhar pudico, tímido, até mesmo irónico, sobre esta inamovibilidade que soa como um dobre de sinos aos ouvidos dos ambiciosos e dos sempiternos sequeiros do poder, que se faz ouvir como um desafio aos contendores da comunidade haitiana. Como se se pergun-

mento. Isto porque eles despertam de algum tempo ressonâncias carnis...

Todo um povo? Duvalier não era apenas «presidente vitalício». Ele tinha sonhado durante algum tempo fazer-se proclamar «imperador», sob o nome de François I, mas os seus familiares tinham-no dissuadido disso, temendo um redículo excessivo. Era, tal como o seu sinistro vizinho Trujillo, o primeiro em tudo no seu país: primeiro trabalhador, primeiro sociólogo, primeiro escritor, pai de uma «revolução duvalierista», cujos verdadeiros objectivos ninguém jamais conheceu, o infalível, o Todo-Poderoso. «Trujillo, tu és o nosso Norte...», proclamavam os anúncios luminosos de São Domingos. «O doutor Duvalier, Homem-Bandeira, aceitou o sacrifício da sua vida para o bem-estar dos seus concidadãos, a exemplo do Homem-Deus que veio a este mundo para nos salvar...» — afirmavam os sindicalistas «duvalieristas». Aos seus diplomatas que reclamavam o pagamento das despesas de representação, o «Homem-Deus» fazia telegrafar de Port-au-Prince: «Nenhum artigo do orçamento me permite pagar-vos. Por conseguinte, tratai de resolver o vosso problema...»

Metade, pelo menos, dos 28 milhões de dólares do orçamento anual da República do Haiti entrava nas algibeiras de «Papa Doc», de sua família ou dos seus amigos. A este ditador negro que prometia «o progresso e a felicidade», nomeado «presidente vitalício» porque tinha, segundo os termos do decreto extraordinário, «tentado e conseguido a alfabetização das massas, abarcado pela sua política interna todas as camadas sociais na Sua solicitude», os números cruéis respondem: Haiti, 4,5 milhões de habitantes, rendimento anual *per capita*, 40 dólares (o número mais baixo de toda a América Latina), esperança média de vida: 32 anos, 90 por cento de subalimentados, uma única universidade em Port-au-Prince com mil e quinhentos estudantes... O Haiti de «Papa Doc» tem

EVITAR O PRETEXTO A UMA INTERVENÇÃO AMERICANA

Reina a serenidade em Port-au-Prince, mas continua a incerteza acerca das consequências políticas da morte do dr. François Duvalier, que tinha um poder absoluto sobre o Haiti.

Jean-Claude Duvalier, novo «presidente vitalício» da República do Haiti e filho de «Papá Doc» afirmou, logo após a morte do pai, que os comandantes das forças armadas e dos voluntários da segurança («tontons macoutes») obedeceriam às suas instruções, pois estas «inspirar-se-ão na filosofia da revolução duvalieriana». Contudo, em Port-au-Prince pensa-se que é a sr.^a Marie-Denise Duvalier, irmã do novo presidente, casada com o coronel Max Dominique, quem detém, de facto, o poder.

Comprometido em 1967 numa grave conjura contra «Papá Doc» (19 oficiais haitianos foram passados pelas armas, em consequência da conspiração), o coronel Max Dominique viu-se obrigado a sair de Port-au-Prince, em companhia da mulher. Agraciado, por intervenção desta, em 1968, o coronel pertence hoje ao grupo de familiares que rodeiam Jean-Claude Duvalier e que disputam entre si o poder. Há três meses que a saúde de «Papá Doc» se deteriorava incessantemente e, durante esses três meses, a influência de Marie Denise foi crescendo consideravelmente.

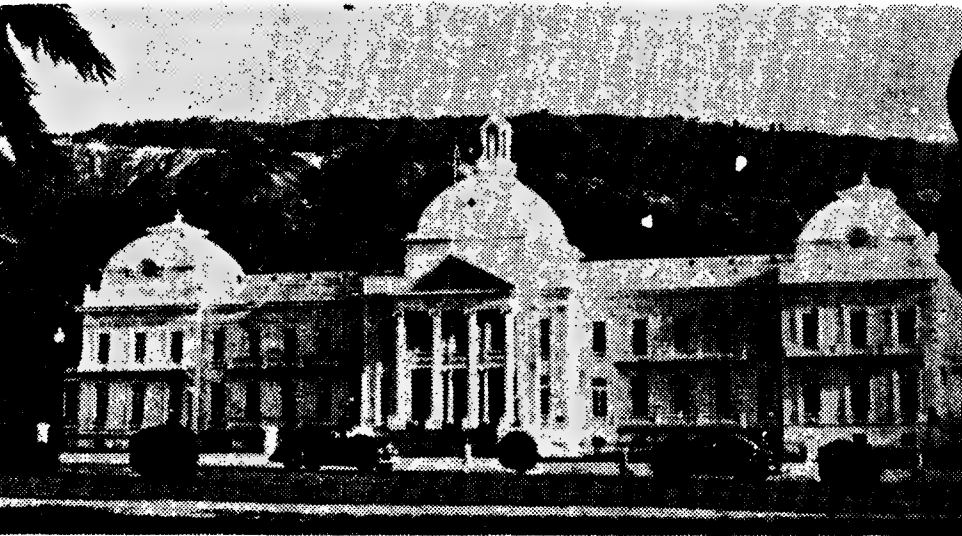
Mas outros actores estão nos bastidores ou já em primeiro plano: os ex-comandantes da milícia, Luc Desyr e Luckner Cambronne, nomeados para lugares importantes no novo Governo: Adrien Raymond, novo ministro dos Negócios Estrangeiros e irmão do general Raymond, chefe do Estado-Maior do Exército. «Papá Doc» mantinha um sábio equilíbrio entre todas as correntes do «duvalierismo». O seu desaparecimento ameaça colocar frente a frente os chefes do exército, o «grande factor» de presidentes, de há um século a esta parte, e os comandantes dos temíveis voluntários da segurança nacional, de uniformes bizarros, mas de tiro muito fácil.

Os E. U. A., cujas relações com «Papá Doc» conheceram altos e baixos, desde 1957, seguem, com a maior atenção, a evolução dos acontecimentos em Port-au-Prince. As unidades da Marinha e da Aviação, de prevenção nas Caraíbas, encontram-se nas proximidades das costas haitianas. É evidente que a sua presença se destina sobretudo a desencorajar os eventuais amadores de desembarque. A preocupação número um de Washington é evitar um renascimento das forças da esquerda em consequência de uma desarticulação do duvalierismo. Mas os principais dirigentes revolucionários foram dizimados, há 3 anos, quando uns 100 foram fuzilados. Quanto aos diferentes grupos de exilados nos E. U. A., Canadá, Cuba ou na Europa, representam correntes democráticas ou socialistas que parecem essencialmente desejosas de não dar azo a uma intervenção americana. — M. N.

TRUJILLO ULTRAPASSADO

Este ambiente irreal, fantasmagórico, propício às conversas em gurdina e aos rumores, explica a confusão dos diplomatas em missão em Port-au-Prince, tentando em vão fazer entrar este regime fora do comum em categorias razoáveis. Na vizinha República de S. Domingos fora preciso aguardar a morte do general Trujillo para que se verificasse uma mudança e a extensão da megalomania do tirano se revelasse. Os intermináveis desfiles, os ramos de flores agitados pelas crianças das escolas aquando do aparecimento em público do «benefactor» de S. Domingos, levavam as individualidades de passagem a imaginarem uma ditadura bondosa e paternalista. A cruel ditadura de «Papa Doc» foi denunciada, em contrapartida, com violência, muito antes do desaparecimento do «Père Fouettard» de Port-au-Prince, por testemunhas aturdidadas, por uma tragicomédia lisonjeada com exaltação pelos defensores do regime. Sob este aspecto, Duvalier ultrapassou Trujillo.

Conta-se uma anedota segundo a qual a entrevista de cinco minutos concedida pelo presidente Eisenhower a Trujillo teria sido inteiramente consagrada à leitura dos títulos do «Renovador de São Domingos». Na imprensa haitiana, a apresentação mais insignificante de «Papa Doc» era: «Sua Excelência o Digno Doutor Duvalier, o Victorioso, Chefe supremo e efectivo das forças armadas, das forças policiais e das milícias nacionais, Suprema Esperança da orgulhosa nação haitiana,



O palácio presidencial, em Port-au-Prince

suadido, também desta vez sem razão, que o senador se encontrava implicado numa conspiração. Ao senador, que lhe suplicava ao telefone, o doutor Duvalier respondeu: «Desconheço tudo isso...» Em 1965, o coronel Turnier foi abatido no

tasse à vida por que razão se perpetua, à rosa como pode desabrochar...» Comentando estes conceitos delirantes, «Nouvelles d'Haiti» escrevia: «Compreende-se que todo um povo se comova e vibre com semelhantes ritmos de encanta-

a maior proporção de analfabetos (93 por cento da população) e partilhou com a Índia o triste privilégio de ter o menor número de calorías. Mas pode gabar-se de ter ultrapassado os limites da impostura e do delírio...

NÃO! NÃO VOU FALAR DE NUREYEV QUE VI DANÇAR NO MUNICIPAL

Por CHIANCA DE GARCIA

As vezes convengo-me, nestas páginas do «Diário de Lisboa» de que sou, traduzido em gíria, uma reincarnação, embora unilateral, do idealismo luso-brasileiro daquele João de Barros, a quem me referi recentemente a propósito do livro de Manuela de Azevedo.

João de Barros defendia ideologicamente o que chamava de intercâmbio. Eu, mais realista, defendo apenas o câmbio (do latim *cambiare*). Quero dizer, minha mania é pôr a circular no Brasil a moeda viva da cultura portuguesa.

Portugal sabe de cor o Brasil. Sob todos os aspectos. Ainda hoje li, com prazer, que, em Lisboa, abre este mês uma casa de samba (o *Sambão*) para que os lisboetas possam (perdoem a expressão) *curtir um barato carioca*.

Para o Brasil, porém, Portugal está fora do seu alfabeto. Isto, é claro, é uma verdade que posso afirmar por não pertencer a nenhuma confraria, por não ter nenhuma espécie de compromisso, além da minha experiência *universitária* de trinta anos de Brasil.

O que me funde a cuca é que Portugal aceite docilmente as utopias da comunidade luso-brasileira, quando, o que me parecia indicado, mesmo sem credenciais diplomáticas, era vê-lo aqui chegar, sozinho, pedindo passagem e gritando:

— Aqui estou.

É juízo que seria recebido de braços abertos.

— Mas a troco de quê? indagarão.

— A troco de estarmos presentes. E isso é só. E isso é tudo.

DOIS

Cabe aqui transcrever rapidamente o que já escrevi, por várias vezes, neste nosso «Diário de Lisboa». Na América do Norte e Inglaterra subsiste. E acima de tudo porquê? Talvez não acreditem. Mas devido à presença constante de Shakespeare. E o mesmo acontece com Dom Miguel de Cervantes nos países de língua espanhola. São os dois marcos da sua civilização, e da sua cultura. Já repeti isto várias vezes.

Pois é. Mas o que acontece com Portugal?

TRES

Acontece que Portugal, no Brasil, aceita de boa-fé, a sua cultura, como mera figura de retórica. Não culpa o Governo, não. Culpa a todos. Elites da direita e da esquerda, escritores, poetas. João de Barros de hoje, enfim, todo esse mundo que devia ser teimoso e audaz tendo a consciência de que o Brasil é, para a cultura portuguesa, um mar nunca dantes navegado...

QUATRO

Hoje eu ia começar esta crónica falando de Fernando Namora que, no prefácio da oitava edição da *Casa de Malta*, diz não se conformar com a teoria de que um livro, ao ser publicado, atinge a sua forma definitiva. De facto é assunto que vai além das mesas de café. Camilo, por exemplo, rezei algumas das suas obras, como o *Amor da Perdido*? Não creio. Eça, sim. E Balzac? E Dostoiévski? E Dickens? Machado de Assis teria emendado nos seus volumes mais famosos alguma coisa que não fosse puramente um erro gráfico? Li não sei onde que, depois da gestação, os livros devem ter o seu próprio destino. Como figuras humanas. Com qualidades e defeitos, vícios e virtudes. Sabemos nós de autores que, depois da obra publicada, não

voltam sequer a lê-la. Muitas vezes, creio, por honestas razões. Onde impera o auto-psiquismo.

Porém, no caso de Fernando Namora o caso é diferente. A sua afeição de perfeição, de estilo, de autenticidade, leva-o, em cada obra (as palavras são dele) a *acompanhar-lhes o crescimento, como um lavrador zeloso tendo numa das mãos o serrote e na outra o afago*.

CINCO

Não o fiz, porém, porque hoje, de repente, ao abrir a página mais importante do *Jornal do Brasil*, num longo resumo das trombetas de Jericó, encontrei um inesperado apoio aos apelos com que ousou cançar os leitores.

Não é um artigo qualquer, não. O assunto é tratado em editorial. E o problema é o mesmo das minhas teimosias. Não vou transcrevê-lo inteiro. Mas queiram ler, por favor, alguns trechos bem perto das minhas inúteis pregações:

«Na comunidade linguística entre Portugal e o Brasil é que reside uma fraqueza grande, do ponto de vista de manter a unidade da comunicação idiomática. Língua, evidentemente, não é ortografia, porque desta cuidamos com rigores de tia velha. Jamais ocorreu a ingleses, americanos, canadenses, australianos ou neozelandeses preocuparem com a ortografia da língua. Mas sempre mantiveram uma comunicação de livros extraordinária, sob a égide do inesgotável Shakespeare.

«Agora, quando se comemoram os 355 anos da morte de Miguel de Cervantes, pode-se comprar no Rio uma excelente edição popular do «Dom Quixote», com índices de nomes de pessoas e de geografia, e sobretudo um pequeno mas valioso roteiro de assuntos. Pois bem, o livro, impresso em Madrid, custa no Rio de Janeiro, dezoito cruzeiros». (Reparem no que isto representa como desejo de expansão de cultura hispanica).

«Mas voltando ao editorial: «Que se faz de semelhante em matéria de «Lustadas» para mencionar apenas o poeta máximo que contracenava com Cervantes na Península?»

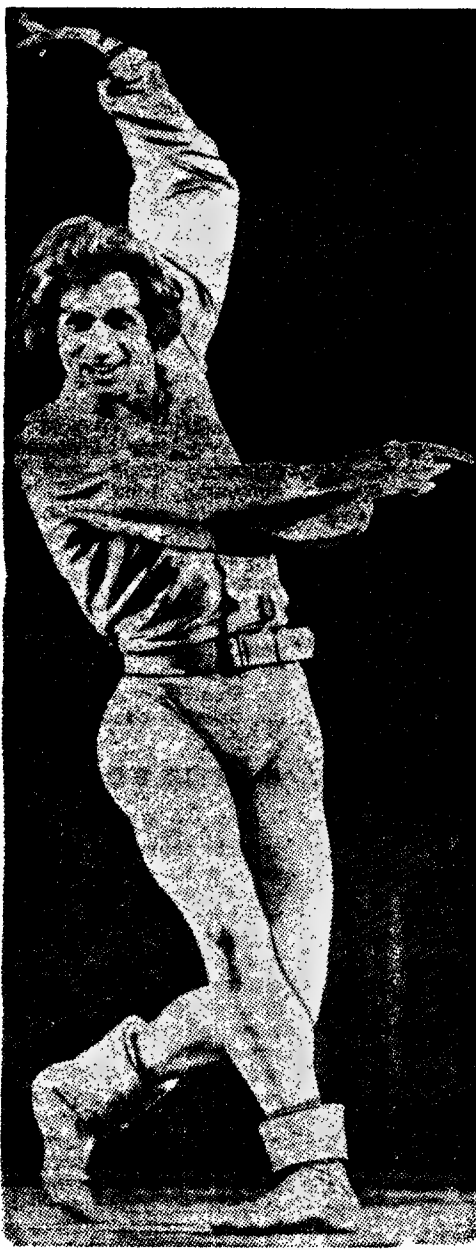
Mais um trecho ainda: «Nossos célebres e cíclicos convênios culturais com Portugal padecem de uma notável ausência de objectividade e de uma dose avançada de ranzinzeiro».

SEIS

Tudo isto é verdade. Tudo isto já ousei insinuar nas colunas do «Diário de Lisboa». Apenas discordo, no caso do *Quixote*, executado em Madrid, pois que todo esse trabalho de divulgação da cultura portuguesa deve ser feito aqui, naquele castelo feudal que é a Embaixada portuguesa no Rio de Janeiro, que o destino um dia há-de transformar em Universidade da Língua Portuguesa.

UM LIVRO PREMIADO

Eu desconhecia o nome de António Rebordão Navarro. Desconfio que acontece o mesmo com muitos dos meus leitores. Pois bem, aqui confesso a vocês que se trata de uma figura importante na moderna literatura portuguesa. Não sei se o considere (desde já) um romancista. Não sei mesmo se este seu livro *Um Infinito Silêncio* vale, nos moldes clássicos, ou nos estilos mais ousados, como um verdadeiro romance. Mas — afinal, quais são as leis a que deve obedecer um romance? O importante consiste em que se está em frente de uma



Nureyev dançou no Municipal do Rio de Janeiro. Como pôr a circular no Brasil a moeda da cultura portuguesa?

obra que me parece da melhor qualidade literária. Para o dizer (e aqui os meus leitores já sabem) não é necessário ser crítico. Basta ter o hábito voraz e apaixonado da leitura.

Li-o de começo ao fim, preso por vezes ao seu dilematismo de esquadriñar pequeninas coisas que lhe dão, num fechado ambiente provinciano, uma certa consistência proustiana, espécie de balagarda bordada a cores esmaecidas, perdida num não-sei-onde de Portugal, com marcas de vinho, de sangue, e de outras coisas que não ousei escrever.



B

Mas, por curiosidade, quis fazer uma experiência. Ora como ele ganhou, por certo com justiça, o *Prémio Alves Redol 70* (e não sei quem o atribuiu) pensei, após a leitura, em criar um novo júri que o julgasse em definitivo. Pus-me a duzias de nomes em pequeninas rifas, enrolei-as, e tirei três á sorte. Sairam estes: Camilo, Eça e Raul Brandão. Com a minha prática e convivência em terreiros de macumba, consegui, com esforçados auxílios mediúnicos, que comparecessem todos três...

C

O primeiro a falar foi Camilo, que, mesmo no outro mundo não perde a mordacidade. E disse:

— ESTES TEXTOS CARECIAM DE SER ADULTERADOS PARA MERECEREM A QUALIFICAÇÃO DE ROMANCEIRO. É COISA QUE EU NÃO FARIA SE PUDESSE. ACHO AQUI EM PAGINAS CORRENTES SEM LIGAÇÃO NEM CONTINGENCIA.

Mas como eu o prevenisse de que se tratava de um autor português, sorriu, como querendo dizer: — Bem, creio que nestas épocas de que felizmente não faço parte, o Porto deve estar mesmo necessitado de um novo Camilo Castelo Branco. Voto pela não autor.

Eça foi mais acessível, e sem perder o seu tom irónico falou assim:

— Permita, prezado confrade, sem com isso querer implicar mais uma vez consigo, que discordo, não do seu voto, mas do seu parecer. Olhe...

...e mandou que eu escrevesse:

— O autor tem ritmo. E O RITMO É NECESSÁRIO ATÉ NO DELÍRIO.

Faltava Raul Brandão. Olhou os outros dois, e disse:

— Viamonte? NÃO É ALDEIA, É A DOR. NÃO É O LARGO COM A CRUZ E OS CARVALHOS MUTILADOS, É ATMOSFERA DO DESESPERO. As figuras deste livro são meus parentes próximos. Todos eles, literariamente, são meus consangüíneos. Dou também o meu voto a esse António Rebordão Navarro.

Estava assim confirmado o *Prémio Alves Redol 1971*.

SORRY

E agora, leitores, só me resta pedir perdão a vocês por ter assistido a Rudolf Nureyev, no palco do Municipal dançando o *Apollon Musagète* de Stravinsky, e não lhes ter dado as minhas impressões sobre o Nijinsky das noites de hoje. Ele já estava aí? Se não esteve, contentem-se em imaginar um pequeno deus do Olimpo em carne e osso.

Maio de 71.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana — G. B. Brasil.

QUEBEC:

UM CONFLITO ENTRE DUAS MAIORIAS

WASHINGTON



Por J. W. ANDERSON

RENÉ LEVESQUE, «leader» do partido separatista legal e moderado, foi, recentemente, entrevistado pela Televisão, sobre o futuro do Canadá. Não, não previa uma guerra civil entre o Canadá francês e o Canadá inglês. Por outro lado, ao Governo Federal não convém contar muito com o Exército na luta contra o Quebec: «Não há, para os separatistas, melhor campo do que as forças armadas canadianas».

As tropas já foram retiradas, há uns meses, das ruas de Montreal. Mas a lei sob a qual a polícia deteve cerca de 200 cidadãos quebequenses, como suspeitos, sem mandado de captura nem culpa formada, ainda continua em vigor. Essa lei expirou em 30 de Abril. Se o Governo Federal pretendesse estabelecer uma nova lei de emergência ver-se-ia ante a oposição dos canadianos, tanto de língua francesa como inglesa. Os separatistas de Quebec e os defensores das liberdades civis, de Ontário, alegam, com firmeza, que os poderes de emergência só contribuíram para se estabelecer a injustiça e a histeria, depois dos raptos terroristas de Outubro passado. O Governo Federal replica que teve de enfrentar uma campanha revolucionária de «violência sistematizada», destinada a minar toda a estrutura da ordem pública. Foi o próprio primeiro-ministro do Quebec, Robert Bourassa, que solicitou às autoridades federais o estabelecimento em Outubro, da Lei de emergência. E é ele agora a pedir que a mesma volte a ser posta em vigor.

A primeira vista, os acontecimentos de Outubro pareciam solucionados. Paul Rose, da Frente de Libertação de Quebec, foi orientado a prisão perpétua pela morte de um dos reféns, Pierre Laport, ministro do Trabalho do Quebec. Há outros três indivíduos a aguardar julgamento, por cumplicidade. O outro refém, o adido comercial britânico, James R. Cross, já regressou ao seu país, e os raptos, que o puseram em liberdade sob a garantia de poderem contar com a deles, encontram-se ainda em Cuba.

UTILIZADO O PERÍODO DE DETENÇÃO PROLONGADA

Das 497 pessoas detidas durante as buscas efectuadas pela polícia, 435 foram postas em liberdade, consi-

deradas como «sentas de culpa», existindo até a possibilidade de algumas delas serem indemnizadas, num total de 30 000 dólares. Das outras quatro (incluindo Rose) foram condenadas, 32 incriminadas e postas em liberdade sob fiança. Vinte e seis estão ainda detidas e a aguardar julgamento.

O reduzido número dos que se encontram hoje na situação de acusados é um dos pontos focados pelos que se batem pelas liberdades civis. Mas há outros. Como as medidas de emergência colocaram, na ilegalidade a Frente de Libertação do Quebec, suspendendo-se as fianças, cria-se, assim, uma espécie de detenção política preventiva.

Allain Borovoy, da Associação para as Liberdades Cívicas, em Toronto, alega que uma pessoa poderia ter assistido a uma reunião da Frente de Libertação do Quebec quando esta ainda era legal e ser por isso incriminada — com base em tais reuniões — como membro da F. L. Q. Depois disso, passar a ser considerado como um crime. Os processos nos tribunais também tornam evidente que a polícia utiliza o período de prolongada detenção para arranjar confissões que se apresentam aos jurados como evidências.

A lei de emergência suspendeu, de facto, os principais direitos da defesa e, alega Borovoy, não existe qualquer indicação de que esses poderes extraordinários tenham levado à prisão de Rose, ou à descoberta de Cross. Isso parece ter sido antes resultado do diligente e convencional trabalho da polícia.

Por seu lado, o Governo pode replicar que houve, de facto, dois raptos e um homicídio, cometidos por uma organização terrorista, cujo móbil era causar os maiores danos possíveis às autoridades públicas e à ordem, tanto no Quebec como no resto do território canadiano. Ainda hoje, afirmam alguns funcionários federais, é difícil saber até que ponto o Quebec não teria resvalado para o caos, no caso de o Governo não ter adoptado as energias medidas que adoptou.

EM DEFESA DE REFORMAS SOCIAIS

Este argumento chocou alguns canadianos mais atentos a estas questões. Parece querer sugerir-se com ele que a repressão policial constitui a resposta justa ao ter-

rorismo, do mesmo modo que a F. L. Q. pode considerar o terrorismo como justificável, em face daquela repressão.

Neste ponto, o separatismo não é, principalmente, um litígio entre os canadianos de língua francesa e os de língua inglesa. Trata-se, antes do mais, de uma questão entre canadianos francófonos.

Jacques-Yvan Morin é professor de Direito na Universidade de Montreal, onde Pierre Elliot Trudeau também deu aulas, antes de se dedicar à política. Há seis anos atrás, Morin e Trudeau conheciam-se muito bem e colaboraram um com o outro na sua actividade docente.

O primeiro-ministro Trudeau, embora seja canadiano de origem francesa, está decidido a manter a Federação e o Quebec integrados no Canadá. Morin seguiu a direcção oposta, filiando-se no «Parti Quebecois» e apoiando a sua política separatista.

O paradoxo, afirma Morin, está em que o Quebec, integrado no Canadá, é capaz de se tornar ingovernável, enquanto que com a separação se poderia criar uma «nova amizade», o Parti Quebecois bate-se por uma completa soberania política, aliada a uma estreita associação, com o Canadá, no plano da economia — incluindo um Mercado Comum, uma união monetária e a livre circulação dos trabalhadores. «A separação pode ser um facto menor, se for estabelecida em bases amigáveis» — observou Morin, numa entrevista recente.

Dado o clima reinante, as disputas locais acabam por se arrastar para a questão do separatismo. A auto-estrada transcanadiana atravessou Montreal, levando à demolição de muitos edifícios. O «Parti Quebecois», afirma Morin, teria, em vez disso, aplicado o dinheiro na construção de prédios de habitação, assim como na rede do Metropolitano.

O problema do «Parti Quebecois» vai muito para além da independência, batendo-se por reformas no campo social e por um plano de fomento do Quebec. Levesque, «leader» do partido, toma como modelo os países escandinavos.

E quais são os relacionamentos entre os separatistas e os partidários do terrorismo? «É extremamente diminuta a minoria que concorda com a morte de Laporte» — responde Morin.

Levesque, na sua entre-

vista na Televisão, afirmou: «Eles não nos apoiam... O que nos causam é prejuízo».

Terão as coisas serenado, depois da crise de Outubro, provocada pelos raptos? «Trata-se, na verdade, de uma crise permanente» — responde Morin. «É como se fosse uma doença, com os seus altos e baixos... Acho que não conseguiremos sair dela enquanto não dispusermos de um plano no campo da economia e de um objectivo social».

Analisado o caso, conclui-se que o separatismo exprime a tensão resultante da grande e súbita modificação verificada na vida do Canadá francês. Até 1950, o Quebec foi dominado por políticos extremamente conservadores, assim como pelos bispos. A economia era simples, eram baixos os rendimentos, era ainda mais baixo o nível educacional, mas era elevada a taxa de natalidade. O Canadá francês vivia muito para si, isolado do resto do norte do continente, pela língua, e da Europa, devido à distância.

A LINGUA COMO FACTOR DE IDENTIDADE

O Quebec enfrenta agora o dilema que, em relação ao

progresso económico afecta a maioria das regiões do mundo: todos nós queremos ser mais ricos, mas o progresso acarreta os seus sofrimentos.

Cobra um alto preço, afectando os laços familiares e as tradições da comunidade. A educação prepara os jovens para a concorrência, mas torna-os muito diferentes dos pais e transmite-lhes padrões ainda mais diversos. Um dos resultados é o alto nível de politização nas Universidades e nos estabelecimentos de ensino médio, recentemente construídos.

Como a taxa de natalidade baixou, o Canadá francês já não pode depender apenas do crescimento demográfico natural para preservar a sua proporção numérica no seio da população. A maioria dos imigrantes é agora constituída por italianos, e a maior parte deles prefere que os filhos estudem inglês em vez de francês. Esta tendência, que se torna evidente ao consultarem-se as matrículas escolares, passou a ser motivo de preocupação para os quebequenses francófonos, que vêem diminuída a sua preponderância dentro da sua própria província.

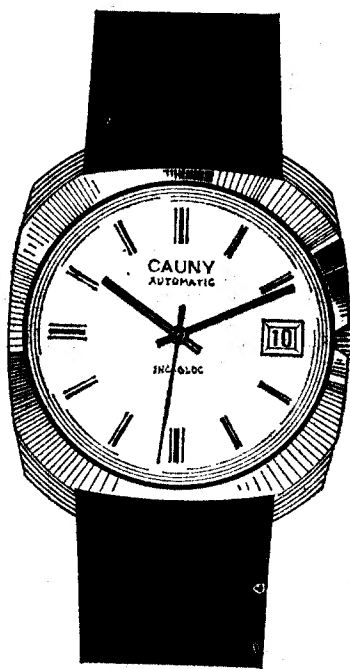
Embora seja corrente comparar-se o movimento separatista do Quebec com o movimento negro dos Estados Unidos, há, entre ambos, duas profundas diferenças.

Os negros, nesta última geração, espalharam-se por todo o território dos Estados Unidos — os canadianos franceses concentraram-se numa zona — Quebec — em que dispõem de uma maioria de 80 por cento. Os negros têm-se batido, principalmente, pela integração numa comunidade mais vasta, enquanto os canadianos franceses pretendem destacar-se dela.

Acrece a isto a insistência dos canadianos francófonos na defesa do seu idioma, que vêm ameaçado e corrompido pelos poderosos vizinhos de língua inglesa.

No programa do «Parti Quebecois», para as eleições de 1970, podia ler-se o seguinte: «A língua é o primeiro factor de identidade, a base e a expressão da cultura de uma Nação. Devemos fazer com que o nosso idioma disponha no plano cultural, económico e social, do estatuto a que tem direito. O Quebec deve ser o país de um povo que fala o francês».

A Comissão Federal para o Bilinguismo e o Biculturalismo observava, no seu relatório de há seis anos: «Não se trata, a nosso ver, de conflito tradicional entre a maioria e a minoria. Trata-se, em vez disso, de um conflito entre duas maiorias: o grupo maioritário do Canadá e o grupo maioritário do Quebec».

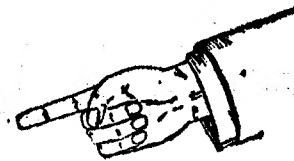


Resistente Incabloc

CALENDÁRIO

AUTOMÁTICO

100% Impermeável



Exija a marca **CAUNY** gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Mudança de data ultra-rápida

CAUNY

A mais alta precisão suíça

RIO DE JANEIRO: ROMA CONTESTADA

A NOMEAÇÃO do novo arcebispo do Rio de Janeiro continua a suscitar agitação no seio do clero brasileiro. Se os protestos não se revestem de um carácter de oposição maciça, testemunham, contudo, um profundo mal-estar. Os eclesiásticos não põem apenas em

causa a personalidade do cardeal D. Eugénio Sales, antigo arcebispo primaz de Salvador da Baía, designado por Paulo VI no dia 27 de Março do ano passado para substituir D. Jaime Câmara, que faleceu depois de passar trinta anos à cabeça da diocese do Rio.

Denunciam também os métodos autoritários do Papa, que tomou a sua decisão sem se preocupar absolutamente com a opinião do clero local.

Consultado três vezes, por iniciativa não só do vigário capitular encarregado do provimento interno da

direcção da diocese mas também do Núncio Apostólico, o clero do Rio deu quase unanimemente a preferência a D. Oloisio Lorscheider, recentemente nomeado presidente da Conferência Nacional dos Bispos.

Por seu lado, Monsenhor Eugénio Sales recebera apenas três votos. Mas esta votação não tem que ser respeitada. Por maioria de razão, a opinião dos clérigos não pode comprometer a decisão do Papa. No entanto, sessenta padres assumiram o risco de se erguerem contra a nomeação do antigo arcebispo de Sal-

vador. O seu manifesto foi tornado público no sábado de Páscoa, em plena Semana Santa, cuja celebração se reveste sempre de grande solenidade.

Na origem do protesto encontram-se cinco padres que já anteriormente se haviam manifestado contra a decisão de Roma.

O vigário capitular do Rio reagiu vivamente, dizendo que a nomeação era «irreversível», fazendo alusão dos «Judas» que traem a sua própria Igreja, evocando eventuais sanções. Mas os «rebeldes» não aceitaram retrair-se como lhe fora sugerido. Pelo contrá-

rio: responderam às acusações de infantilismo e incoerência petencial profissional formuladas contra eles lembraram o seu direito à liberdade de opinião, que não pode ser recusada mesmo no interior da Igreja, atacaram os princípios que presidem à escolha e transferência dos bispos, e finalmente, obtiveram o apoio de sessenta e dois colegas.

E assim os signatários não atacam tanto o novo arcebispo (com o qual se declaram prontos a colaborar) como um sistema de autoridade, que, segundo eles, não corresponde «nem aos ensinamentos do Concílio nem às aspirações modernas de co-responsabilidade». Devemos notar que os protestatários exercem, na sua maioria, o apostolado em paróquias suburbanas, onde se amontoam, em condições precárias os desenraizados de todas as origens, os das terras ingratas do Nordeste como os das «favelas» que a Administração vai eliminando progressivamente do centro das cidades.

Durante todo este tempo, D. Eugénio Sales tem preferido abster-se de quaisquer declarações. Alto, ascético, distante, de traços duros e finos, o novo arcebispo do Rio é conhecido pelo seu gosto do silêncio. Os que vêem nele um puro administrador, um «príncipe da Igreja» inquietam-se, também, devido aos seus contactos considerados demasiado fáceis com as autoridades políticas.

Outros consideram, pelo contrário, que este homem do Nordeste, que, antes de entrar para o seminário, queria ser engenheiro agrônomo, permaneceu fiel às aspirações generosas da sua juventude. Promotor de diversos movimentos a favor da alfabetização dos adultos, da organização sindical e da assistência aos trabalhadores rurais, é, segundo se diz, muito consciente das responsabilidades sociais e mesmo políticas da Igreja.

O protesto de uma parte do clero do Rio não ameaça, em todo o caso, fazer com que o Papa volte atrás na sua decisão nem provocar tensões verdadeiramente novas e insuportáveis entre Roma e a maior Igreja da América Latina. Paulo VI decerto quis para o Rio um cardeal no qual, como se sabe, confia inteiramente. Fisca e intelectualmente os dois homens parecem, aliás, muito próximos. Ao mesmo tempo, o Papa quis, sem dúvida, reforçar o campo dos moderados no seio do clero brasileiro e, ao fazê-lo, dar satisfação ao regime. O telegrama de felicitações um pouco frias enviado por D. Hélder Câmara constitui para muitos a prova de que, com D. Eugénio, é a prudência que vence a paixão.

Ao fim e ao cabo, a crise que lavrava entre a Igreja e o poder, e tomava em 1969 e nos princípios de 1970, proporções alarmantes só foi evitada por um triz. Problemas como os da tortura e das perseguições contra certos padres continuam escaldantes. O interesse secundário concedido a certos problemas humanos dos campos atastados e das grandes cidades por um Governo cioso, em primeiro lugar, de eficácia económica, continua a decepcionar certos católicos. O equilíbrio interno da Igreja brasileira continua sujeito a perpétuos movimentos de fundo. Paulo VI considerou, pois, mais razoável optar por uma normalização da situação que preserva, apesar de tudo, a influência e o papel da Igreja.

OU DAGA OU NADA!



**CAMPO DE
NULISMO** vestir
ou
não vestir
o problema
dos
nós insatisfeitos!

DAGA BLUSAS CAMISAS VESTIDOS CAMISOLAS

forma D-01-71

URSS UM PASSAPORTE PARA USO INTERNO

MOSCOVO



Por HARRY TRIMBORN

REALIZOU-SE recentemente, na Casa da Cultura de Zuvjev, um acontecimento maravilhoso. Trata-se de uma cerimónia notável na Rússia, prosaicamente designada pela «cerimónia da entrega de passaportes».

No decurso deste ritual, que se verifica por toda a parte na U. R. S. S., nas escolas, nas instalações do Partido Comunista, nos clubes e noutros locais através do país, todos os cidadãos soviéticos recebem o seu passaporte com a idade de 16 anos, idade em que um rapaz e uma rapariga, tal como os adultos, são considerados aptos para o trabalho. O pequeno passaporte verde é, provavelmente, o documento mais importante que um cidadão soviético pode possuir em toda

a sua vida. Serve exclusivamente para uso interno e não pode ser utilizado para viagens ao estrangeiro. É, todavia, necessário para se obter um passaporte internacional.

Este livrinho de sete páginas constitui, simultaneamente, o meio através do qual se pode vigiar os cidadãos e um documento prático onde estão reunidos os dados essenciais que, praticamente, todo e qualquer país deseja ter sobre esses mesmos cidadãos.

No decurso da cerimónia de entrega, as exortações patrióticas feitas pelos antigos combatentes misturam-se com os sermões dos funcionários do Partido, a que se vêm juntar conselhos paternos, tais como: «Trabalhai com energia e vencereis». De pé, diante

de enorme retrato de Lenine, na sala de festas da Casa da Cultura, os oradores acentuaram que o documento entregue neste dia dava aos seus possuidores o título mais glorioso do mundo, o de «cidadão da União Soviética».

DOCUMENTO PRECIOSO

Os 21 rapazes e 15 raparigas presentes pareciam impressionados, mas aceitaram os passaportes com este misto de timidez e acanhamento comum aos jovens de 16 anos em qualquer parte do mundo. «Sinto-me, agora, mais maduro e responsável», declarou um deles, após a cerimónia. «Este documento é muito impor-

tante e vou necessitar dele toda a minha vida».

Não exagerava. Sem o passaporte, um cidadão soviético não pode encontrar nem trabalho nem apartamento e não pode ausentar-se do seu local de residência por mais de três dias. O passaporte é-lhe indispensável para se alojar num hotel, para se casar ou para receber uma pensão. Se se recusar a obter um passaporte ou infringir deliberadamente os regulamentos que o mesmo contém, fica sujeito a um ano de prisão. As informações contidas nas páginas do passaporte tornam-no um misto de certidão de nascimento e de casamento. Pode, igualmente, servir para uma sentença de divórcio.

Ao examiná-lo, sabe-se, imediatamente, se um recém-nascido ou uma avó

idosa se encontram a cargo do portador. Os filhos com menos de 16 anos figuram no passaporte dos pais, geralmente da mãe. Por outro lado, o documento indica onde e quanto tempo um indivíduo trabalhou em cada emprego e o seu local de residência a partir dos 16 anos. As autoridades podem, deste modo, saber se um indivíduo é «um parasita» ou um «instável».

Todavia, os cidadãos soviéticos não são obrigados a trazer o passaporte permanentemente consigo. Apenas têm necessidade do documento em caso de mudança na sua vida social ou profissional.

Não é exacto, como se pensa frequentemente no Ocidente, que este passaporte seja um meio pífido de «marcar» os judeus para

os distinguir dos outros habitantes, tal como fizera Hitler ao obrigar os judeus alemães a trazerem a estrela amarela de David. Todos os cidadãos soviéticos são «marcados» da mesma maneira.

Estes passaportes são entregues pela repartição regional da milícia do Ministério dos Assuntos Internos, o qual possui, deste modo, um «dossier» completo sobre cada pessoa da região. Mas, tal como o demonstra a cerimónia da Casa da Cultura de Zuvjev, o Governo soviético tem o máximo cuidado em que este passaporte não seja manchado por uma reputação sinistra.

Na opinião do Kremlin, este documento deve ser, para cada cidadão, um documento precioso, recusado às pessoas menos felizes do resto do mundo.

ASSINALADOS 40 NOVOS SILOS RUSSOS PARA ENGENHOS INTERCONTINENTAIS

Por CHALMERS ROBERTS

WASHINGTON



Soube-se, recentemente, que os satélites americanos de reconhecimento tinham assinalado cerca de 40 novos silos soviéticos destinados a receberem engenhos intercontinentais. Foram as fotografias destes silos que levaram Melvin Laird, secretário de Estado da Defesa, a declarar que a União Soviética está «empenhada num programa de construção de ICBMS novo e, aparentemente, desdobrado».

Os primeiros dez silos foram descobertos em fins do mês de Fevereiro, mas as más condições atmosféricas impediram que se tirassem novas fotografias de qualidade satisfatória, e apenas recentemente foi possível chegar-se ao total de 40. Estes silos estariam principalmente situados na Sibéria.

O senador Henry Jackson, que foi o primeiro a revelar a construção destes silos, em 7 de Março, declarou, durante um discurso em Boston, que «nós sabemos que este novo sistema compreende mísseis cujo poder de destruição não é inferior aos SS-9 de 25 megatoneladas, podendo mesmo tratar-se de mísseis muito mais potentes que o SS-9».

Todavia, outras fontes desmentiram que se tratasse de um facto conhecido, afirmando que semelhante declaração era apenas uma extrapolação a partir das dimensões dos novos silos. Jackson declarou aos jornalistas, em Boston, que os silos se encontravam vazios e que seriam, provavelmente, necessários 18 meses antes de serem equipados. Precisou, igualmente, que não se possuía qualquer prova directa de que os soviéticos tenham procedido a ensaios em voo destes novos engenhos.

CONVERSÇÕES EM PONTO MORTO

Tal como Laird, Jackson declarou que estas construções suscitavam perguntas acerca das conversações sobre a limitação dos armamentos estratégicos que se realizam actualmente em Viena, e que havia o «perigo de se assistir ao fracasso destas conversações», o que provocaria uma «situação catastrófica».

A Administração, todavia, mostrava-se menos alarmada, precisando que Washington ainda não tinha chegado à conclusão de que os soviéticos deram deliberadamente início à instalação de um novo sistema de mísseis, utilizando as conversações sobre os armamentos como capa para prevenir uma resposta americana.

Estas conversações encontram-se, aliás, em ponto morto, actualmente, em virtude de os soviéticos proporem um acordo sobre os «ABMS unicamente», reservando para mais tarde um acordo sobre os engenhos ofensivos. Para o presidente Nixon, todo e qualquer acordo deve prever um «controlo» dos armamentos ofensivos e defensivos. Os novos trabalhos so-

viéticos de instalação de mísseis levam os americanos a insistir para que no acordo sejam incluídos os sistemas ICBM. Contudo, Moscovo parece querer esperar para ver se a pressão da opinião americana, particularmente no Congresso, será suficiente para levar Nixon a aceitar a proposta soviética. Por agora, parece que o presidente não está na disposição de a adoptar.

Jackson afirmou que a ameaça dos SS-9 soviéticos deveria levar os Estados Unidos a construir o sistema ABM «Safeguard», a fim de proteger os mísseis «Minuteman», no que é apoiado por Laird e pela Administração.

UMA FORMA DE PRESSÃO?

As instalações soviéticas ICBM de diferentes tipos foram assinaladas pelos satélites-espões americanos. Não foi feito qualquer esforço para as dissimular, porque tal se revelava difícil, ou porque Moscovo está disposta a mostrar a Washington o seu crescente poderio nuclear. Determinadas fontes interrogam-se, com efeito, em Washington, sobre se as novas construções de silos não seriam uma pressão exercida sobre os Estados Unidos para que estes aceitem as propostas soviéticas sobre o «controlo» dos armamentos. Contudo, uma outra escola admite a hipótese de os soviéticos terem decidido conseguir uma superioridade nuclear em vez de aceitarem a paridade actual. Finalmente, para outros, os ICBMS soviéticos são apenas uma resposta aos engenhos de ogivas múltiplas que os Estados Unidos já instalaram em «Minutemen» e nos foguetes «Poseidon» a bordo dos submarinos «Polaris».

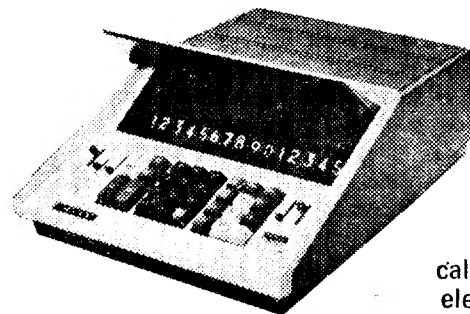
O que é evidente, em todo o caso, é o facto de as conversações sobre os armamentos terem atingido um ponto crucial. Os responsáveis americanos afirmam que os soviéticos não poderão indefinidamente prosseguir as conversações, sem chegar a um acordo, continuando a desdobrar novos engenhos. Laird traduziu o ponto de vista americano ao afirmar, pela primeira vez, que, se não se verificar, este ano, qualquer progresso nas conversações, recomendará que seja acelerado o desenvolvimento de novos sistemas nos Estados Unidos.



mais do que
um
cérebro...

um
método

rigorosamente cerebral



calculadoras
electrónicas

SONY

Programa de 111 passos
Sete registos de memória e memória total
Simplicidade operacional e de leitura
Circuito integrado e Monolítico
Raiz quadrada automática
Arredondamento automático
Cálculo instantâneo, preciso e silencioso
SOBAX — ICC — 1500 E - simples
SOBAX — ICC — 2500 E - programável



NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRÁFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 - LISBOA 1
PORTUGAL

O FOGUETÃO ESPACIAL DO FUTURO PODERÁ EFFECTUAR 100 VIAGENS

WASHINGTON



Se os Estados Unidos construírem uma nave espacial «rentável» o que, provavelmente, será o próximo passo mais importante no campo das viagens espaciais, parece certo que será escolhido o projecto aprovado pela Força Aérea, por ser o que melhores condições oferece, sob o ponto de vista militar.

Considera-se a futura nave espacial como a melhor resposta às enormes despesas resultantes de um veículo espacial que só serve uma vez. Esta agora pode ser utilizada bastantes vezes — umas 100, pelo menos — funcionando como um camião espacial, capaz de executar diversas tarefas, que hoje ficam extremamente caras.

Poderá, por exemplo, carregar no «tejadilho» estruturas cilíndricas, com 18 metros de comprimento e 4,5 de diâmetro, que serão postas em órbita, funcionando como estações espaciais. Poderá, ainda, transportar 12 tripulantes de cada vez, para montarem a estação e pô-la em órbita.

Nem ter que se perder um foguetão impulsor, que custa rios de dinheiro, poder-se-ão pôr em órbita satélites de todos os géneros — maiores e menos complexos do que até agora, mas que poderão ser mantidos em órbita pela tripulação da nova nave espacial ou voltar à Terra, para serem reabastecidos.

Poderá levar combustível e abastecimento às estações espaciais, servir de laboratório ou de veículo de socorro.

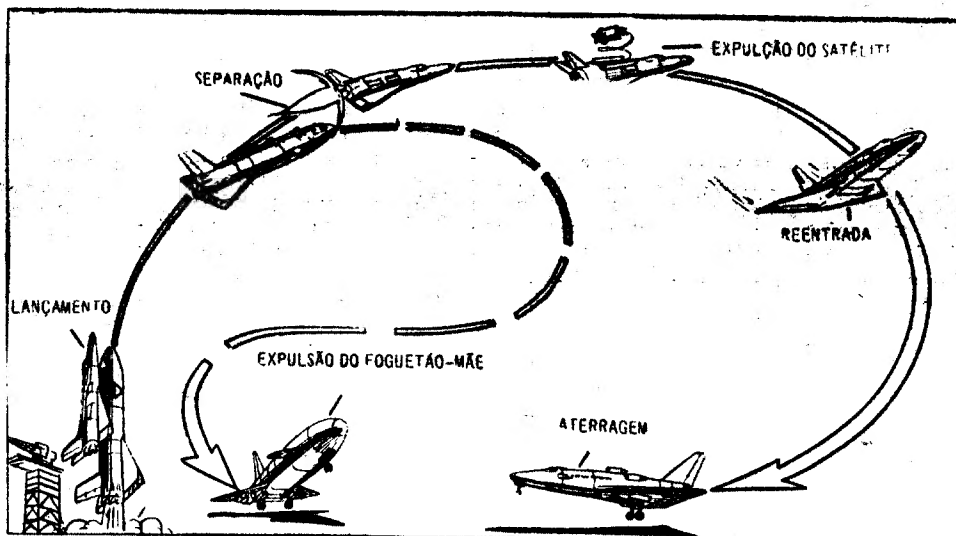
Apesar destas vantagens a nova nave espacial ainda não é uma certeza, estando dependente da aprovação, pelo Congresso, da verba de 6000 a 9000 milhões de dólares, em que ficará a sua construção. Mas se esta for aprovada, a Força Aérea pretende que a nave venha a executar determinadas tarefas, como por exemplo, reconhecimento sobre a União Soviética.

VOOS SOBRE A U. R. S. S.

A Força Aérea e a N. A. S. A. tinham, a princípio, ideias diferentes quanto à utilização da referida nave espacial. A primeira que, durante muito tempo, parecia ter perdido o debate, queria asas em delta. A N. A. S. A. era partidária de ter uma nave que fazia lembrar o «Jumbo Jet», e que ficaria mais barata.

A diferença principal entre ambas residia na flexibilidade operacional, conhecida tecnicamente como «cross range», isto é, a capacidade da nave espacial para rodar lateralmente, ao mudar de rumo, na sua viagem de regresso à Terra.

Na estrutura defendida pela N. A. S. A., o «cross range» — afirmam os especialistas — exigiria entre 200



Esta gravura mostra-nos o lançamento, separação e regresso à Terra da futura nave espacial. Esta é, primeiro, transportada pelo foguetão propulsor, que regressa à Terra. Depois, continua, para completar a sua missão, regressando, também, para vir a ser utilizada posteriormente.

a 400 milhas marítimas, enquanto que o sistema preconizado pela Força Aérea importaria, para o mesmo efeito, qualquer coisa como 1500.

O problema, segundo a N. A. S. A., estava em que as asas em delta, além de exigirem um maior «cross range», imporiam, também, uma mais forte estrutura de defesa contra o calor, pois se levaria mais tempo a reentrar na nossa atmosfera,

o que sujeitaria a nave a um período mais prolongado de altas temperaturas.

O sistema de defesa contra as altas temperaturas, acrescido do facto de a estrutura em delta ser muito mais complexa, encareceria a construção em cerca de 500 milhões de dólares.

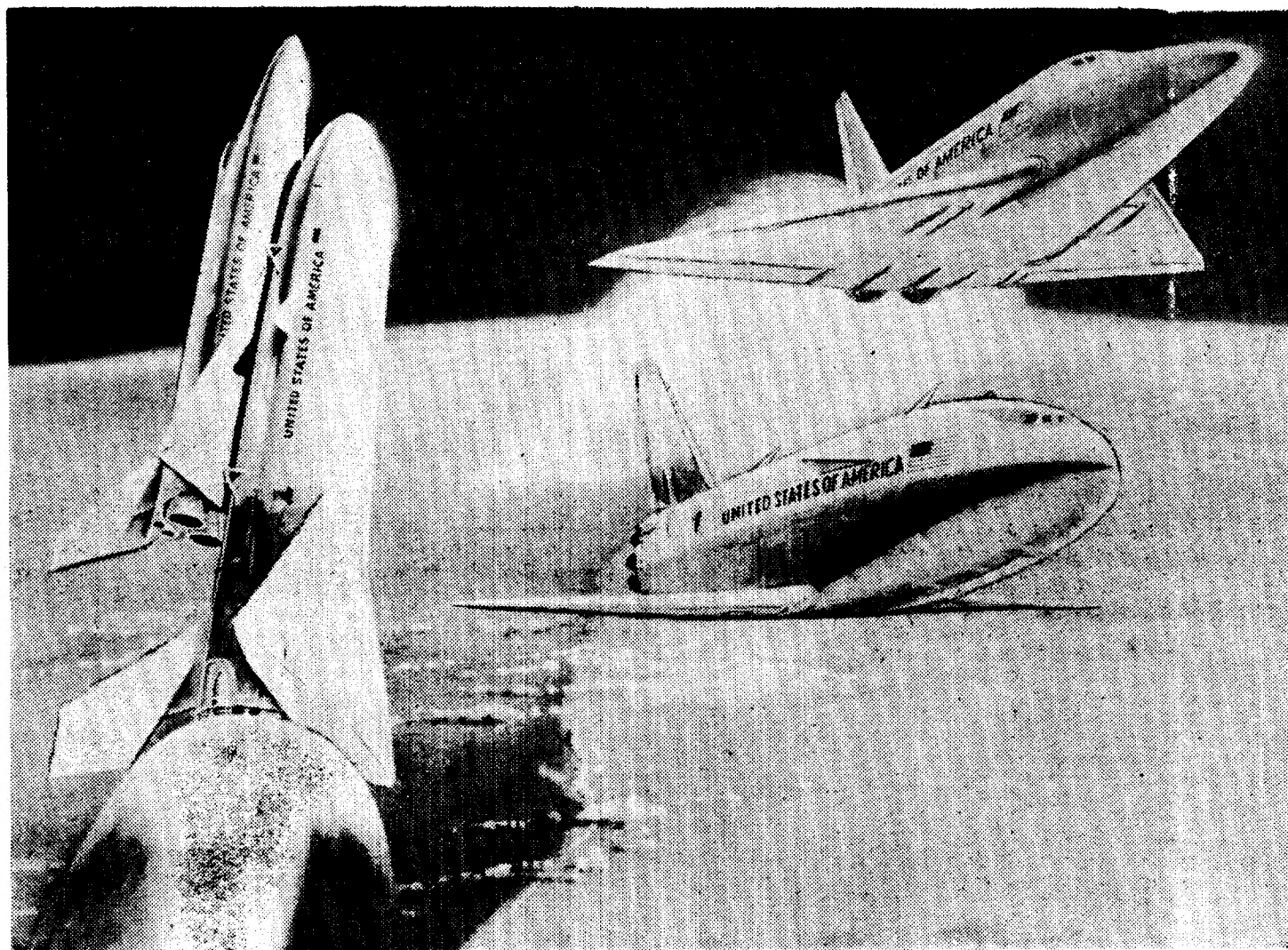
Pareceu, a princípio, que seria aprovado o projecto da N. A. S. A.

Mas, de súbito, verificou-se uma mudança, que se reflecte nos planos apresentados pelas duas principais empresas concorrentes à construção, a «North America Rockwell» e a «McDonnell Douglas».

A nave, concorda agora Charles W. Mathews, a segunda figura mais importante dentro da N. A. S. A., terá as asas em delta. A Força Aérea, como é óbvio, deve ter conseguido, com os seus argumentos, convencer o Governo.

Sem as asas em delta e o respectivo «cross range», a Força Aérea não conseguiria obter a versatilidade necessária às missões de carácter militar, como, por exemplo, uma órbita polar, e os voos sobre a União Soviética. Com o «cross range» por ela preconizado, será possível fazer com que a nave aterrisse imediatamente, em caso de necessidade, em quase todos os grandes aeroportos.

A Força Aérea deve ter levado em conta as suas operações de reconhecimento por meio de satélites e insistido na economia verificável, a longo prazo, com os lançamentos e a manutenção de uma espaçonave reutilizável. Além disso, terá insistido em que os Estados Unidos devam ir à frente da tecnologia soviética no capítulo das naves espaciais tripuladas.



Sem perder o foguetão impulsor, que custa rios de dinheiro, poderão pôr-se em órbita satélites de todos os géneros